

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

HUDSON SILVA DE AZEVEDO

**‘ESPIA SÓ ESSE MEME!’:
A PRESENÇA DA IDENTIDADE AMAZONENSE
NA LINGUAGEM MULTIMODAL DOS MEMES**

MANAUS - AM

2024

HUDSON SILVA DE AZEVEDO

**‘ESPIA SÓ ESSE MEME!’:
A PRESENÇA DA IDENTIDADE AMAZONENSE
NA LINGUAGEM MULTIMODAL DOS MEMES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas – UFAM – como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, na linha de pesquisa: Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Barros Teixeira

MANAUS - AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A994e Azevedo, Hudson Silva de
"Espia só esse meme!" : a presença da identidade amazonense na linguagem multimodal dos memes / Hudson Silva de Azevedo . 2024
121 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Wagner Barros Teixeira
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Gêneros digitais. 2. Memes. 3. Identidade cultural amazonense. 4. Análise de discurso. I. Teixeira, Wagner Barros. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

HUDSON SILVA DE AZEVEDO

**'ESPIA SÓ ESSE MEME!': A PRESENÇA DA IDENTIDADE AMAZONENSE NA
LINGUAGEM MULTIMODAL DOS MEMES**

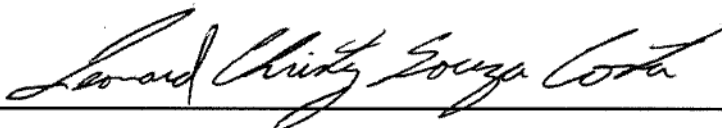
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 06 de março de 2024

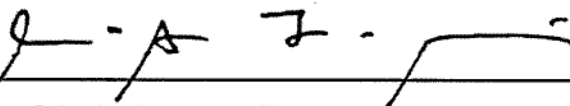
BANCA EXAMINADORA:



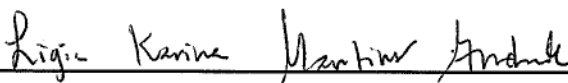
Prof. Dr. Wagner Barros Teixeira – **Presidente**
(UNILA e PPGL/UFAM)



Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa – **Membro**
(PPGL/UFAM)



Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza – **Membro**
(FLet/UFAM)



Profa. Dra. Ligia Karina Martins de Andrade – **Membro**
(UNILA)

Aos meus pais, Ivan Ramalho de Azevedo e Francisca Santana da Silva, por sempre me apoiarem e acreditarem na educação como instrumento de transformação.

AGRADECIMENTOS

A princípio, agradeço a Deus, por me abençoar com saúde e perseverança para continuar e concluir o Mestrado em Letras.

Agradeço aos meus pais, Ivan Ramalho de Azevedo e Francisca Santana da Silva, por sempre me incentivarem a continuar estudando e por apoiarem as minhas decisões pessoais, acadêmicas e profissionais.

Aos meus irmãos, Vanessa Silva de Azevedo, Vanderson Silva de Azevedo e Jessica da Silva Lima, por sempre me incentivarem e torcerem por mim, pelo meu desempenho e sucesso.

Aos meus amigos, Jeffrey Matheus e Antônio Carlos, por, ao longo desta jornada acadêmica que exige tempo e um pouco de reclusão, nunca terem deixado de fazer parte da minha vida.

À minha namorada, Ramilly Maria Barros dos Santos, por ter sido uma grande amiga e companheira neste período, 'emprestando os seus ouvidos', sempre que possível, para me ouvir reclamar, lamentar e comemorar cada novo passo dado em direção a conclusão da pesquisa.

Aos meus amigos que fiz ao longo do mestrado, em especial Ilna Kelly Ferreira dos Santos, por sempre me incentivar, ajudar e me apoiar ao longo dessa caminhada.

Aos meus amigos da Escola Estadual Manuel Rodrigues de Souza, por tornarem essa difícil tarefa de conciliação entre o trabalho e a pesquisa científica um pouco mais leve.

Aos Gestores Cleudomar Viana e César Marinho, por serem flexíveis e compreensíveis durante esse período de estudos.

Aos professores que conheci na graduação, Me. Raimundo Nonato, Dr. Fabrício Magalhães, Ma. Raquel Marques, Ma. Ana Maria Araújo e Ma. Silvana Oriente, por terem me estimulado a continuar pesquisando. E um agradecimento especial à professora Ma. Sônia Maria Alves, por ser uma das minhas maiores incentivadoras e fonte de inspiração como ser humano e profissional.

Ao meu orientador, Dr. Wagner Barros Teixeira, por assumir a orientação deste trabalho já em curso, acreditando na minha pesquisa e contribuindo de forma valiosa para a conclusão desta.

Ao Professor Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza, por ter sido o primeiro a abraçar a minha proposta de pesquisa, dando total suporte para que o

desenvolvimento deste trabalho fosse possível e por ajudar a me tornar um pesquisador melhor.

Agradeço, também, ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), em especial aos professores da área de Teoria e Análise Linguística, por terem compartilhado conhecimentos necessários para o desenvolvimento desta pesquisa.

A todos, cujo nome não foi citado, que de forma direta ou indireta contribuíram de alguma maneira para a realização deste trabalho.

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), pela oportunidade.

[...]

*De novo olhando pro rio,
Com sede de identidade,
Entendo que na vontade
De partir e de ficar,
O meu ser caboclo é
O encontro de duas águas:
Metade rio, metade mar.*

(Celdo Braga)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral avaliar de que maneira o gênero multimodal 'meme', constituído pela variante regional do estado do Amazonas e por singularidades culturais do homem do Norte, significa a identidade amazonense no ciberespaço das redes sociais digitais. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se examinar as características da linguagem e da cultura amazonense na contemporaneidade, considerando as mudanças estabelecidas pelo surgimento e uso contínuo das redes sociais digitais; analisar de que maneira o gênero digital 'meme', ao utilizar o amazonês e particularidades da cultura local em sua estrutura, retrata a identidade do morador do estado do Amazonas; e averiguar o modo como a identidade amazonense é significada a partir dos discursos e posicionamentos ideológicos que constituem os textos e os sujeitos-leitores. Para tanto, definiu-se, a princípio, os seguintes conceitos operacionais: sobre as redes sociais digitais são explorados os estudos de Nunes (2013) e Amoêdo (2021); sobre gêneros digitais temos Marcuschi (2010), Rojo (2015) e Paiva (2018); para o conceito de multimodalidade, a fala de Ribeiro (2016) e Alves (2020); o conceito 'meme' está ancorado nos estudos de Dawkins (2007), Shifman (2014), Oliveira (2019) e Vazan (2020); por fim 'cultura, identidade e linguagem regional' fundamentam-se em Bauman (2021), Thompson (2011), Freire (2020), Barroso, Bonete e Queiroz (2017). Além disso, a pesquisa está situada no campo da Análise de Discurso Francesa (ADF), logo, ampara-se nos métodos e estudos desenvolvidos por Pêcheux (2008), Orlandi (2015) e Freire (2021). Em consonância com a ADF, utilizou-se como procedimentos metodológicos a pesquisa qualitativa (Paiva, 2019), interpretativa/naturalística (Paiva, 2019) e bibliográfica de fontes primárias e secundárias (Lakatos; Marconi, 2018). Neste sentido, o corpus definido para análise trata-se de vinte memes publicados entre abril de 2021 e dezembro de 2022 na rede social digital 'Instagram' – veiculados pelas páginas 'Manaus Memes', 'Manaus na depressão' e 'Telezé Manaus' – e os respectivos comentários realizados por usuários que contataram os textos escolhidos. Obtendo-se resultados que apontam para a presença de uma 'identidade/personalidade múltipla' significada por meio de discursos que integram os espaços virtuais e compõem a subjetividade do amazonense.

Palavras-chave: Gêneros digitais. Memes. Identidade Cultural Amazonense. Análise de Discurso.

ABSTRACT

This research has the general objective of evaluating how the multimodal genre 'meme', constituted by the regional variant of the state of Amazonas and by cultural singularities of the man from the North, signifies the Amazonian identity in the cyberspace of digital social networks. As for specific objectives, we sought to examine the characteristics of Amazonian language and culture in contemporary times, considering the changes established by the emergence and continuous use of digital social networks; analyze how the digital genre 'meme', when using Amazonian and particularities of local culture in its structure, portrays the identity of residents of the state of Amazonas; and investigate the way in which the Amazonian identity is signified based on the discourses and ideological positions that constitute the texts and the subject-readers. To this end, the following operational concepts were initially defined: studies by Nunes (2013) and Amoêdo (2021) are explored on digital social networks; on digital genres we have Marcuschi (2010), Rojo (2015) and Paiva (2018); for the concept of multimodality, the speech of Ribeiro (2016) and Alves (2020); the 'meme' concept is anchored in the studies of Dawkins (2007), Shifman (2014), Oliveira (2019) and Vazan (2020); finally 'culture, identity and regional language' are based on Bauman (2021), Thompson (2011), Freire (2020), Barroso, Bonete and Queiroz (2017). Furthermore, the research is located in the field of French Discourse Analysis (ADF), therefore, it is supported by the methods and studies developed by Pêcheux (2008), Orlandi (2015) and Freire (2021). In line with the ADF, qualitative (Paiva, 2019), interpretative/naturalistic (Paiva, 2019) and bibliographic research of primary and secondary sources (Lakatos; Marconi, 2018) were used as methodological procedures. In this sense, the corpus defined for analysis are twenty memes published between April 2021 and December 2022 on the digital social network 'Instagram' – published by the pages 'Manaus Memes', 'Manaus na depression' and 'Telezé Manaus' – and the respective comments made by users who contacted the chosen texts. Obtaining results that point to the presence of a 'multiple identity/personality' signified through discourses that integrate virtual spaces and make up the subjectivity of Amazonians.

Keywords: Digital genres. Memes. Amazonian Cultural Identity. Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Meme sobre o elenco do clube carioca Flamengo	28
Figura 2 - Meme sobre decisões políticas que afetam a Zona Franca de Manaus ...	29
Figura 3 - Meme sobre questões socioeconômicas	30
Figura 4 - Meme sobre Literatura Trovadoresca	31
Figura 5 - Memes sobre aspectos da cultura amazonense	32
Figura 6 - Comentário sobre os memes apresentados na figura 5.....	34
Figura 7 – Meme que satiriza personagens da novela Pantanal.....	58
Figura 8 - Comentários sobre o meme da Figura 7.....	59
Figura 9 – Meme que ironiza a informação da página ‘exame’	60
Figura 10 - Comentários sobre o meme da Figura 9.....	61
Figura 11 – Meme produzido com base na série ‘Round 6’	62
Figura 12 - Comentários sobre o meme da Figura 11	63
Figura 13 – Meme sobre a Linguagem Amazonense I.....	64
Figura 14 - Meme sobre a Linguagem Amazonense II.....	65
Figura 15 - Meme sobre a Linguagem Amazonense III.....	66
Figura 16 - Comentários sobre os memes das Figuras 13, 14 e 15.....	67
Figura 17 – Meme que satiriza o filme ‘Avatar: O caminho da Água’	68
Figura 18 - Comentários sobre o meme da Figura 17	69
Figura 19 – Meme sobre o comportamento amazonense	70
Figura 20 - Comentários sobre o meme da Figura 19.....	71
Figura 21 – Meme sobre o dia a dia do Distrito Industrial de Manaus.....	72
Figura 22 - Comentários sobre o meme da Figura 21	73
Figura 23 – Meme sobre a lesão de Neymar	74
Figura 24 - Comentários sobre o meme da Figura 23.....	75
Figura 25 – Meme sobre a convivência em casal	76
Figura 26 - Comentários sobre o meme da Figura 25.....	77
Figura 27 – Meme sobre ‘visagem’	78
Figura 28 - Comentários sobre o meme da Figura 27	79
Figura 29 – Meme sobre a aparência dos amazonenses.....	80
Figura 30 - Comentários sobre o meme da Figura 29.....	81
Figura 31 – Meme sobre o humor amazonense.....	82
Figura 32 - Comentários sobre o meme da Figura 31	83

Figura 33 – Meme sobre um dos mais importantes símbolos do AM.....	84
Figura 34 - Comentários sobre o meme da Figura 33.....	85
Figura 35 – Meme sobre o AM no olhar de quem não habita a região.....	86
Figura 36 - Comentários sobre o meme da Figura 35.....	87
Figura 37 – Meme sobre peculiaridades amazonenses	88
Figura 38 - Comentários sobre o meme da Figura 37.....	89
Figura 39 – Meme sobre a famosa ‘boca de lobo’.....	90
Figura 40 - Comentários sobre o meme da Figura 39.....	91
Figura 41 – Meme sobre o folclore da região norte.....	92
Figura 42 - Comentários sobre o meme da Figura 41.....	93
Figura 43 – Meme sobre o lazer amazonense	94
Figura 44 - Comentários sobre o meme da Figura 43.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – A presença da linguagem amazonense nos memes.....	96
Quadro 2 - Memes situacionais.....	97
Quadro 3 - Memes sobre o estereótipo amazonense	99
Quadro 4 - Memes denunciativos.....	100
Quadro 5 - Memes com ênfase no contexto urbano	101
Quadro 6 - Memes com ênfase no contexto campestre	101
Quadro 7 - Representação do contraste: urbano x campestre.....	102
Quadro 8 - Negação à Identidade Local.....	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ESTABELECENDO CENÁRIOS	14
CAPÍTULO 1 - CONCEITOS OPERACIONAIS.....	18
1.1 AS REDES SOCIAIS E OS GÊNEROS DIGITAIS.....	18
1.2 MULTIMODALIDADE E MULTILETRAMENTO	21
1.3 MEME: UM IMPORTANTE GÊNERO CONTEMPORÂNEO	25
1.4 CULTURA, IDENTIDADE E LINGUAGEM REGIONAL	35
1.4.1 Cultura	36
1.4.2 Identidade	40
1.4.3 A Construção da Identidade Cultural Amazonense	42
1.4.4 A Linguagem Amazonense: 'O Amazonês'.....	48
CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	53
2.1 A ANÁLISE DE DISCURSO.....	54
2.2 A ESCOLHA DO CORPUS.....	56
2.3 A ANÁLISE DO CORPUS.....	57
2.4 COTEJAMENTO DAS ANÁLISES	96
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E RESULTADOS.....	104
3.1 CABOCLO RAIZ.....	104
3.2 CABOCLO NUTELLA.....	105
3.3 CABOCLO FAKE	106
3.4 CABOCLO MULTICULTURAL	108
3.5 O AMAZONENSE, UMA 'PERSONALIDADE MÚLTIPLA'	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS.....	117

INTRODUÇÃO: ESTABELECENDO CENÁRIOS

A pesquisa '*Espia só esse meme!*': a presença da identidade amazonense na linguagem multimodal dos memes está situada no campo de estudos da Análise de Discurso Francesa (AD), na área de Teoria e Análise Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

O interesse em pesquisar a identidade cultural amazonense e a linguagem multimodal dos memes explica-se, primeiro, pelo fato de ser natural do estado do Amazonas, filho de uma família tipicamente amazonense, com costumes e hábitos locais e com uma linguagem que exhibe registros linguísticos típicos da região. Cresci ouvindo as narrativas de aventura do meu avô e do meu pai, dois caboclos do interior cuja vida se desdobrou diante dos desafios apresentados pela densa floresta amazônica. Tornei-me, assim, um jovem com raízes culturais fortemente fincadas no solo amazonense, característica reforçada, anos depois, quando ingressei na faculdade, no curso de Licenciatura Plena em Letras, e me deparei com os estudos linguísticos e literários produzidos sobre a região e por estudiosos pertencentes também a esta terra. A partir de então o interesse pela subjetividade que integra a identidade cultural do Amazonas só aumentou, motivando a realização de pesquisas que me permitiram dialogar com estudiosos, tal como Souza (2010), Benchimol (2021) e Freire (2020), e, conseqüentemente, entender essa relação de amor e desprezo que existe entre o amazonense e as manifestações culturais que representam este espaço, o Amazonas.

Observa-se, porém, na contemporaneidade, uma nova configuração relacionada a este problema de identidade ou de negação da mesma, justificada pela evolução expressiva no processo de comunicação, principalmente, em função do surgimento da *internet* e das redes sociais. Logo, o interesse em utilizar os memes neste estudo decorre do fato de que sou um dentre milhares de outros usuários das redes sociais digitais que se divertem e identificam com alguns destes gêneros multimodais propagados cotidianamente no ciberespaço. Porém, devido a minha formação, comecei a prestar atenção àqueles textos que abordavam questões culturais especificamente do norte do país, avaliando a estrutura dessas produções, a composição temática e a linguagem. Notando, assim, uma mudança de postura expressa nas redes por parte da população local, que também é usuária destes ambientes virtuais, ou seja, ao contatarem os gêneros digitais, que são amplamente

disseminados e que, além de engraçados, tematizam situações culturais amazonenses (fala, culinária, clima etc.), sentem-se representados e de alguma forma, por uma questão particular, identificados culturalmente, motivando-os a ação de ‘comentar’ e ‘compartilhar’ esses gêneros com outras pessoas em suas próprias contas virtuais.

Por isso, o gênero ‘meme’ ganha lugar de destaque neste estudo, pois revela-se como um importante gênero textual digital e multimodal criado neste século e que consegue atender às características discursivas que a sociedade contemporânea necessita, uma vez que são dinâmicos e compostos por múltiplas semioses (Oliveira, 2019). Assim, essa nova composição textual, facilmente acessada nas redes sociais, não só se destaca por ser bem aceita pelo público, devido ao seu tom humorístico, como também chama a atenção para várias discussões atuais no campo da política, educação, cultura entre outros. Os memes são, dessa forma, espaços comunicativos que, apesar de ainda serem encarados com banalidade, têm muito a ensinar sobre as relações socioculturais que se constroem e se modificam por meio das palavras.

Neste sentido, busca-se responder ao seguinte questionamento: de que maneira a produção e disseminação do gênero multimodal ‘meme’, constituído pela variante regional do estado do Amazonas – o amazonês – e por especificidades culturais do homem do norte, significam a identidade amazonense no ciberespaço das redes sociais digitais? Para tanto, a AD apresenta-se como método capaz de esclarecer este fenômeno linguístico e identitário que ocorre na região norte do país, mais precisamente nos espaços virtuais. Uma vez que pode ser definida como uma vertente da linguística que busca “explicar o processo da constituição do sentido a partir da língua” (Freire, 2021, p. 20), revelando discursos e ideologias que formam e significam os sujeitos.

Ademais, este trabalho justifica-se pela contribuição no campo dos estudos voltados à identidade cultural amazonense, ajudando a entender e reforçar essas raízes necessárias para a construção da subjetividade de todos que habitam esta região repleta de riquezas, que estão presentes inclusive na linguagem midiática. Além disso, por meio deste escrito, incentivar a produção científica sobre a cultura regional, bem como, a valorização dos gêneros midiáticos, que por vezes são encarados como triviais e sem conteúdo. Ressalta-se também o impacto que o desenvolvimento deste trabalho produzirá aos profissionais da educação, uma vez que os gêneros digitais, tais como o meme, beneficia a realização de atividades

pedagógicas de sala de aula – não só de língua portuguesa - com estratégias mais dinâmicas e significativas, já que os alunos/jovens representam a grande maioria que está conectada ao mesmo tempo em inúmeras redes sociais. Em suma, a pesquisa apresenta-se como uma oportunidade para refletir e discutir junto à sociedade, a partir de resultados decorrentes da análise de dados, a maneira como o mundo e a cultura se constroem e se modificam todos os dias por meio das palavras.

Desse modo, fundamentado nas inquietações, questionamentos e justificativas aqui apresentadas, temos como objetivo geral:

- Avaliar de que maneira o gênero multimodal ‘meme’, constituído pela variante regional do estado do Amazonas e por singularidades culturais do homem do Norte, significa a identidade amazonense no ciberespaço das redes sociais digitais.

E, como objetivos específicos:

- Examinar as características da linguagem e da cultura amazonense na contemporaneidade, considerando as mudanças estabelecidas pelo surgimento e uso contínuo das redes sociais digitais;
- Analisar de que maneira o gênero digital ‘meme’, ao utilizar o amazonês e particularidades da cultura local em sua estrutura, retrata a identidade do morador do estado do Amazonas;
- Averiguar o modo como a identidade amazonense é significada a partir dos discursos e posicionamentos ideológicos que constituem os textos e os sujeitos-leitores.

Com o intuito de alcançar os objetivos apresentados, três perguntas direcionaram a produção da pesquisa:

- Quais são as características da linguagem e da cultura amazonense na contemporaneidade, em um contexto marcado pelo surgimento das redes sociais digitais?
- Como o gênero digital ‘meme’, ao utilizar o amazonês e peculiaridades da cultura local em sua composição, retrata a identidade do morador do estado do Amazonas?
- De que maneira a identidade amazonense é significada a partir dos discursos e posicionamentos ideológicos que constituem os textos e os sujeitos-leitores?

Para tanto, a pesquisa ancorou-se na abordagem qualitativa (Paiva, 2019) e se desenvolveu em três momentos: primeiro, por meio da pesquisa bibliográfica de fontes secundárias (Lakatos; Marconi, 2018) para a definição de conceitos operacionais que são chaves para a compreensão dos passos e resultados expostos neste escrito; em seguida, utilizando-se da pesquisa bibliográfica de fontes primárias (Lakatos; Marconi, 2018) e da Análise de Discurso Francesa (ADF), buscou-se interpretar o processo de produção e formação de sentidos em vinte memes (corpus) publicados entre abril de 2021 e dezembro de 2022 na rede social digital 'Instagram' – veiculados pelas páginas 'Manaus Memes', 'Manaus na depressão' e 'Telezé Manaus' – e os respectivos comentários realizados por usuários que contataram os textos escolhidos; e, por fim, a partir do cotejamento das análises e interpretações realizadas sob a ótica da ADF, apresentar os discursos e posicionamentos ideológicos que integram o corpus selecionado e que constituem a identidade cultural amazonense.

Quanto à estrutura, esta dissertação organiza-se em três capítulos. No Capítulo 1 – Conceitos operacionais, o leitor é situado sobre os principais conceitos que compõem este escrito: as redes sociais digitais (Nunes, 2013; Amoêdo, 2021), gêneros digitais (Marcuschi, 2010; Rojo, 2015; Paiva, 2018), multimodalidade (Ribeiro, 2016; Alves, 2020), o meme (Dawkins, 2007; Shifman, 2014; Oliveira, 2019; Vazan, 2020), cultura, identidade e linguagem regional (Bauman, 2021; Thompson, 2011; Freire, 2020; Barroso, Bonete e Queiroz, 2017).

No Capítulo 2 – Procedimentos metodológicos (Paiva, 2019; Lakatos, 2018), são apresentadas: a escolha comum, porém importantíssima, pela pesquisa bibliográfica – de fontes primárias e secundárias; a análise de discurso como método de pesquisa; a análise do corpus e o cotejamento das análises (Pêcheux, 2008; Orlandi, 2015; Freire, 2021).

No Capítulo 3 – Análise e resultados, momento em que se interpreta os dados obtidos ao longo da pesquisa, com o intuito de perceber semelhanças ou divergências que apontem para descobertas e/ou compreensão de um fenômeno. Por fim, as Considerações finais, indicando os principais achados deste trabalho, advindos das análises e interpretações realizadas. Em sequência, encontram-se as Referências utilizadas ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO 1 - CONCEITOS OPERACIONAIS

Neste capítulo, serão apresentados os principais conceitos operacionais que integram e fundamentam esta pesquisa. Assim, a compreensão deste escrito, bem como de sua intencionalidade científica, passa, a princípio, por entender o que são as redes sociais, os gêneros digitais, a multimodalidade, o multiletramento, o meme, a cultura, a identidade e o ‘amazonês’.

1.1 AS REDES SOCIAIS E OS GÊNEROS DIGITAIS

Os estudos linguísticos revelam que a língua, a fala e, conseqüentemente, a comunicação desenvolveram-se à medida que o ser humano evoluiu fisicamente, cognitivamente e socialmente. Há, na verdade, várias teorias que tentam explicar a gênese do comportamento comunicativo humano, que segundo Franchetto e Leite (2004, p. 12), “é altamente controvertida, dada a inexistência de provas e testemunhos factuais”. Por isso, surgiram as mais variadas divagações sobre este fenômeno linguístico, das mais inusitadas às mais fantasiosas. Entretanto, tais premissas foram importantíssimas para o surgimento de uma ciência preocupada com aquilo que nos difere dos demais animais e que nos situa como seres cognitivamente privilegiados: a linguagem.

Nesse sentido, a maneira como utilizamos a linguagem para criarmos conceitos, nos comunicarmos e estabelecer relações é, sem dúvida, uma característica marcante dos seres humanos que, historicamente, realiza-se e evolui para atender os anseios da sociedade. Em vista disso, Santos (2020) expressa que,

[...] além da veiculação de mensagens por meio de entidades humanas [...] a comunicação também foi mediada de diversas outras maneiras e com o auxílio de inúmeras tecnologias. Contudo, foi com o advento da escrita, e sob o aporte dessa nova tecnologia, que o desenvolvimento da comunicação, e dos gêneros textuais, alça um enorme avanço (Santos, 2020, p. 22).

Nota-se, dessa maneira, que a comunicação humana com o surgimento da escrita, atingiu patamares outrora inimagináveis, uma vez que facilitou a veiculação de mensagens, a propagação de informações, o registro de dados, entre outros acontecimentos que evidenciaram, ainda mais, a capacidade humana de criar e recriar, por meio da linguagem, “a partir de então, a tecnologia, e outros artefatos

culturais de transmissão de mensagens e interação, a linguagem e os gêneros textuais percorrem caminhos praticamente indissociáveis” (Santos, 2020, p. 22).

Assim, considerando esse processo de evolução e aperfeiçoamento inerente ao homem, novos meios para se comunicar e propagar mensagens e/ou informações foram desenvolvidos, isto é, “o homem evoluiu e esta evolução foi acompanhada pelas mídias que acarretam transformações sociais, culturais e educacionais” (Nunes, 2013, p. 10). Essas mídias podem ser definidas como “sistema[s] que permite[m] novas formas de comunicação e expressão do indivíduo no mundo” (Nunes, 2013, p. 10). Nesse contexto, o rádio, a TV, o computador e principalmente a *internet* são bons exemplos de criações midiáticas que mudaram consideravelmente a interação humana, no que diz respeito ao ato de comunicar e informar.

É inegável, portanto, o papel das mídias no processo de transformação da vida em sociedade, observado na facilidade com que as informações são propagadas e na rapidez com que a comunicação se realiza, influenciando diretamente na construção dos sujeitos e na maneira como estes vivem. Por isso, a *internet* sempre recebe lugar de destaque quando se discute essas transformações sociais proporcionadas pelo contato, cada vez mais frequente, entre o homem e as mídias. Sobre a *internet*, Amoêdo (2021) argumenta:

[...] essa nova configuração técnica transformou o modo de como as pessoas se comunicam, tendo suas vidas profundamente afetadas por essa nova tecnologia e que podem utilizá-la de diversas maneiras, bem como também sendo atores sociais responsáveis de forma dialética para essa transformação (Amoêdo, 2021, p. 53).

O autor revela que a *internet* exerceu e continua exercendo um papel fundamental no processo de mutação das relações sociais e comunicativas, uma vez que essa tecnologia consegue afetar o dia a dia das pessoas de várias maneiras e em contextos variados, em casa, na escola, no trabalho etc. Tal fenômeno deve-se, principalmente, ao fato de que a *internet* possibilitou o desenvolvimento de mídias sociais, ou seja, “[...] sistemas on-line que têm por objetivo permitir a interação entre as pessoas, possibilitando a criação colaborativa e o compartilhamento de informações diversas, tais como fotos, vídeos, áudios, textos, dentre outros” (Nunes, 2013, p. 14).

Dessa maneira, com o advento da *internet*, a humanidade foi impulsionada a um outro patamar comunicativo e de interação social. Espaços virtuais foram

elaborados para facilitar as relações entre grupos de interesses em comum, surgindo, assim, as redes sociais digitais. Sobre o tema, Nunes (2013) reforça que:

Redes sociais são grupos de pessoas com interesses comuns que se relacionam e isso sempre ocorreu através dos tempos, mesmo antes da internet. Com a internet, esses grupos ganharam um novo ambiente para se relacionarem, o ambiente virtual (Nunes, 2013, p. 15).

Diante desse cenário, fica claro que os espaços virtuais surgem como uma extensão daquilo que já existia na realidade, nos espaços físicos. Contudo, a *internet* amplia as possibilidades e proporciona aos seus usuários experiências comunicativas e cognitivas que outrora não seriam possíveis, ou aconteceriam de maneira muito mais lenta. A partir disso, conseqüentemente, as redes sociais digitais, elevam o nível de interação humana. Segundo Amoêdo (2021),

A partir de 2002, com a “explosão” dos sites de redes sociais na web, como Facebook, Instagram, Youtube, Twitter, WhatsApp, Orkut e outros, expandiu-se o domínio dessa nova configuração midiática. As redes digitais são em natureza globais, pois têm a capacidade de se reconfigurar de acordo com os programadores, ultrapassando fronteiras espaciais e temporais por meio de redes de computadores (Amoêdo, 2021, p. 54).

Nesse sentido, com um mundo cada vez mais globalizado e tecnológico, as redes sociais digitais têm ocupado espaços e boa parte do tempo das pessoas inseridas nesses ambientes virtuais, fato que revela novos hábitos, discursos e linguagens. Marcuschi (2010, p. 16), em seus escritos, já apontava a *internet* como “[...] uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”, destacando também que “esse meio propicia, ao contrário do que se imaginava, uma ‘interação altamente participativa’” (Marcuschi, 2010, p. 20), por meio de gêneros textuais criados ou apenas adaptados para esse novo cenário. Diante disso, a fala de Paiva (2018, p. 50) corrobora com o exposto por Marcuschi (2010), afirmando que é, pontualmente, a partir das demandas sociais que “surgem novos gêneros em função de condições sócio-discursivas”.

Mas, o que é um gênero e de que maneira eles surgem, constroem-se e passam a compor a atividade comunicativa realizada entre interlocutores? Marcuschi (2010, p. 19) declara que “os gêneros são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural”. Além disso, acrescenta “que os gêneros textuais são frutos de complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem” (Marcuschi, 2010, p. 23). Logo, considerando as duas assertivas, observa-se um padrão simples que orienta a produção dos gêneros, ou seja, os gêneros textuais surgem nos mais

variados contextos, tendo em vista uma necessidade comunicativa, utilizando uma linguagem que é comum naquele meio. Tal configuração evidencia, desta forma, o aspecto cultural enfatizado pelo autor, pois a linguagem, através dos gêneros e da maneira como eles são constituídos, revela uma identidade pertencente aos seus usuários.

Assim, surgem os gêneros digitais ou emergentes que, para Marcuschi (2010, p. 35) “parecem projeções ou ‘transmutações’ de outros como suas contrapartes prévias”, ou seja,

[...] o ambiente virtual adequa, altera gêneros preexistentes agregando a estas particularidades do meio digital, surgindo, por conseguinte, os gêneros digitais. E estes estão em constante aprimoramento tendo em vista a dinamicidade da língua e sua atuação social (Paiva, 2018, p. 52-53).

À vista disso, fica claro que os gêneros digitais são o resultado de uma necessidade comunicativa que se deu a partir do surgimento, principalmente, da *internet* e das redes sociais. Isso propiciou uma relação entre “diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas em uma velocidade espantosa e, na maioria dos casos, em uma relação síncrona” (Marcuschi, 2010, p. 24), na qual “os interlocutores utilizam-se de outros mecanismos e ferramentas para a atividade comunicativa. As práticas sociais realizam-se em gêneros digitais” (Paiva, 2018, p. 51).

Portanto, na contemporaneidade, o processo de comunicação e informatização produz-se em larga escala, em uma velocidade espantosa. Esta realidade se deve ao fato de que “deixamos de conceber a linguagem como interação humana apenas no aspecto físico natural, [...] ganhando contornos no plano virtual em ênfase na semiótica multimodal” (Paiva, 2018, p. 50). Então, torna-se evidente a importância de estudos que buscam entender a presença dos “gêneros no ambiente virtual, com características singulares e inovadoras, que envolvam o global, a dinamização e a volatilidade do evento – um fenômeno tecnológico” (Paiva, 2018, p. 51), e que revelam, por meio da linguagem, as características sociais e culturais pertencentes ao ser humano deste século.

1.2 MULTIMODALIDADE E MULTILETRAMENTO

Vive-se um momento histórico, marcado por várias descobertas e evoluções, principalmente no campo tecnológico. Tal fato se deve a um processo de

aperfeiçoamento que permitiu ao ser humano executar suas tarefas diárias de maneira mais rápida, dinâmica e eficiente. A comunicação e a informatização são exemplos de atividades cotidianas que se desenvolveram a passos largos, em um curto período de tempo, por conta deste processo evolutivo, ressaltando o papel das mídias como elementos que transformaram a vida do homem moderno. Nesse contexto de inovação e adaptação, surgem novas formas de se estabelecer a comunicação e disseminar informações, através de gêneros midiáticos e digitais que encurtaram a distância entre os interlocutores e criaram novas possibilidades para a transmissão de mensagens.

Assim, nos estudos realizados por Santaella (1996, p. 43) a linguagem utilizada no espaço midiático ganha certa notoriedade, pois “são mensagens que se organizam no entrecruzamento e na inter-relação bastante densa de diferentes códigos e de processos sígnicos diversos, compondo estruturas de natureza altamente híbrida”, isto é, os ambientes midiáticos proporcionaram ao ser humano inúmeras possibilidades comunicativas, fato perceptível nos gêneros que já existiam, mas que sofreram modificações, ou nos ‘cruzamentos’ realizados entre diferentes linguagens, ou ainda na criação de novos gêneros, resultantes de uma exigência social. Dessa maneira, Santaella (1996) reforça e caracteriza a linguagem utilizada nas mídias, ressaltando que nestes espaços,

[...] as demarcações não são rígidas e inflexíveis porque o próprio advento da cultura das mídias, por si só, modificou sensivelmente todo o território da cultura, transformando-o num território movente, sem contornos definidos, em que formas de produção e recepção de mensagens se intercambiam, se cruzam constantemente (Santaella, 1996, p. 43)

Diante desse cenário, exposto por Santaella (1996), é possível observar que à medida que as mídias surgiram e evoluíram, a comunicação, realizada por meio de textos, seguiu os mesmos passos, modificando-se sempre que necessário, já que a liberdade e a flexibilidade são importantes engrenagens para o funcionamento de uma cultura midiática. Atrelado a isto, Santaella (1996) destaca que

[...] os níveis e graus de importância de cada código e os movimentos das hierarquias entre os códigos vão compondo mensagens semiologicamente diversificadas nas quais impera não a redundância, mas cooperação intercódigos, interlinguagens tanto na formação da mensagem quanto no efeito de compreensão a ser produzido no receptor (Santaella, 1996, p. 46).

A autora revela uma característica importante que compõe a linguagem dos textos midiáticos: a cooperação intercódigos ou interlinguagens. Aponta-se, portanto,

para a complexidade quanto ao processo de produção e recepção, ampliando as possibilidades do universo semântico. Nesse sentido, o jornal apresenta-se como um bom exemplo de espaço midiático composto por uma simultaneidade linguística: a linguagem verbal escrita, a fotográfica, a gráfica etc. (Santaella, 1996, p. 46). O cinema é também um bom exemplo, pois utiliza-se da pintura, fotografia, teatro, som, música, linguagem verbal e gestual, para que, de forma artística, plástica e muito bem ensaiada, ocorra a interação de todas estas linguagens visando a transmissão de uma única mensagem (Santaella, 1996, p. 47). Além disso, “[...] por mais que a mensagem transmitida pela TV seja banal, superficial e esquemática, sua complexidade semiótica é sempre grande. Tudo se dá ao mesmo tempo: som, verbo, imagens [...]” (Santaella, 1996, p. 47).

Tais características destacadas na linguagem midiática por Santaella (1996), também compõem a maioria dos gêneros digitais, ou seja, a utilização de várias linguagens em um único texto, objetivando o compartilhamento de uma mensagem. Sobre isto, Santos (2020, p. 29) afirma que com o surgimento da *internet* “[...] a Cibercultura produziu [...] uma multiforme manifestação de gêneros digitais que trataram de construir a significação conforme as demandas próprias das condições de interação, uso e produção online”. Desta forma, percebe-se que os espaços digitais, elaborados por meio da *internet*, representam mais interação, produção e circulação de conteúdo, mesmo que estas construções textuais sejam efêmeras, mutáveis, criativamente imprecisas e que não representem uma forma consolidada, devido ao seu caráter instável (Santos, 2020, p. 29). Júnior, Santana e Menezes (2017) corroboram o discurso de Santos (2020), enfatizando que:

A integração das várias linguagens – que envolve palavras, imagens, sons, entre outras, tornou-se a principal característica das produções textuais vinculadas na *internet* e mais precisamente nas redes sociais. O indivíduo usa a criatividade para representar a si mesmo e o mundo – como ele vê individual e coletivamente, através de um processo de construção e reconstrução de referentes e entidades (Júnior; Santana; Menezes, 2017, p. 2).

Os gêneros midiáticos e os gêneros digitais, portanto, são constituídos por múltiplas linguagens, que tornam a mensagem mais completa e às vezes complexa, por envolver mais de um elemento semiótico. Essa assertiva evidencia um outro conceito, que ganhou certo destaque nas discussões atuais relacionadas, principalmente, aos gêneros digitais, mas que não é algo inédito, trata-se da multimodalidade. Segundo Alves (2020, p. 30) os textos multimodais “são aqueles que

empregam duas ou mais modalidades de formas linguísticas [...] com o objetivo de proporcionar uma melhor inserção do leitor no mundo contemporâneo”. Essa fala é corroborada por Rojo (2015), que define o texto multimodal ou multissemiótico como “aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição” (Rojo, 2015, p. 108), ou seja, o texto, neste caso, constitui-se a partir do entrelaçamento entre o verbal, o gestual, o visual e o sonoro. Ademais, Ribeiro (2016) afirma que:

Um texto multimodal não é apenas aquele em que duas ou mais linguagens convivem, em algum tipo de relação como complementariedade, redundância, discordância etc. Um texto multimodal é uma peça que resulta de escolhas de modulações, inclusive dentro da mesma semiose (Ribeiro, 2016, p. 115).

Nessa sequência, é nítida a presença da multimodalidade em um número bem elevado de gêneros que são utilizados cotidianamente nas mais diversas atividades comunicativas, tais como as histórias em quadrinho, as charges, as propagandas etc. Entretanto, é óbvio que as mídias e, conseqüentemente, a criação da *internet* ajudaram a fomentar esta prática textual multimodal. De acordo com Alves (2020, p. 33), “com o surgimento das novas tecnologias e as grandes transformações trazidas pela *internet*, os textos multimodais com suas características híbridas utilizam várias combinações para transmitir seu conteúdo”. Isto é facilmente observado em gêneros tal como os memes, que se utilizam de várias modalidades para a sua composição textual.

Os complexos e mais variados sistemas de textos, os quais têm surgido como reflexo das constantes modificações nas formas de interação e comunicação entre os sujeitos, têm revelado o quanto a multimodalidade se insere entre as principais e preferidas formas textuais produzidas na sociedade contemporânea (Júnior; Santana; Menezes, 2017, p. 2).

Verifica-se na fala dos autores que a contemporaneidade apontou práticas comunicativas virtuais que se realizam por meio de textos multimodais, pois estes se revelam mais atrativos e, por conseguinte, bem quistos, uma vez que reúnem características representativas do homem moderno: rapidez, dinamicidade e eficiência. “Assim, o uso dos diversos modos linguísticos não é aleatório, mas resultante de escolhas com vistas a uma representação significativa” (Júnior; Santana; Menezes, 2017, p. 5), ou seja, a liberdade com que se produz e dissemina textos virtuais não acontece sem uma carga de intencionalidade que já era comum em gêneros anteriores às mídias e ao ciberespaço.

Entretanto, é importante ressaltar o fato de que “a multimodalidade não é tão fácil para o leitor” (Alves, 2020, p. 29), pois exige “[...] a concorrência de diversos sentidos receptores para sua decodificação e fruição, o que produz efeitos psicofísicos e cognitivos também variados no receptor” (Santaella, 1996, p. 45). Ou seja, os gêneros evoluíram, atendendo às necessidades e transformações sociais, ao mesmo tempo que passaram a exigir mais dos leitores. Leitores que possuam como característica o multiletramento, isto é, a habilidade de estabelecer sentidos e interpretar textos constituídos por mais de uma modalidade linguística. Sobre este aspecto, Rojo (2012) destaca algumas particularidades:

[...] o conceito de multiletramentos — é bom enfatizar — aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (Rojo, 2012, p. 13).

Assim, Rojo (2012) expõe aspectos sociais que constituem as relações e a subjetividade do sujeito contemporâneo – o multiculturalismo e a multissemiótica – destacando os efeitos da globalização e da tecnologia sobre a sociedade. Portanto, é evidente que “[...] os textos mudam ao longo da história. Sua composição, seu modo de fazer, [bem como] as práticas de leitura em que estão envolvidos” (Ribeiro, 2016, p. 30).

1.3 MEME: UM IMPORTANTE GÊNERO CONTEMPORÂNEO

A palavra ‘meme’, na atualidade, faz parte do cotidiano de todos os usuários das redes sociais. O termo foi ganhando espaço e adquirindo significações diversificadas, por isso para compreendê-lo e entender a definição de ‘meme’ sobre a qual se desenvolveu esta pesquisa é necessário dialogar com a gênese deste vocábulo. Nesse sentido, a contribuição do escritor Richard Dawkins é indispensável, pois ao publicar, em 1976, a obra ‘The Selfish Gene’ (O Gene Egoísta), o autor apresenta a primeira definição para essa palavra.

Para o zoólogo, o termo meme - “palavra que deriva do grego mimema, que significa ‘algo que é imitado’, que Dawkins encurtou para rimar com ‘gene’” (Lohmann, 2019, p. 25) - trata-se de “[...] uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação” (Dawkins, 2007, p. 330). Isto é, memes são músicas, danças, roupas, objetos, formas de se construir algo, maneiras de se comunicar etc. Logo, os memes,

à luz da teoria de Dawkins (2007), são ideias que, assim como os genes, se propagam entre os seres, de cérebro em cérebro, em uma espécie de transferência cultural, ou seja, “se um cientista ouve ou lê sobre uma boa ideia, transmite-a aos seus colegas e alunos. [...] Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela propaga a si mesma, espalhando-se de cérebro para cérebro” (Dawkins, 2007, p. 330).

Já estabelecendo um paralelo com o termo aplicado ao universo das redes sociais, é possível observar que há uma extensão do significado de meme para incorporá-lo ao ciberespaço. Porém, apesar disso, a essência permanece, no sentido de propagação, imitação e fixação de ideias, através de memes que se tornam populares nas principais redes sociais utilizadas no mundo, como afirma Ivan Alexandrino Alves (2020, p. 31), “na internet, o termo abrange brincadeiras, jogos, piadas ou algo que se espalhe de forma viral podendo ser copiado ou imitado”.

O meme, portanto, não é um termo exclusivo desta década, pois a sua origem bem como o seu uso relacionado a um contexto digital aconteceu muito antes. De acordo com Alves (2020),

O primeiro registro de um meme a ser utilizado na internet muito provavelmente data de 1998, por Joshua Schachter, que na época era um jovem que trabalhava no serviço de weblog chamado Memepool (piscinas de memes – tradução livre), na época muitos usuários podiam postar links interessantes e compartilhar com as outras pessoas (Alves, 2020, p. 31).

Observa-se, dessa maneira, que desde o primeiro uso da palavra meme vinculada à *internet* houve uma série de transformações nesses ambientes virtuais. Esse fato contribuiu para um processo de evolução quanto à significação do termo. Assim, Shifman (2014, p. 7-8) propõe a seguinte definição, considerando três aspectos: “(a) um grupo de itens digitais que compartilham características comuns de conteúdo, forma e/ou postura; (b) que foram criados com consciência um do outro; e (c) foram divulgados, imitados e/ou transformados via internet por muitos usuários”. Para Oliveira (2019, p. 32) os memes são “[...] textos, imagens, vídeos e outros conteúdos que são intensamente difundidos e recriados na web, na maioria das vezes com um tom cômico ou irônico (mas não exclusivamente) [...]”. Em concordância com estas definições, Vazan (2020) define o termo ‘meme de internet’ como:

[...] uma ideia ou conceito expresso em qualquer tipo de mídia, principalmente através de fotos, vídeos e GIFs. Quando ideias ou conceitos, geralmente humorísticos, são considerados relacionáveis por um grande número de pessoas, acontece o compartilhamento na web, e então essas ideias transmitidas através de imagens, vídeos e GIFs recebem o status de meme da internet (Vazan, 2020, p. 45).

Nota-se no diálogo entre Shifman (2014), Oliveira (2019) e Vazan (2020) uma definição semelhante para o meme que é propagado na *internet*, mais precisamente nas redes sociais. Assim, é importante destacar a multimodalidade que compõe o meme, aspecto que os três autores enfatizam em seus trabalhos. Alves (2020, p. 32), em sua produção científica, também ressalta este aspecto e justifica-o da seguinte forma: “como o ambiente digital vive em constante mudança, o meme em seu processo evolutivo tem a capacidade de assumir os mais variados formatos”. Neste sentido, o meme revela-se como um gênero textual digital que se adequa às necessidades contemporâneas, isto é, informações rápidas, objetivas e dinâmicas.

Diante deste cenário, é importante salientar a existência de outro termo que, normalmente, vincula-se aos memes: os chamados ‘virais’. De acordo com Shifman (2014, p. 56) “[...] enquanto os virais abrangem uma única unidade cultural (como um vídeo, uma foto ou uma piada) que se propaga com muitas cópias, um meme de internet é sempre uma coleção de textos”¹. Logo, ter conhecimento desta distinção entre virais e memes é muito importante para não cometer um equívoco como analista deste gênero digital tão peculiar. A todo instante, vídeos ou imagens ganham certa notoriedade nas redes, por algum motivo específico, normalmente de caráter cômico. Contudo, nota-se que isto não é suficiente para defini-los como um meme. A definição de um meme condiciona-se a uma espécie de agrupamento de textos e, conseqüentemente, de sentidos que, somados, resultam em um novo.

Portanto, o gênero digital meme, objeto de investigação desta pesquisa, apresenta-se como uma produção textual complexa que exige um leitor multiletrado, não somente por conta do seu aspecto multimodal, mas também pelo fato de que “além do tom jocoso e despretensioso, por detrás da alegada comicidade, o humor se presta a diversos papéis nos Memes de internet, a saber, críticas sociopolíticas, reforço ideológico, sátiras de costumes e aspectos culturais” (Santos, 2020, p. 55). Logo, esses gêneros textuais digitais, por vezes encarados como banais ou triviais, exercem importante papel social, pois, a partir de uma espécie de ‘eufemismo memético’, os leitores são convidados às mais variadas discussões, realizadas no solo democrático das redes sociais.

¹ Tradução minha para: “[...] whereas the viral comprises a single cultural unit (such as a vídeo, photo, or joke) that propagates in many copies, na Internet meme is always a collection of texts”.

A seguir analisaremos alguns memes que são, comumente, produzidos e compartilhados na internet, a fim de esclarecer algumas de suas características de produção e de construção de sentido.

Figura 1 – Meme sobre o elenco do clube carioca Flamengo



Fonte: Desimpedidos²

Neste primeiro meme, produzido e propagado pela página ‘Desimpedidos’, observa-se uma discussão acerca de um assunto relacionado ao futebol brasileiro, vivenciada no primeiro semestre de 2022, mais especificamente a um episódio envolvendo o atacante Pedro, jogador do clube carioca Flamengo. Na ocasião, discutia-se a decisão tomada pelo atual técnico – considerada errônea por muitos jornalistas e torcedores - em deixar o talentoso jogador no banco de reservas. Assim, de maneira muito bem-humorada, o meme se constrói a partir de um contexto esportivo e de um processo intertextual comum a esse gênero. Mescla imagens de fontes diferentes - foto do time perfilado antes do início de um jogo e uma imagem da abertura de um programa da rede globo, ‘Vale a pena ver de novo’, conhecido pela reexibição de novelas. Tudo isso atrelado a frases curtas que permitem a relação lógica entre as modalidades escolhidas, encaminhando o leitor a uma interpretação do gênero digital apresentado. As técnicas utilizadas pela página ‘Desimpedidos’ são

² DESIMPEDIDOS. “**Que a discussão comece**”. 21 mai. 2022. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cd1ikcLMUzb/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06 jun. 2022.

comuns aos memes. Segundo Shifman (2014, p. 2), “outro atributo fundamental dos memes da internet é a intertextualidade: os memes geralmente se relacionam de maneiras complexas, criativas e surpreendentes”³.

Figura 2 - Meme sobre decisões políticas que afetam a Zona Franca de Manaus



Fonte: Corrupção Amazonense Memes⁴

No segundo texto, é evidente o teor político sobre o qual o meme foi produzido. A priori, o gênero chama a atenção por possuir quatro imagens, nas quais encontram-se algumas personalidades políticas, com destaque para o então Presidente da República, Jair Bolsonaro. Além disso, a frase ‘Feliz dia dos trabalhadores, especialmente aos do distrito’, também compõe o meme. Interligado a tudo isso, temos um contexto específico: um decreto assinado por Bolsonaro que reduziu o Imposto sobre o Produto Industrializado (IPI) de diversos produtos em todo o país, fato preocupante aos empresários amazonenses e, principalmente, à população manauara que trabalha no Distrito Industrial e que, conseqüentemente, dependem da economia e dos empregos gerados pela Zona Franca de Manaus. O meme em questão, utilizando um humor ácido, ironiza a situação política e socioeconômica local. Isto posto, confirma-se a fala de Shifman (2014, p. 8) ao visualizar “[...] os memes da internet como discursos públicos socialmente construídos nos quais diferentes

³ Tradução minha para: “Another fundamental attribute of Internet meme is intertextuality: memes often relate to each other in complex, creative, and surprising ways”.

⁴ MEMES, Corrupção Amazonense. “**Fiz essa homenagem a vcs do distrito, gostaram?**”. 01 mai. 2022. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CdBB5VyLvIN/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 07 jun. 2022.

variantes meméticas representam diversas vozes e perspectivas”⁵. Neste sentido, os memes não só provocam humor, mas também viabilizam discussões importantes, dando voz a uma parcela da sociedade.

Figura 3 - Meme sobre questões socioeconômicas



Fonte: Filósofo Boladão⁶

O meme em evidência corrobora com o discurso de Shifman (2014) ao afirmar que esses gêneros digitais são como Forrest Gump – personagem que dá nome ao filme dirigido por Robert Zemeckis - “[...] ostensivamente, são peças triviais da cultura pop; no entanto, um olhar mais profundo revela que eles desempenham um papel fundamental em alguns dos eventos que definem o século XXI”⁷ (Shifman, 2014, p. 4-6). Esses memes possibilitam o debate, o posicionamento, a troca de informações, entre outros. Nesse sentido, assuntos delicados como racismo, homofobia, as dificuldades enfrentadas por aqueles que pertencem aos grupos menos favorecidos economicamente podem ser exibidos, com uma pitada de humor, objetivando uma espécie de manifestação virtual.

⁵ Tradução minha para: “This definition is helpful for analyzing Internet memes as socially constructed public discourses in which diferente memetic variantes represent diverse voices and perspectives”.

⁶ BOLADÃO, Filósofo. “**Triste realidade**”. 11 set. 2022. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiYnfvTrZv6/?igshid=YzA2ZDJiZGQ=>. Acesso em: 20 set. 2022.

⁷ Tradução minha para: “In this sense, Internet memes are like Forrest Gump. Ostensibly, they are trivial pieces of pop culture; yet, a deeper look reveals that they play an integral part in some of the defining events of the twenty-first century”.

Figura 4 - Meme sobre Literatura Trovadoresca



Fonte: Memes de literatura⁸

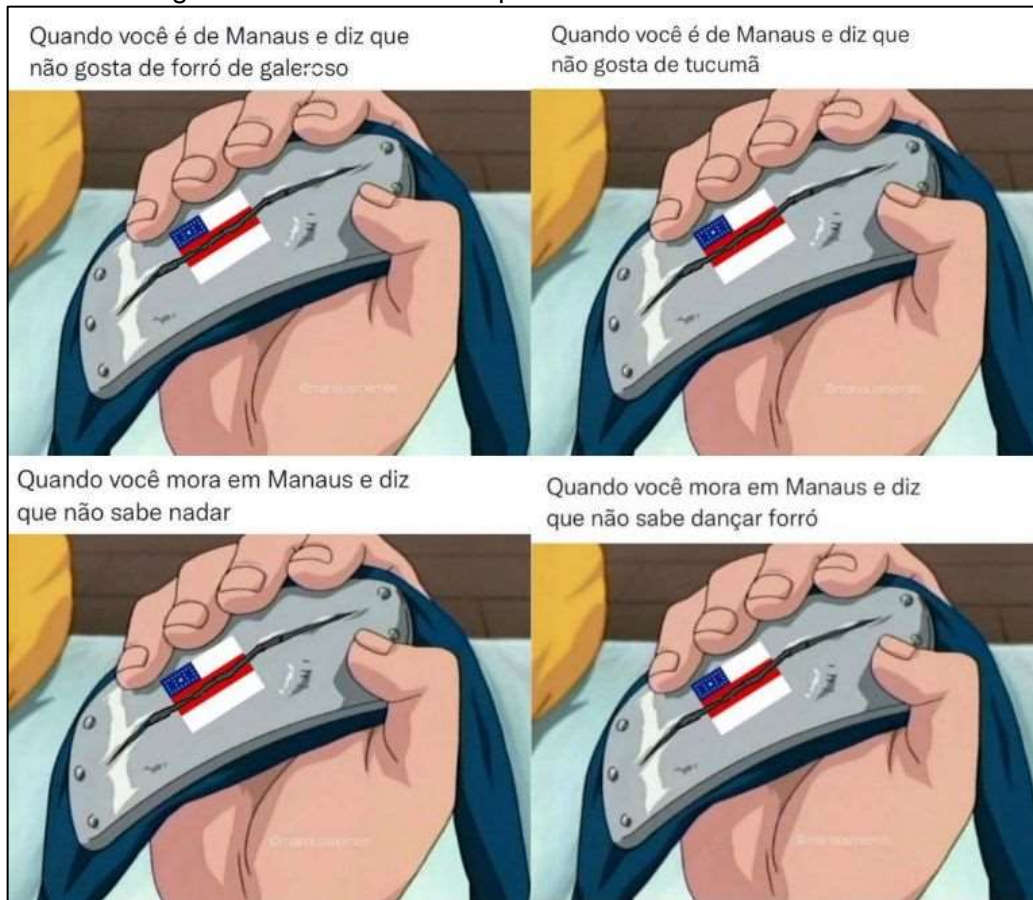
Nesta ocasião, o meme em destaque, utilizando a figura do popular apresentador de TV, Fausto Silva (o Faustão), brinca com algumas de suas expressões, facilmente capturadas devido à sua exposição em seus programas. Fica claro que “nesse ambiente, a imitação e remixagem orientadas pelo usuário não são apenas práticas predominantes: elas se tornaram pilares altamente valorizados de uma chamada cultura participativa”⁹ (Shifman, 2014, p. 4). A utilização de imagens, oriundas de um contexto particular, pode a qualquer momento se transformar em um novo meme, com uma nova informação, dependendo do que se quer comunicar no momento, atribuindo, assim, um novo contexto e significação à imagem escolhida. No caso mencionado, por exemplo, temos a imagem do apresentador associada ao Trovadorismo (movimento literário que surgiu na idade média), contudo, através do interlocutor e desta cultura participativa que se criou por meio da *internet*, a figura pode ganhar um novo valor semântico. De acordo com Shifman (2014, p. 2), “[...] um atributo central dos memes da Internet é o surgimento de derivados criados pelo usuário articulados como paródias, remixes ou mashups”¹⁰.

⁸ LITERATURA, Memes de. “**Aquela dúvida diária**”. 24 abr. 2019. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BwqZXdjD7Mc/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 06 jun. 2022

⁹ Tradução minha para: “In this environment, user-driven imitation and remixing are not just prevalent practices: they have become highly valued pillars of a so-called participatory culture”.

¹⁰ Tradução minha para: “[...] a central attribute of Internet memes is their sparking of user-created derivatives articulated as parodies, remixes, or mashups”.

Figura 5 - Memes sobre aspectos da cultura amazonense



Fonte: Manaus Memes¹¹

No quadro acima, encontramos uma sequência de quatro memes que tematizam questões culturais, voltadas especificamente aos habitantes da capital amazonense, Manaus. Nota-se nesses textos uma mesma imagem sendo utilizada como base. Trata-se da figura de uma ‘bandana’ que faz referência a um dos animes mais populares do mundo, ‘Naruto’. Na série, é possível conhecer uma cultura ninja, com tradições e costumes, que se desenvolvem em aldeias. Cada ninja utiliza uma bandana que representa a aldeia ninja à qual pertence, entretanto, alguns personagens são considerados uma espécie de fora-da-lei, assumindo o status de ninja renegado e, conseqüentemente, passam a utilizar uma bandana com uma fissura sobre o símbolo da aldeia. Portanto, a sequência de memes utiliza o contexto do anime, inserindo a bandeira do estado do Amazonas como símbolo de uma aldeia ninja e, de forma cômica, aborda algumas práticas ou características peculiares àqueles que habitam neste território. Nesse sentido, “[...] os memes podem ser melhor entendidos como pedaços de informação cultural que passam de pessoa para pessoa,

¹¹ MEMES, Manaus. “**Se identificou com algum?**”. 04 abr. 2022. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cb8CV0yp6w0/?igshid=YzA2ZDJiZGQ=>. Acesso em: 06 jun. 2022.

mas gradualmente se transformam em fenômeno social compartilhado”¹² (Shifman, 2014, p. 18).

Deste modo, é evidente a força que um gênero digital, como o meme, ganha dentro das redes sociais. O ato de publicar, compartilhar e comentar, associa-se a uma postura ou a um discurso que é disseminado rapidamente, alcançando inúmeros usuários. Shifman (2014, p. 19) ilustra muito bem este cenário contemporâneo ao expressar que:

Quando eu publico um clipe engraçado no Facebook. Distribuo um item cultural e ao mesmo tempo expesso os meus sentimentos sobre ele. E, na maioria das vezes, prevejo que outros continuarão divulgando a peça que tanto gostei. Em outras palavras: compartilhar conteúdo – ou espalhar memes – agora é uma parte fundamental do que os participantes experimentam como a esfera digital¹³ (Shifman, 2014, p. 19).

No excerto, o autor revela características comuns à cultura midiática que se constrói diariamente, já que as redes sociais fazem parte do dia a dia de qualquer cidadão que possua, ao menos, um *smartphone*. Logo, a utilização de gêneros digitais não é e não deve ser encarada como uma trivialidade da geração atual, pois, na verdade, estes exercem várias funções importantes para a sociedade: comunicam, manifestam e também criam experiências identitárias. Todavia, é importante salientar que, apesar de vários memes serem disseminados a todo instante, com conteúdo diversificado, competindo pela atenção dos usuários das redes, somente “os memes adequados ao seu ambiente sociocultural se espalham com sucesso, enquanto outros se extinguem”¹⁴ (Shifman, 2014, p. 9). Assim, a sequência de quatro memes que abordam aspectos da cultura amazonense, apresentada anteriormente, não poderia ser compreendida, provavelmente, se compartilhada com pessoas que habitam em outras regiões do país, tampouco causaria humor, porque o gênero digital estaria fora de seu contexto sociocultural ideal.

Ademais, Shifman (2014, p. 30) destaca que “[...] em uma era marcada pelo ‘individualismo em rede’, as pessoas usam os memes para expressar

¹² Tradução minha para: “[...] memes may best be understood as pieces of cultural information that pass along from person to person, but gradually scale into a shared social phenomenon”.

¹³ Tradução minha para: “When I post a funny clip on Facebook, I distribute a cultural item and at the same time express my feelings about it. And most often, I anticipate that others will continue spreading the piece that I have enjoyed so much. In other words: sharing content - or spreading memes - is now a fundamental part of what participants experience as the digital sphere”.

¹⁴ Tradução minha para: “At any given moment, many memes are competing for the attention of hosts; however, only memes suited to their sociocultural environment spread successfully, while others become extinct”.

simultaneamente sua singularidade e sua conectividade”¹⁵. Nesse sentido, reforçamos o fato de que o gênero digital meme é muito mais que humor e edições de imagens, ele é uma oportunidade, criada pelos espaços virtuais, para conhecer o outro e criar elos. Assim, o ato de compartilhar um meme representa, na verdade, uma manifestação da subjetividade do sujeito, que acaba sendo ainda mais acentuada através dos ‘comentários’, uma vez que estes espaços destinados a um diálogo informal, expandem-se para abrigar a opinião e a identidade do interlocutor. Para exemplificar, alguns comentários realizados sobre a sequência de quatro memes (Figura 5) que abordam a cultura amazonense serão apresentados a seguir:

Figura 6 - Comentário sobre os memes apresentados na figura 5



Fonte: Manaus Memes¹⁶

Percebe-se que, por meio dos comentários, é possível compreender os diferentes efeitos que os memes da ‘Figura 5’ realizaram sobre os receptores destes gêneros publicados e compartilhados na *web*. Desta maneira, comentários como ‘*Meu*

¹⁵ Tradução minha para: “In an era marked by “network individualism”, people use memes to simultaneously express both their uniqueness and their connectivity”.

¹⁶ MEMES, Manaus. “**Se identificou com algum?**”. 04 abr. 2022. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cb8CV0yp6w0/?igshid=YzA2ZDJiZGQ=>. Acesso em: 06 jun. 2022.

meme e *'eu com todas as mãos'* demonstram um processo de identificação total entre os sujeitos e a informação memética. Um outro comentário que chama bastante atenção é o penúltimo, que diz, *'Sim, não sei nadar e olha que tomei muito banho de rio na infância!'*. Neste, é notável a maneira como o meme conduziu o leitor a visitar algumas de suas memórias, gerando também uma experiência identitária. Por último, os comentários *'Tu @laqr'*, *'@vinicyus02 e vamos de aulas de forró'* e *'Posso postar essa sequência??? Me identifico com todos os post'* atestam a fala de Shifman (2014, p. 18) ao dizer que “[...] o conteúdo espalhado por indivíduos por meio de suas redes sociais pode atingir níveis de massa em questão de horas”¹⁷, visto que o ato de ‘marcar amigos em publicações’ ou mesmo ‘compartilhar’, contribui para esse maior alcance popular.

O gênero digital meme, portanto, está longe de ser um modismo, pois, apesar de ser reconhecido popularmente apenas pelo seu teor engraçado, contribui ativamente no processo de construção identitária de cada sujeito desta era, corroborando o discurso de Shifman (2014, p. 33): “Em nossa era de acelerada divisão, espera-se que as pessoas criem uma identidade e uma imagem única e, ao fazê-lo, construam ativamente seus ‘eus’”¹⁸.

1.4 CULTURA, IDENTIDADE E LINGUAGEM REGIONAL

Nesta subseção, serão evidenciados três importantes conceitos que integram a premissa deste trabalho: cultura, identidade e linguagem regional. Consequentemente, analisar-se-á o que significa ‘cultura’ e ‘identidade’ na contemporaneidade, em um contexto cada vez mais global. Além disso, destacar-se-ão as especificidades culturais e identitárias do norte do país, que se manifestam, inclusive, na linguagem. Diante disso, para melhor compreensão, as informações e reflexões foram organizadas da seguinte forma: 1.4.1 Cultura; 1.4.2 Identidade; 1.4.3 A Construção da Identidade Cultural Amazonense; 1.4.4 A Linguagem Amazonense: “O Amazonês”.

¹⁷ Tradução minha para: “contente spread by individuals through their social networks can scale up to mass levels within hours”.

¹⁸ Tradução minha para: “In our era of accelerated individualization, people are expected to fashion a unique identity and image and by doing so actively construct their ‘selves’”.

1.4.1 Cultura

Apesar da existência de uma vasta pesquisa acerca do que é cultura, trata-se de um termo que, historicamente, possui algumas divergências conceituais entre os sociólogos, filósofos e antropólogos, devido à dificuldade de se chegar em um consenso quanto ao seu real significado para as atividades humanas desenvolvidas ao longo dos tempos. Atualmente, é comum encontrarmos definições que concordem com a ideia de que “é a partir da cultura que os seres humanos convivem e aprendem a habitar o mundo em que vivem” (Barroso; Bonete; Queiroz, 2017, p. 37), sendo necessário para isso que o homem passe por uma aprendizagem cultural, por meio de um processo de socialização, acessando, desta forma, a herança cultural/social construída pela comunidade na qual está inserido.

Entretanto, ao se analisar as muitas tentativas de se determinar um sentido para a palavra cultura, revelou-se, a cada século e, conseqüentemente, a cada nova abordagem, um processo de aprimoramento conceitual, reformulando ou abrangendo novas informações. Assim, Thompson, na obra ‘Ideologia e cultura moderna’, faz uma importante síntese quanto ao processo evolutivo do conceito de ‘cultura’, distinguindo-a em quatro tipos, o que viabiliza a compreensão de discursos que se constroem sobre as práticas culturais da modernidade. Para esta discussão, Thompson (2011) considera como ponto de partida o fato de que

[...] a vida social não é, simplesmente, uma questão de objetos e fatos que ocorrem como fenômenos de um mundo natural; ela é, também, uma questão de ações e expressões significativas, de manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos, e de sujeitos que se expressam através desses artefatos e que procuram entender a si mesmos e aos outros pela interpretação das expressões que produzem e recebem (Thompson, 2011, p. 165).

O discurso de Thompson, nesse sentido, evidencia as expressões e manifestações realizadas e registradas pelo homem ao longo de sua existência, bem como o significado que essas ações comunicam à sociedade, definindo o estudo dos fenômenos culturais como “o estudo do mundo sócio-histórico constituído como um campo de significados” (Thompson, 2011, p. 165). Por isso, ao destacar o sentido de cultura em quatro concepções históricas, o autor permite-nos revisitar e entender algumas perspectivas acerca dos estudos culturais.

De início, temos a ‘concepção clássica’, na qual “o termo ‘cultura’ era, geralmente, usado para se referir a um processo de desenvolvimento intelectual ou

espiritual, um processo que diferia, sob certos aspectos, do de ‘civilização’” (Thompson, 2011, p. 166). Em síntese, cultura significava o “desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas [...]” (Thompson, 2011, p. 170), revelando um discurso um tanto elitista, que, muitas das vezes, ainda é propagado nos mais variados contextos da contemporaneidade.

Já a ‘concepção descritiva’ referia-se “a um variado conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de um período histórico” (Thompson, 2011, p. 166), ou seja, tal definição, um pouco mais abrangente, atende ao surgimento dos estudos antropológicos responsáveis pelo desenvolvimento de estudos de sociedades não europeias (não elitizadas) - com destaque para os pesquisadores: Tylor e Malinowski.

A terceira concepção, ‘simbólica’, define as atividades culturais como fenômenos simbólicos, ou seja, “o estudo da cultura está essencialmente interessado na interpretação dos símbolos e da ação simbólica” (Thompson, 2011, p. 166). Nessa perspectiva, o ser humano está sujeito a todo momento ao contato com expressões e manifestações significativas, sendo linguísticas ou não (Thompson, 2011, p. 174). Isto posto, Thompson (2011) expressa que:

[...] cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças (Thompson, 2011, p. 176).

É evidente que para esta concepção – desenvolvida, principalmente, por Geertz – a classificação das manifestações e expressões não é o que interessa, mas sim o papel da interpretação atrelado ao elemento simbólico (Thompson, 2011, p. 176).

Por fim, temos a ‘concepção estrutural’, na qual “os fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados” (Thompson, 2011, p. 166). Tal concepção não nega o aspecto descritivo, nem o simbólico, mas insere uma especificação contextual para cada manifestação ou expressão cultural ocorrente. Thompson (2011) reforça e exemplifica tal concepção da seguinte maneira:

[...] estas formas simbólicas estão também inseridas em contextos e processos sócio-históricos específicos dentro dos quais, e por meio dos quais, são produzidas, transmitidas e recebidas. Estes contextos e processos estão estruturados de várias maneiras. Podem estar caracterizados, por exemplo, por relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas (Thompson, 2011, p. 181).

Por conseguinte, toda fala, expressão ou manifestação realizada pelo ser humano atende a um contexto social estruturado, posto que, toda atividade cultural traz na bagagem traços que identificam e inserem o sujeito em um contexto específico (Thompson, 2011, p. 192). Avalia-se, sobre esta última concepção, um sentido mais completo e abrangente sobre o termo cultura e, por isso mesmo, trata-se do sentido adotado para o desenvolvimento desta pesquisa. Contudo, é importante destacar outros aspectos culturais-contemporâneos que têm provocado importantes mudanças nos estudos sobre as manifestações socioculturais da humanidade.

Sem dúvida alguma, ao longo da história, os avanços tecnológicos marcaram épocas e representaram importantes modificações para a vida em sociedade. De acordo com Thompson (2011, p. 267) “[...] a mudança tecnológica foi sempre crucial na história da transmissão cultural: ela altera a base material, bem como os meios de produção e recepção, dos quais depende o processo de transmissão cultural”. Portanto, hoje é ainda mais notável o papel desenvolvido pela evolução tecnológica no sentido de produzir e compartilhar as manifestações culturais de determinada localidade com o mundo, uma vez que “o avanço das tecnologias permite ultrapassar fronteiras de modo mais rápido e em maior frequência” (Barroso; Bonete; Queiroz, 2017, p. 49).

A contemporaneidade, por conseguinte, é marcada por uma comunicação de massa devido, principalmente, ao surgimento da *internet* e das redes sociais, que juntas resultam em “um processo que transformou, profundamente, as maneiras como as formas simbólicas circulam nas sociedades modernas” (Thompson, 2011, p. 278). Neste sentido, não há como negar a forte influência deste contexto de globalização sobre as atividades culturais, seja no aspecto de produção ou de recepção (Barroso; Bonete; Queiroz, 2017, p. 66). Em vista disso, conceitos como ‘universalismo, relativismo e multiculturalismo’ ganham espaço nesta discussão.

Barroso, Bonete e Queiroz (2017) partem de uma ótica direcionada aos estudos culturais, produzindo de maneira simples e objetiva distinções conceituais entre cada um dos vocábulos. O ‘universalismo’, portanto, corresponde a uma compreensão de que todos os seres humanos são iguais, conceito este atrelado à Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948, “sem levar em consideração as diferenças entre as culturas” (Barroso, Bonete; Queiroz, 2017, p. 51). Já o ‘relativismo’ “aposta na manutenção das diferenças culturais, preservando as identidades e a diversidade das

inúmeras sociedades existentes” (Barroso; Bonete; Queiroz, 2017, p. 52), isto é, considera-se o respeito à autonomia de cada povo.

Por fim, o ‘multiculturalismo’ surge como uma resposta às manifestações da atualidade, pois ao considerar uma sociedade cada vez mais plural, tecnológica e global, “esse conceito entende que deve haver harmonia na convivência da pluralidade cultural” (Barroso, Bonete; Queiroz, 2017, p. 52), levando em consideração “os princípios de igualdade e o reconhecimento das diferenças, para pensar em uma concepção de direitos humanos aglutinadora, híbrida e agregadora” (Barroso; Bonete; Queiroz, 2017, p. 53). A esta discussão, Bauman (2021b) ainda acrescenta que:

[...] o pluralismo da moderna sociedade civilizada não é simplesmente um ‘fato bruto’ que pode não ser desejado ou mesmo detestado, mas que nem por isso desaparece, mas uma coisa boa e uma circunstância afortunada, pois oferece benefícios muito maiores que os desconfortos e inconveniências que produz [...] (Bauman, 2021b, p. 222).

O sociólogo polonês visualiza este pluralismo cultural, que caracteriza a sociedade contemporânea, como vantajoso à humanidade, já que não só amplia os horizontes culturais/cognitivos como também oferece e multiplica oportunidades. Entretanto, “há quem entenda que se caminhe para uma homogeneização cultural, uma vez que a maior proximidade e convivência entre elementos culturais de sociedades distintas permite a produção de um mundo mais semelhante culturalmente” (Barroso, Bonete; Queiroz, 2017, p. 66), porém, tal fenômeno pode ter efeito contrário, encaminhando a humanidade para um processo de maior ‘heterogeneização cultural’, pois novos grupos/comunidades podem surgir a partir deste contato multicultural.

Ademais, Bauman (2021b), ao refletir sobre as relações humanas na atualidade, revela em ‘Modernidade Líquida’ o dinamismo e a velocidade com que as coisas se modificam, surgindo, assim, atitudes/características sociais um tanto paradoxais identificadas nas manifestações culturais cotidianas: “Homens e mulheres procuram grupos de que possam fazer parte, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo o mais se desloca e muda, em que nada mais é certo” (Hobsbawm, 1998, p. 40 *apud* Bauman, 2021b, p. 214). Dessa maneira, atrelado à cultura e ao processo de globalização, o sociólogo ressalta outro importante e complexo conceito para as discussões do mundo contemporâneo, a ‘identidade’.

1.4.2 Identidade

‘Quem sou eu?’ É uma pergunta aparentemente simples, usada em inúmeros contextos, principalmente no processo de seleção de emprego. Porém, revela uma complexidade enfrentada por um número considerável de estudiosos, uma vez que está atrelada a questões identitárias. Definir-se como sujeito histórico, político e cultural requer uma análise autobiográfica que leva em consideração algumas variáveis, dentre elas o lugar de nascimento, preferência gastronômica, gosto literário etc. Trata-se de algo muito subjetivo e, portanto, mutável. Por isso, definir uma identidade no século XXI é um grande desafio, Bauman (2021a) esclarece o porquê:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (Bauman, 2021a, p.17).

A partir dos preceitos apresentados pelo autor, é possível notar que o processo de identificação se trata de uma construção pessoal e não algo pré-estabelecido. Contudo a questão territorial precisa ser levada em consideração, pois, apesar da proximidade cultural causada pela globalização, ainda há um estranhamento em relação às práticas culturais do ‘outro’. Nesse sentido, Barroso, Bonete e Queiroz (2017, p. 49 – 50) expressam que “Estranhar, em um primeiro momento, é como não entender direito o porquê a pessoa age de determinada forma, fala diferente ou mesmo come algum tipo de prato típico da região”. Tal comportamento está associado a uma lógica etnocêntrica a qual todos os seres humanos estão assujeitados, “[...] a referência do que é certo e errado é dada pela cultura na qual nascemos” (Barroso; Bonete; Queiroz, 2017, p. 50).

À vista disso, “cada cultura tem a sua lógica própria, que revela um encadeamento de sentidos, pensamentos e ações que conformam a especificidade das culturas em si, de acordo com sua origem histórica e o território habitado” (Barroso; Bonete; Queiroz, 2017, p. 42), assim, “[...] a identidade se refere a como você é identificado em uma determinada cultura, ou seja, ela apresenta suas características em termos do seu reconhecimento no mundo” (Barroso; Bonete; Queiroz, 2017, p. 70-71). Logo, as manifestações culturais realizadas por cada sujeito

não apenas expõem características pessoais, mas também contribui para inseri-lo em um grupo.

Entretanto, Nominé (2018, p. 11) ao tratar do conceito 'identidade' destaca a globalização e o capitalismo como elementos que “atropelam, esmagam, estilhaçam [...] as identidades”. Com o advento do avanço tecnológico, principalmente no campo da comunicação e do processo de produção em massa (industrialização), novos comportamentos foram assumidos, tornando as manifestações culturais plurais, sem limite geográfico e/ou étnico. Desta maneira, corroborando com os conceitos apresentados por Nominé (2018), Bauman (2021a) destaca o seguinte contexto:

Estamos agora passando da fase 'sólida' da modernidade para a fase 'fluida'. E os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados em um recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças (Bauman, 2021a, p. 57).

Percebe-se, dessa forma, que a sociedade contemporânea tornou ainda mais difícil definir a fronteira imaginária de uma identidade, pois há um processo constante de metamorfose cultural que orienta as ações dos sujeitos. “Desse modo, elementos culturais frutos da identidade cultural de um determinado território podem ser transmitidos a outras sociedades que estão em base territorial diferente, e vice-versa” (Barroso; Bonete; Queiroz, 2017, p. 66), provocando uma espécie de batalha entre as manifestações culturais importadas e aquilo que é considerado local, resultando na sobreposição de uma destas.

Entretanto, Bauman (2021a, p. 19) faz um importante alerta sobre esta fluidez que caracteriza o atual corpo social ao enfatizar que “Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma 'comunidade de ideias e princípios', sejam genuínas ou supostas, bem-integradas ou efêmeras [...]”. Assim, o autor evidencia que a mutabilidade cultural e identitária é, na verdade, um processo natural pelo qual passam todos os indivíduos. Logo, é comum que exista certa relatividade em torno da formação da identidade de cada ser, já que “o sentido foge e vai se deslocando e se perdendo nas cadeias dos significantes do outro, sempre outro [...]” (Nominé, 2018, p. 12).

Por fim, mesmo diante do emaranhado de ideias e reflexões que surgem com o termo identidade, e considerando alguns dos principais discursos que debatem o tema, é correto dizer que os limites territoriais ainda influenciam no processo de formação identitária do sujeito. Porém, não é mais um fator unânime, uma vez que

estamos diante de uma pluralidade cultural cada vez mais evidente por conta da globalização e da evolução tecnológica. Ademais, a identidade está intrinsecamente condicionada a uma partilha que “se realiza por meio dos elementos culturais que o indivíduo divide, conscientemente ou não, com a sociedade a qual ele pertence. Assim, a identidade individual se constrói em meio a identidade coletiva e vice-versa” (Barroso; Bonete; Queiroz, 2017, p. 71).

1.4.3 A Construção da Identidade Cultural Amazonense

Definir a identidade cultural amazonense é, sem dúvida, uma tarefa extremamente complexa. Como destacado no item anterior, a identidade leva em consideração muitos elementos subjetivos que implicam na formação cultural dos sujeitos, como o território, a culinária, a linguagem. O Amazonas, portanto, apresenta-se como um grande quebra-cabeça cultural, cujas peças foram criadas, modeladas e acrescentadas ao longo do tempo por várias histórias, povos e etnias.

Dessa maneira, para compreender o sujeito amazonense e os valores identitários aos quais reconhece (ou pelo menos deveria), é necessário rememorar alguns acontecimentos históricos desta região. Para tanto, o trabalho de Gondim (2007, p. 13) é fundamental, uma vez que nos revela a Amazônia, ou melhor, a sua invenção: “[...] a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída. Na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela história greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes”. Assim, observa-se que os habitantes do velho mundo, ao contatarem o novo mundo, usavam todos eles ‘lentes especiais’, com graus de imaginação e fantasia. Portanto, “Histórias fantásticas, mitos e lendas foram sinônimos de compreensão do desconhecido e da inserção do pensamento dos europeus sobre o ‘novo mundo’ que acabara de ser descoberto” (Marques, 2016, p. 41).

Ademais, houve, sem dúvida alguma, um choque cultural inevitável, isto é, um estranhamento mútuo entre os povos que se viam e estudavam-se pela primeira vez, “do traje à alimentação, organização social e construção de cidades abstratas” (Gondim, 2007, p. 21). Neste sentido, observa-se que todas as grandes expedições realizadas em direção à América, que sucederam a Cristóvão Colombo, reforçam ou incorporam novas informações que realçam não só o imaginário europeu, mas também as diferenças culturais existentes. Diferenças que de acordo com Gondim

(2007, p. 52), resultaram em opressão, violência física e cultural que fizeram parte deste período de 'descoberta': "[...] considerando os nativos 'inábeis para fé católica', justificativa tida como suficiente para submetê-los como 'bestas' e reduzi-los à servidão, deixando-os quase com maior opressão que aos próprios animais brutos de que se servem".

Todos os cronistas que ajudaram a pintar este cenário Americano ou o Novo Mundo, "[...] diante do rio e da mata amazônicos, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial" (Gondim, 2007, p. 97). Entretanto, o mérito pelo descobrimento da região, hoje conhecida como Amazonas e Pará, é do espanhol Francisco de Orellana (Amazonas, 2020, p. 24). Sobre isto, Gondim (2007, p. 98) acrescenta: "O primeiro documento que se conhece sobre a penetração do europeu no maior rio da Amazônia, data de 1541-2 e foi redigido pelo dominicano frei Gaspar de Carvajal, expedicionário às ordens de Francisco Orellana [...]".

Nesse íterim, Carvajal é o grande responsável por inserir o imaginário europeu às terras recém descobertas, com destaque ao "Eldorado, lugar fabuloso e a cidade Manoa das lendárias mulheres guerreiras" (Gondim, 2007, p. 99). Carvajal não foi o único a narrar este encontro entre o colonizador e as terras amazônicas, já que outras expedições aconteceram, nas quais os jesuítas Alonso Rojas e Cristóbal de Acuña contribuíram, por meio de suas crônicas, com a invenção desta Amazônia. Constatase, dessa maneira, que "na Amazônia, a narrativa torna-se importante, não somente para a compreensão do mundo, mas também como imposição de uma ideologia dominante, em que os valores externos impunham-se de forma substrata de dominação" (Marques, 2016, p. 47).

É evidente que após a descoberta da Amazônia e, conseqüentemente, do Amazonas, houve um longo período de colonização realizado nesta região predominantemente pelos portugueses, conforme afirma Benchimol (2021, p. 85) enfatizando que: "Os portugueses acabaram dominando o delta e a maior parte da calha central do rio Amazonas e os seus principais afluentes, ao norte e ao sul [...]". Entretanto, esta foi uma tarefa penosa para os exploradores que se viram em terras desconhecidas, diante de um povo resistente e com hábitos distintos.

A sociedade nativa amazônica, ao receber o impacto dominante desses valores e sistemas imperiais, aculturou-se, por via de submissão, acomodação, assimilação ou conflito, sobrepondo-os ou integrando-os à própria cultura original. De outro lado, os

conquistadores que vieram “fazer a Amazônia”, a serviço da fé e do império, tiveram de ceder e adaptar-se ao mundo tropical circunjacente para poder sobreviver em meio às surpresas, incertezas e agressividade de um ambiente exótico e desconhecido (Benchimol, 2021, p. 86).

Nota-se, por conseguinte, que ao longo de dois séculos, “a influência portuguesa se fez sentir de forma profunda na vida e cultura da região” (Benchimol, 2021, p. 86). Desta maneira, a região amazônica cresceu política, econômica e culturalmente e, assim, outros eventos históricos surgiram e marcaram a identidade do povo oriundo destas terras, tal como a criação da “[...] Província do Amazonas por meio da Lei 592, de 5 de setembro de 1850” (Nascimento Figueiredo, 2011, p. 97).

O período que antecede este feito é marcado por uma grande insatisfação em relação à dependência do Amazonas ao Pará: “As autoridades alegavam que a Província do Pará possuía um território muito grande para governar, e isso era um dos fatores que impedia o progresso da região [...]” (Nascimento Figueiredo, 2011, p. 96). Na verdade, muitos foram os argumentos utilizados “[...] para que se realizasse o desejo dos amazonenses de terem sua província autônoma instalada” (Nascimento Figueiredo, 2011, p. 96). Contudo, muitos desafios administrativos foram encontrados, principalmente no que diz respeito à comunicação e à distância geográfica com o restante do país (Nascimento Figueiredo, 2011, p. 98).

Outro momento notável historicamente e que causou enorme impacto nas manifestações culturais do povo amazonense foi o chamado “boom da borracha” (Souza, 2010, p. 95). Isso envolveu a extração do látex e a comercialização da borracha, o que transformou drasticamente a economia do norte do país, em especial no estado do Amazonas (Amazonas, 2020, p. 26). Durante este período, “Manaus e Belém se transformaram em pequenas reproduções da Europa” (Souza, 2010, p. 98), simbolizando a riqueza que se estabeleceu repentinamente nesta região. Atualmente, os vestígios desse momento singular vivenciado pela população da época ainda podem ser encontrados em fotografias e monumentos arquitetônicos. No entanto, a crise econômica resultante da decadência da economia da borracha deixou marcas ainda mais profundas nos habitantes desta localidade.

A crise geral da economia da borracha produziu um vazio de identidade nos deserdados da era do ‘fausto’, pois, absorvida pela inércia, a sociedade amazonense limitou-se a contemplar o passado, com a redução populacional e o nivelamento social, produzidos pelo desemprego e pela proletarização da classe média (Nascimento Figueiredo, 2011, p. 148).

Dessa maneira, “[...] Manaus tornava-se uma província empobrecida, abandonada, atolando-se aos poucos naquele marasmo tão característico das cidades que viveram um fausto artificial” (Souza, 2010, p. 158). Conseqüentemente, os vínculos com os países europeus foram perdidos, “e, pela primeira vez, a cidade derrotada passava a se interessar pelas coisas do Brasil” (Souza, 2010, p. 158). O Amazonas, portanto, em um curto intervalo de tempo, vivenciou sensações múltiplas que impactaram não só na economia, mas também nas expressões culturais da região; além disso, o estado passou a assumir uma “posição reboquista da qual nunca mais se livrou” (Souza, 2010, p. 158).

Mantendo a linearidade histórica, um pouco mais adiante, nos deparamos com a Zona Franca de Manaus: “[...] um projeto de desenvolvimento socioeconômico implantado através da Lei Nº 3.173 de 6 de junho de 1957, que reformulava, ampliava e estabelecia incentivos fiscais para implantação de um polo industrial, comercial e agropecuário [...]” (Amazonas, 2020, p. 28). Esse acontecimento motivou a chegada e permanência de muitos povos na região norte do país, provenientes de um processo migratório, mas, principalmente, migratório. Desta maneira, Souza (2010, p. 185) ressalta que “Com o advento da Zona Franca, a cidade vazou para todos os lados”, isto é, cresceu demograficamente, originando vários bairros, principalmente os da periferia. Percebe-se, assim, a exemplo do que aconteceu no período da borracha, uma Manaus “[...] vítima de surpresas, de fatos e medidas vindas de fora para dentro [...]” (Souza, 2010, p. 183). Isto posto, o discurso de Benchimol é certo ao expressar que:

O certo é que a Amazônia acolheu a todos os gregos e troianos que aqui chegaram para viver e trabalhar. Não se tratou, apenas, de dar e conceder abrigo, refúgio, agasalho e trabalho. Querenciou a todos, prejuízo de suas identidades, memórias, crenças religiosas e valores conceituais neste grande mutirão étnico-cultural nortista (Benchimol, 2021, p. 25).

Assim, percebe-se um Amazonas como resultado de uma diversidade cultural que surpreende a todos, por contar em seu processo de formação com o “elemento indígena absorvendo influências africanas e europeias, em especial vindas de portugueses e espanhóis. Isso sem falar na influência de imigrantes de outras partes do mundo que vieram contribuir para a riqueza amazônica que vemos hoje” (Amazonas, 2020, p. 65).

Nesse sentido, é indiscutível a complicação existente ao se pensar em uma identidade amazonense. Entretanto, o Clube da Madrugada, criado em 22 de

novembro de 1954, foi uma das poucas tentativas de ressaltar e preservar uma identidade regional, que realmente representasse o povo amazonense. Este movimento artístico, político e social buscou "a expressão do novo, da busca de novos caminhos e de uma identificação com o homem e com a realidade regional, num diálogo crítico e questionador" (Telles, 2019, p. 30). O Clube da Madrugada, desta forma, representa o marco inicial de uma batalha travada até os dias de hoje, com o objetivo de explorar e externar as belezas e as lutas vividas e observadas na regionalidade do povo amazonense.

Nesse sentido, Souza (2010) evidencia em seu discurso uma certa crise de identidade que habita o 'eu-amazônico': "A Amazônia estará livre quando reconhecemos definitivamente que essa natureza é a nossa cultura, onde uma árvore derrubada é como uma palavra censurada e um rio poluído é como uma página rasurada" (Souza, 2010, p. 43). O autor critica a maneira como a população local se posiciona em relação à sua própria cultura, muitas vezes negando suas memórias e raízes identitárias. Tal discurso é reforçado na fala de Etelvina Garcia: "a origem das contradições de Manaus está na negação das suas próprias origens, o que abre campo para agressões às suas raízes culturais, ao seu patrimônio ambiental, arquitetônico e urbanístico" (Braga, 2014, p. 37).

Etelvina Garcia ilustra muito bem o problema que se instaurou em solo amazonense. A historiadora é enfática quanto aos efeitos socioculturais provocados pelo enriquecimento, ora por conta do período da borracha, ora por conta da Zona Franca de Manaus: "Na medida em que ganhou muito dinheiro e enriqueceu, a cidade perdeu a simplicidade índia dos tempos coloniais e se sentiu importante demais para continuar a exalar aquele cheiro de terra molhada de verde que lhe denunciava as origens!..." (Braga, 2014, p. 40). É indiscutível o fato de que todos os eventos históricos ocorridos na região, desde a sua fundação, contribuem para a existência deste problema identitário. Segundo Oliveira (2014) só poderá ser resolvido a partir de uma mudança de postura do povo que habita nestas terras, posto que:

[...] no Amazonas, a única possibilidade de superar a heteronomia cultural e a barbárie em processo reside na decisão dos amazonenses e dos amazônidas de tomarem para si, como um desafio fundado na práxis, a tarefa de repensar e de reorientar os destinos de sua cultura, de sua história e de sua memória, em direção a uma ecologia humana, ética e civilizada (Oliveira, 2014, p. 12).

Oliveira (2014) enxerga os prejuízos históricos e culturais cultivados ao longo dos séculos, através de uma postura omissa e submissa daqueles que deveriam lutar

pela memória e costumes ancestrais, o próprio povo amazonense: “O amazonense foi expropriado das mediações racionais da história. Foi infestado com a crença de que ele participa quando ingenuamente ovaciona os seus opressores e celebra os heróis fabricados pelos inventivos artifícios da dominação cultural” (Oliveira, 2014, p. 39). Nesse sentido, não só o contexto histórico, mas também a contemporaneidade – principalmente por conta da globalização – contribui para corroborar com a ideia de que a identidade amazonense pode ser absorvida e pulverizada com o tempo. Com esta perspectiva, Freire (2009) apresenta um cenário diferente para esta inquietação, salientando que:

Nesse contexto, muitos acreditam que há uma homogeneização ameaçadora das identidades nacionais. No entanto, ao lado da tendência em direção à homogeneização, há uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da alteridade, ao passo que há, juntamente com o impacto global, um novo interesse pelo local (Freire, 2009, p. 4).

Verifica-se no discurso de Freire que, no que diz respeito às manifestações culturais de um povo, o global e o local, inevitavelmente na atualidade, estão em constante diálogo, o que não quer dizer que um anule o outro, pelo contrário: “Essa articulação coloca o local no interior da lógica da globalização que, provavelmente, em vez de destruir as identidades nacionais, poderá produzir novas identificações globais e novas identificações locais” (Freire, 2009, p. 4). Com base nisso, a identidade amazonense assume o status de ‘bipolar’, ou seja, diante de tantos eventos históricos, econômicos e culturais, o sujeito, morador destas terras, está condicionado a assumir diferentes posturas, uma vez que:

Na constituição dos discursos fundadores de Manaus, aparecem como lugares de memória, por um lado, a Belle Époque do Ciclo da Borracha, a implantação da Zona Franca e a escolha da cidade para ser subsede da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Por outro lado, tem-se os lugares do Inferno Verde, do Pulmão do Mundo, do Ambientalismo, da maior reserva de biodiversidade do mundo. Esses dois conjuntos de lugares ou de espaços de memória fundam e fundem a subjetividade manauara em dois grandes discursos fundadores: o discurso da Manaus Cosmopolita e o discurso da Manaus Cabocla (Freire, 2009, p. 6).

Assim, toda história, memória, etnia e manifestação cultural produzida ao longo de tantos anos contribuem para a formação de uma ‘identidade amazonense dual’, isto é, os sujeitos que habitam estas terras ora assumem o discurso ‘Cosmopolita’ – relacionado à grande metrópole e tudo aquilo que seja sinônimo de urbano e exterioridade (indústrias, tecnologias etc.) – ora o discurso ‘Caboclo’ – a floresta como

imenso tapete verde, os rios como ruas do caboclo e tudo o mais interligado ao espaço não-urbano. Sobre isso Freire (2009) argumenta:

Aparente contradição, essa esquizossemia discursiva funda o sujeito da região, o neo-caboclo. Esse sujeito precisa contemplar sua dupla gênese: dar conta da exogenia constitutiva sem deixar de levar em conta a endogenia fundante. Em um processo de glocalização, o sujeito se diz um para dizer-se outro. É um e é outro, olhando para lugares opostos para que possa se ver por completo, lugares opostos que se complementam e se significam mutuamente, tal qual Janus, o deus romano de duas faces (Freire, 2009, p. 7).

Portanto, o ‘neo-caboclo’ constitui-se como um sujeito amazonense ideal, consciente da “necessidade de circulação entre o global fugaz e o local mediato” (Freire, 2009, p. 7). Logo, ignorar um dos discursos – cosmopolita ou caboclo – é negar parte de uma identidade construída entre o Porto de Lenha e a *Liverpool*.

1.4.4 A Linguagem Amazonense: “O Amazonês”

Espia maninho
Eu sou dessas paragens
Das 'banda' de cima
Do lado de cá [...].

Nicolas Jr. (2012)¹⁹

A música de Nicola Jr., intitulada ‘O Amazonês’, é provavelmente uma das composições mais icônicas e representativas da linguagem utilizada na região norte do país, em especial no Amazonas. Nela, identificamos palavras e expressões que compõem o léxico dos sujeitos que habitam neste estado. Embora haja uma série de discussões sobre o desuso de alguns termos e os efeitos da globalização neste falar tão específico e tão local, o amazonês ainda é perceptível aos ouvidos e olhos apurados. Segundo Freire (2009, p. 02): “A linguagem está atravessada em toda relação social. Tal como um fio invisível que faz do colar de pérolas um colar, é pela linguagem que um grupo simboliza, se diz, se identifica, se subjetiva, inclui, exclui”. Desta maneira, a linguagem constitui a subjetividade dos indivíduos, sendo ela responsável também por configurar a cultura e os valores ideológicos de uma comunidade (Freire, 2009, p. 02).

¹⁹ MÚSICAS Amazonenses. **Nicolas Jr. - O Amazonês**. YouTube, 7 fev. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GrharRFo66c>. Acesso em: 04 jan. 2023.

Os estudos labovianos atestam que “Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado” (Coelho, 2010, p. 22). Partindo desta premissa, o território brasileiro é, sem dúvida, uma nação linguisticamente heterogênea. Isso corrobora com o discurso de Alkimim (2001, p 33) quando expressa que “Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea”.

Neste contexto, o amazonês é, conforme evidencia a sociolinguística, uma variação pertencente aos falantes que habitam a região norte do país. Ele é responsável pelo estabelecimento de sentidos e valores identitários que integram o eu-amazonense (Freire, 2020, p. 5).

Assim, compreender a cultura e identidade amazonense requer um olhar cuidadoso para a linguagem falada neste local, pois, “Se cada variante do português espalhada por esse país imenso tem sua nuance é porque também tem sua história particular. A variante falada no Amazonas tem a sua” (Freire, 2020, p. 6). José Ribamar Bessa Freire é um dos poucos intelectuais que dedicou a sua pesquisa ao processo histórico de formação da linguagem utilizada em solo amazônico, durante estes estudos fez algumas constatações, como o fato de que “Nos séculos XVI e XVII, quando os europeus realizaram viagens exploratórias pelo rio Amazonas, encontraram uma enorme diversidade de línguas faladas na região, de famílias e troncos linguísticos diferentes” (Freire, 2011, p. 50). Nesse sentido, Figueiredo (2011, p. 16-17) corrobora este discurso enfatizando que “[...] existiam na Amazônia antes da conquista, não apenas seis, como se conhecia anteriormente, mas oito importantes grupos linguísticos, divididos em milhares de idiomas e dialetos, falando mais de 700 línguas diferentes identificadas na região”.

É evidente, portanto, que o falar amazonense tem em sua ancestralidade raízes indígenas que, durante a colonização, em sua maioria, foram extintas. Em outras palavras, “[...] centenas de línguas se acabaram na terra, para que o português pudesse emergir” (Freire, 2011, p. 16). Entretanto, Freire (2011) destaca um fato interessante e um tanto controverso sobre a história da língua falada na região norte:

A língua de comunicação interna da Amazônia – ao longo de todo o período colonial e até mesmo nas primeiras décadas do século XIX – foi, incontestavelmente, a língua geral amazônica (LGA), que desempenhou aquelas funções básicas exercidas tradicionalmente

por toda e qualquer língua numa comunidade, o que acabou retardando o processo de hegemonia do português (Freire, 2011, p. 46).

Nota-se que, embora a língua portuguesa tenha prevalecido sobre as indígenas da região, esse processo de domínio e colonização linguística não ocorreu de forma imediata. A língua geral amazônica, por exemplo, era “formada a partir do tupinambá” (Freire, 2011, p. 90). No entanto, ao longo do tempo e com algumas ações de ordem política, o português foi ganhando espaço, dando origem a um português regional identificado como ‘meia-língua’: “um tipo de fala considerada estropiada e mutilada, produzida, em geral, por um falante não nativo ou por um camponês iletrado, cuja competência discursiva para interagir em registro formal é bastante limitada” (Freire, 2011, p. 82). Desta forma, foi construída “uma espécie de ponte para que a língua portuguesa pudesse tornar-se hegemônica na região” (Freire, 2011, p. 82).

Neste contexto, vivia-se no norte do país uma realidade bilíngue, “[...] por um lado, a língua portuguesa (espingarda) e, por outro, a língua geral (o arco e a flecha)” (Freire, 2011, p. 207). Todavia, a LGA, que naquele período ainda era predominante ao português, foi perdendo força devido a uma série de fatores:

[...] a crescente urbanização, a escola, a navegação a vapor, a emigração dos tapuios e a imigração de nordestinos, tudo isso dentro de um processo de maior integração das duas cidades ao restante do país e de inserção da Amazônia na divisão internacional do trabalho como produtora de borracha (Freire, 2011, p. 212).

Observa-se que, dentre os eventos que contribuíram para uma ‘homogeneização da língua’, destacam-se a criação de escolas – que dispensam comentários sobre o seu importante papel formativo – e, principalmente, “o fluxo migratório contínuo de nordestinos que provocou mudanças no quadro sociolinguístico” (Freire, 2011, p. 234). Ou seja, além da forte influência externa – atribuída aos europeus – houve também a inquestionável influência interna – atribuída, principalmente, aos nordestinos – sobre a linguagem falada em território amazonense. Conforme expressado por Freire (2011, p. 235), “Foi o que aconteceu no rio Solimões e nos principais afluentes do Amazonas, onde predominou a exploração da borracha, e onde, na virada para o século XX, o português tornara-se hegemônico”.

Em vista disso, “No que se refere à região amazônica, a hegemonia do português se processou tardiamente em relação ao restante do país, o que imprimiu marcas particulares em sua variedade regional” (Freire, 2011, p. 254). Além disso, é

importante salientar que o processo histórico que constitui a formação do falar amazonense, implicou diretamente nas referências identitárias da população. Isso é, passou-se de ‘índio tribal/selvagem’ (monolíngue, usuário das línguas indígenas) para ‘índio manso’ (bilíngue, usuário das línguas indígenas e da LGA), depois para ‘índio tapuio’ (monolíngue, usuário da LGA), em seguida para ‘índio civilizado’ (bilíngue, usuário da LGA e da língua portuguesa) e, por último, ‘caboclo’ (usuário da língua portuguesa) (Freire, 2011). Assim, percebe-se na LGA um papel crucial na transição para a “portugalização da Amazônia” (Freire, 2011, p. 185).

O termo ‘caboclo’, usado atualmente tanto em um contexto coloquial (associado a um estereótipo negativo) quanto acadêmico (associado aos estudos antropológicos) (Lima, 1999), adquire um significado importante: “[...] é o falante individual de português, mas com a especificidade de ser proveniente de uma coletividade enraizada em língua geral amazônica” (Freire, 2011, p. 254). Ou seja, é o homem do norte, resultado deste processo de metamorfização cultural e linguística.

Assim, ao considerar o processo de formação linguístico, sociocultural e identitário da região, fica mais fácil de entender os posicionamentos contemporâneos do próprio amazonense diante do seu falar peculiar:

No aspecto discursivo, podemos afirmar que existem duas principais atitudes em relação ao falar amazonense: uma atitude de identificação positiva e uma de identificação negativa. É interessante notar que a identificação positiva aparece muito mais nos falantes localizados em uma faixa econômica mais privilegiada economicamente e que menos está sujeita a marcações da linguagem regionalizada em sua fala. [...] Por outro lado, a identificação negativa se mostrou muito mais nos falantes das zonas mais pobres da cidade, notadamente Norte e Leste. Apesar de fazer uso da linguagem local com mais frequência, ser identificado como ‘caboco’ traz imediatamente uma sensação de negação identitária, como se essa identidade ‘ruim’ devesse ser apagada ou dissociada de si (Freire, 2020, p. 13).

O autor observa que a identificação, seja ela positiva ou negativa, dos habitantes desta região com o amazonês, está condicionada ao aspecto socioeconômico. Isso está atrelado à ausência de um processo de escolarização que ofereça a todos os amazonenses a oportunidade de “Conhecer a historicidade desse dizer [que] nos ajuda a compreender nossa própria identidade e nosso papel na teia social, pois sociedade e linguagem se constituem mutuamente” (Freire, 2020, p. 18). Ademais, diante de um cenário cada vez mais glocal, devido à evolução dos meios de comunicação, surgem algumas inquietações, como explicitada por Moisés Arruda em entrevista realizada com Sérgio Freire:

MA – O senhor vê o perigo dos meios de comunicação no Brasil, pelas novelas, por exemplo, promoverem a uniformização da língua, eliminando os regionalismos?

SF – A língua sabe se defender. Ela permite entrar o que acha que deve. Qualquer tentativa de regulamentar a língua por decreto é vã. Renunciar ao regionalismo é renunciar às especificidades identitárias. Nenhum grupo permite isso. Não vejo esse perigo, não (Freire, 2020, p. 143)

Concernentemente, o amazonês se configura como patrimônio local que deve e precisa ser preservado, apesar das inúmeras transformações sociais que ocorreram e continuam ocorrendo no campo da tecnologia e da comunicação. O falar regional pode não estar tão presente no cotidiano de muitos amazonenses, mas precisa ser reconhecido e sempre ocupar um espaço na memória e na identidade cultural do indivíduo que cresceu e vive nesta região.

CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem a finalidade de evidenciar os procedimentos metodológicos adotados durante a realização da pesquisa. Considera-se que a pesquisa “é uma tarefa de investigação sistemática com a finalidade de resolver um problema ou construir conhecimento sobre determinado fenômeno” (Paiva, 2019, p. 11). Assim, este trabalho revela-se como um estudo da linguagem que objetiva entender fenômenos identificáveis no dia a dia, que ocorrem por meio da comunicação ou, mais precisamente, do discurso. Entretanto, existem várias maneiras de estudar a língua, dependendo do objeto e da intencionalidade da pesquisa, conforme afirma Oliveira (2020):

O estudo da linguagem pode ocorrer de diversas maneiras, seja a língua enquanto sistema de signos, de regras formais, linguística e Gramática Normativa. Todas estas vertentes estudam a língua de maneira diferente, considerando-se inclusive, o período histórico ao qual este estudo está vinculado. Assim, surgiu a Análise do Discurso, a partir de uma maneira singular de estudar a língua (Oliveira, 2020, p. 47).

Dessa forma, a pesquisa evidenciada ao longo desta dissertação situa-se no campo de estudos da Análise de Discurso Francesa (ADF). Este método “tem como função analisar a relação entre linguagem, história e sujeito (ideológico e do inconsciente)” (Pedrosa, 2020, p. 52), ou seja, atende precisamente ao objetivo geral: ‘avaliar de que maneira o gênero multimodal ‘meme’, constituído pela variante regional do estado do Amazonas e por singularidades culturais do homem do Norte, significa a identidade amazonense no ciberespaço das redes sociais digitais’.

Quanto à abordagem, optou-se pela qualitativa, uma vez que tem como intuito compreender o mundo real, isto é, descrever e tentar explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior (Paiva, 2019, p. 13). Para tanto, diferentes maneiras/formas são adotadas, tais como “análise de experiências individuais ou coletivas, de interações, de documentos (textos, imagens, filmes ou músicas), etc. Esse tipo de pesquisa é também chamado de pesquisa interpretativa ou naturalística” (Paiva, 2019, p. 13).

Quanto à sua natureza, esta pesquisa identifica-se como básica, pois “tem por objetivo aumentar o conhecimento científico, sem necessariamente aplicá-lo à resolução de um problema” (Paiva, 2019, p. 11). Em relação ao seu objetivo, trata-se de uma pesquisa explicativa, visto que a intenção desta abordagem é identificar e

analisar a ocorrência de determinado fenômeno e, em seguida, apresentar a razão para um certo comportamento ou prática (Paiva, 2019, p. 14).

No que diz respeito aos métodos de procedimento, esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, em razão de utilizar fontes primárias – para a construção do corpus de pesquisa – e fontes secundárias – para a fundamentação dos conceitos operacionais e para o processo de análise e interpretação do discurso. Conforme Lakatos e Marconi (2018):

A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias [...] [t]rata-se de levantamento de referências já publicadas, em forma de artigos científicos (impressos ou virtuais, livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito sobre determinado assunto [...] (Lakatos; Marconi, 2018, p. 33).

Sobre as fontes primárias as autoras comentam:

Os documentos de fonte primária são aqueles de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações. [...] Podem ser encontrados em arquivos públicos ou particulares [...]. Incluem-se aqui como fontes não escritas: fotografias, gravações. Imprensa falada (televisão e rádio), desenhos, pinturas, canções, indumentárias, objetos de arte, folclore etc. (Lakatos; Marconi, 2018, p. 33).

Ademais, Paiva (2019, p. 60) acrescenta outras fontes, desta vez, oriundas do universo digital, mas que também podem atuar como fontes primárias: “[...] podcasts, páginas na web, blogs, vídeos, bancos de dados, apresentações digitais, gravações de palestras, folhetos etc.”. Diante disso, observa-se que a pesquisa bibliográfica é extremamente necessária e importante para definir conceitos e conduzir o leitor a uma interpretação clara e segura. Conseqüentemente, o fato deste trabalho situar-se na AD só reforça o quanto este tipo de pesquisa – a bibliográfica – norteia e possibilita a produção de inúmeros trabalhos científicos, principalmente, aqueles que têm o discurso como objeto de estudo.

2.1 A ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso (AD) é uma dentre outras maneiras que existem para se estudar a língua e os efeitos sobre os seus usuários, logo, ela possui características próprias no que diz respeito aos procedimentos metodológicos e ao objeto de estudo, que é o discurso em si. Assim, o uso da AD como método de pesquisa, como é o caso deste estudo, exige algumas considerações sobre a maneira como ela se desenvolve.

Antes de tudo, é essencial entender o sentido da palavra discurso, que “etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (Orlandi, 2015, p. 15). Assim, a partir do discurso, compreende-se as relações que o homem estabelece em sociedade, enfatizando, neste aspecto, o papel da língua, a maneira como ela é usada e os efeitos históricos e sociais resultantes desta prática discursiva. Orlandi (2015, p. 15-16) enfatiza o fato de que “[...] a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas [...]”.

Nesse contexto, a partir de uma definição clara do que é o discurso, torna-se evidente que a língua precisa ser entendida como prática social (Freire, 2021, p. 16), ou seja, é necessário perceber que “a língua está encharcada de história, de valores, de conceitos, de imagens” (Freire, 2021, p. 15). Diante disso, a relação “língua-discurso-ideologia” (Orlandi, 2015, p. 17) torna-se aparente, pois não existe uma fala que não esteja inserida em uma teia de sentidos que aponta para uma determinada ideologia, embora nem sempre de forma explícita. De acordo com Orlandi (2015, p. 17) “[...] o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”.

Dito isso, observa-se que a AD atua a partir de um processo, aparentemente simples, de leitura e interpretação. Ela analisa criticamente “as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (Pêcheux, 2008, p. 44). Desta maneira, a investigação realizada por meio da AD busca desvendar, nas minúcias, sentidos que muitas vezes não estão aparentes e que ajudam a explicar questões históricas, sociais e culturais expostas na sociedade.

Ademais, Pêcheux (2008, p. 53) destaca que “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso”, isto é, o fenômeno da deriva é o que possibilita ao pesquisador examinar a linguagem, identificar discursos e “detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas

como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados” (Pêcheux, 2008, p. 57).

Em resumo, a AD possibilita a compreensão dos discursos realizados cotidianamente pelos indivíduos que utilizam da língua para se comunicar. Por meio desta, eles expressam ideologias que revelam parte da sua subjetividade.

2.2 A ESCOLHA DO CORPUS

Para Orlandi (2015, p. 27) “o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise”. Para tanto, a produção de uma análise de discurso requer algumas definições prévias, tais como o conceito-análise e o corpus, elementos que se complementam ao longo do processo de descrição e interpretação.

Nesse sentido, é importante entender que “o conceito-análise pode surgir de duas formas: pela definição do interesse do analista (conceito-análise a priori) ou pelo surgimento do mesmo durante o próprio processo de análise (conceito-análise a posteriori)” (Freire, 2021, p. 29). Logo, a análise de discurso desenvolvida ao longo desta dissertação parte do conceito-análise a priori: identidade cultural amazonense.

Quanto ao corpus, é importante saber que se trata do texto ou dos textos que compõem a análise, uma vez que estes representam o objeto teórico do discurso (Freire, 2021, p. 30). Dito isso, fica claro que os gêneros digitais reconhecidos como ‘memes’ representam o corpus desta pesquisa. Para tanto, alguns critérios foram estabelecidos para a seleção e definição: 1) memes constituídos por duas modalidades: verbal e visual; 2) memes que utilizam a linguagem regional amazonense, conhecida como amazonês; 3) memes amplamente divulgados e visualizados na rede social *Instagram*²⁰; 4) Acrescentam-se ao corpus, como uma extensão necessária ao processo de análise, os comentários relacionados aos memes, sendo estes considerados uma chave importante para atender ao objetivo da pesquisa.

²⁰ De acordo com o Dicionário On-line Houaiss: “Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr”.

Além disso, outro item importante no processo de análise de discurso é a definição dos enunciadores, isto é, “quem tem algo a dizer sobre o assunto” (Freire, 2021, p. 30). Assim, atendendo ao conceito-análise e aos critérios de definição do corpus, optou-se por três ‘páginas’ famosas no contexto amazonense, justamente por tratarem de abordagens temáticas sociais e culturais representativas desta região: ‘Manaus Memes’, ‘Telezé Mano’ e ‘Telezé Manaus’.

2.3 A ANÁLISE DO CORPUS

Após a definição do conceito-análise e da escolha do corpus, realizou-se o próximo passo da pesquisa, a análise propriamente dita. Para isso, seguindo as orientações de Freire (2021, p. 32-33), cumpre-se duas importantes etapas: a leitura fluente e a leitura analítica – a segunda, porém, realizada com o auxílio de três perguntas heurísticas: “1. Qual é o conceito-análise presente no texto?; 2. Como o texto constrói o conceito-análise?; 3. A que discurso pertence o conceito-análise construído da forma que o texto constrói?” (Freire, 2021, p. 32).

Nesse sentido, considerando o cenário composto até aqui, a primeira pergunta heurística já possui resposta: ‘identidade cultural amazonense’. No entanto, a segunda pergunta exigirá um exercício maior de leitura e interpretação, conforme afirma Freire (2021) ao expressar que:

A segunda pergunta vai ser repetida pelo analista até que um sentido seja estabelecido para o conceito-análise. Enquanto o sentido não é estabelecido claramente – ou seja, enquanto não está saturado – é preciso continuar descrevendo e interpretando o texto (Freire, 2021, p. 33).

Por fim, temos a terceira pergunta, responsável por “localiz[ar] o sentido construído pelo texto dentro de algum discurso [...] evidenci[ando] o funcionamento da ideologia na textualização” (Freire, 2021, p. 33). Portanto, os memes selecionados, assim como os respectivos comentários realizados sobre cada um - pelos usuários da rede social *Instagram* - serão analisados e interpretados seguindo o passo a passo metodológico descrito e detalhado anteriormente:

Figura 7 – Meme que satiriza personagens da novela Pantanal



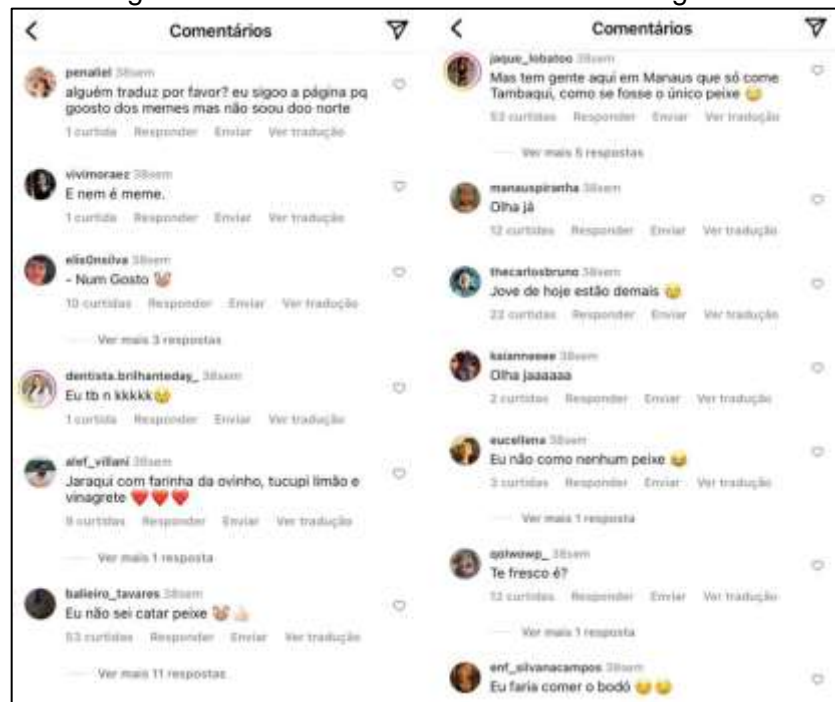
Fonte: Manaus Memes²¹

No primeiro meme, nos deparamos com o recorte de uma cena da novela 'Pantanal', transmitida pela emissora Rede Globo. É possível identificarmos dois personagens, José Leôncio e Joventino. Na trama, a grosso modo, os personagens são pai e filho, Leôncio é um homem do interior, empresário, dono de fazendas, enquanto Joventino é um rapaz da cidade, com costumes e hábitos adquiridos no dia a dia de uma grande metrópole.

No desenrolar da história, sem entrar em muitos detalhes, Joventino decide viver longe do ambiente urbano e diante dos desafios de um lugar campestre. Nota-se, também, nesta construção multimodal, a utilização de um diálogo criado pela página de memes, 'Manaus Memes', que aproveita o contexto da novela para reproduzir uma situação local, ou seja, uma conversa que poderia acontecer em território amazonense. Na fala de Joventino – 'Eu não como jaraqui' – há a presença do termo jaraqui, que segundo o dicionário de termos e expressões amazonenses, O Amazonês, é "um dos peixes mais populares do Amazonas" (Freire, 2020, p. 85). Já a fala de Leôncio – 'Telezé!!?' – faz uso de uma expressão interjetiva muito popular no norte do país, que significa "tá doido?" (Freire, 2020, p. 124). Observa-se, desta maneira, que através de uma abordagem intertextual, comum aos memes, ressalta-se parte da subjetividade encontrada no Amazonas.

²¹ MEMES, Manaus. "TUDO TEM LIMITE!!!! Estão assistindo Pantanal?". 20 abr. 2022. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CclSa3UpfPE/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 03 mai. 2022.

Figura 8 - Comentários sobre o meme da Figura 7



Fonte: Manaus Memes²²

Os comentários relacionados ao meme da Figura 7 revelam diferentes públicos e subjetividades. Assim, temos aqueles que se identificam com o personagem Joventino, afirmando não gostar do peixe em questão, ou ainda aqueles que não gostam de nenhum peixe como observado nas falas: *‘E nem é meme’*, *‘Eu tb n kkkkk’*, *‘Num gosto’*, *‘Eu não como nenhum peixe’*. Há, porém, aqueles que concordam com José Leôncio, contestando a atitude de Jove, ou melhor dizendo, de pessoas que, assim como o personagem, não gostam dos peixes da região: *‘Olha já’*, *‘Jove de hoje estão demais’*, *‘Eu faria comer bodó’*. Além disso, os comentários trouxeram à tona outras questões que envolvem o contexto amazonense, tal como o desabafo: *‘Mas tem gente aqui em Manaus que só come Tambaqui, como se fosse o único peixe’*, e a seguinte memória: *‘Jaraqui com farinha da ovinha, tucupi limão e vinagrete’*.

Os comentários também exibem uma situação muito comum ao universo das redes sociais, o diálogo com pessoas pertencentes a outras regiões e, conseqüentemente, com uma realidade cultural distinta: *‘alguém traduz por favor? Eu sigoo a página pq goosto dos memes mas não soou doo norte’*. Evidencia-se, desta forma, o fato de que “a comunicação digital torna possível a experiência de uma proximidade afortunada, o instante afortunado [...], ao esconjurar a distância temporal-espacial” (Han, 2018, p. 86), potencializando desta maneira as relações sociais no

²² Idem.

espaço virtual, assim como as manifestações culturais que significam os sujeitos e usuários das redes.

Figura 9 – Meme que ironiza a informação da página ‘exame’



Fonte: Manaus Memes²³

No segundo meme, inter-relacionam-se três informações que se dissolvem e reestruturam-se em um novo texto. Assim, em primeiro lugar, nos deparamos com um ‘tweet’ compartilhado pela rede social da revista ‘exame.’, conceituada por suas informações sérias do campo científico ao político. Nele é exposto o seguinte alerta: ‘Comer um cachorro-quente pode te tirar 36 minutos de vida, aponta estudo’. Em seguida, temos a imagem de uma moça e um rapaz comendo cachorro-quente, em um ambiente que parece ser familiar. O terceiro elemento é a ‘liga’ que une as informações anteriores, ‘Eu já no 3º kikão lendo isso:’. Neste sentido, este meme ironiza a informação exposta pela revista ao apresentar uma realidade que se opõe ao dado. Por fim, a situação é regionalizada ao substituir o termo cachorro-quente por “kikão”, expressão regional atribuída ao mesmo alimento (Freire, 2020, p. 87).

²³ MEMES, Manaus. “Cadê os fãs de kikão?”. 12 abr. 2022. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CcQXpU3uuur/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 03 mai. 2022.

Figura 10 - Comentários sobre o meme da Figura 9



Fonte: Manaus Memes²⁴

Os comentários sobre o meme da Figura 10 são muito parecidos, pois, em todos os casos, os sujeitos também ironizam a informação exposta pela 'exame', fazendo gracejos que ampliam e unificam o riso dos seguidores da página Manaus Memes: 'Se eu não comer, aí sim que eu perco 36 min de vida, kikão é vida, ainda mais se for 3x10', 'Pelos kikoos comidos e pelos cigarros fumados. Se eu passar de hoje é muito', 'Pelo menos vou morrer satisfeito', 'Quem demora tanto pra comer um kikão? 36 min to nem no terceiro, to no décimo já kkkkkkk'. Portanto, o meme em questão reforça, a partir dos comentários, a fala de Bergson (2018, p. 39) ao afirmar que o "nosso riso é sempre o riso de um grupo", e no ciberespaço isto é ainda mais evidente.

²⁴ Idem.

Figura 11 – Meme produzido com base na série ‘Round 6’



Fonte: Manaus Memes²⁵

O meme em análise desta vez utiliza como plano de fundo uma série coreana de grande sucesso, ‘Round 6’, que viralizou no Brasil ao ser disponibilizada em 2021 pela plataforma de *streaming* ‘Netflix’. A série narra a história de Gi-hun, um homem endividado que, na esperança de ganhar dinheiro fácil, resolve participar de um jogo que pode custar a sua vida. Arelado a este cenário e ao bom-humor sempre muito presente nos memes, nos deparamos com uma crítica social, tal qual exposta pela série, sobre as dificuldades financeiras enfrentadas por parte da sociedade.

O texto multimodal também chama a atenção, neste caso, por substituir a face de um dos personagens, por meio de uma edição de imagem, colocando no lugar um rosto que pertence a um morador local, ou seja, aproximando a situação fictícia da realidade aparente de alguns amazonenses. Esta regionalização do meme é ainda mais marcada por meio da frase ‘Eu endividado até o tucupi’, pois ao utilizar a expressão ‘até o tucupi’, que significa “até o máximo possível” (Freire, 2020, p. 34),

²⁵ MEMES, Manaus. “Quem? KKKKKKKKKKKKKKKKKKKK”. 30 set. 2021. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CUdB2QqAtbb/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 03 mai. 2022.

aproxima, por meio da linguagem, os conhecedores do falar regional aos textos propagados nas redes sociais.

Figura 12 - Comentários sobre o meme da Figura 11



Fonte: Manaus Memes²⁶

Os comentários sobre o meme da Figura 11 reforçam o caráter cômico típico deste gênero digital, fato comprovado pelo excesso de *emojis*²⁷ que simbolizam risos/gargalhadas. Nota-se também que o meme provoca a autoidentificação de alguns sujeitos, como acontece nos seguintes casos: ‘*Eu todinho kkk quando sumi já sabem*’, ‘*Eu mesmo*’, ‘*Se a bemol faz um jogo desse quem ia sair vivo? Kkkkkkkkkkkkk*’. Além disso, é possível notar uma outra ação, comum à interatividade nas redes sociais, que é a ‘marcação’ – ‘*kkkkk @renanfcampos*’ – ou seja, a ação de citar um perfil de algum usuário conhecido para que este possa contatar o mesmo meme e/ou informação, criando, assim, novas interações e experiências leitoras. Por conseguinte, é notório que “as redes sociais vão muito além de uma simples forma de

²⁶ Idem.

²⁷ De acordo com o Dicionário On-line Houaiss: “ícone digital us. em correspondências eletrônicas e em mensagens de texto simbolizando emoções humanas (p.ex., um rosto com lágrimas para exprimir tristeza)”.

entretenimento interativo. São, também, uma forma de gerar comportamentos e disseminar novas formas de pensar, atuando sobre @s sujeit@s e populações” (Scrimim, 2019, p. 64).

A seguir, será analisada uma sequência de três memes intitulada como ‘pack de memes’, constituída por uma mesma imagem como plano de fundo – um recorte da série de animação ‘Os Simpsons’.

Figura 13 – Meme sobre a Linguagem Amazonense I



Fonte: Manaus Memes²⁸

O primeiro meme dessa sequência apresenta alguns personagens da série, reunidos em um ambiente escolar. Neste cenário, destaca-se o personagem Bart Simpson, conhecido por um temperamento difícil e por constantes práticas de *bullying*. Entretanto, neste episódio em particular, Bart parece assumir a posição da vítima, reagindo de forma tristonha aos comentários e risadas da classe. Alinhado a isto, o meme constrói-se de maneira pontual sobre a linguagem amazonense – o amazonês – dando ênfase a uma expressão popular da região, “É papo pô”, que significa ‘é brincadeira’ ou conversa fiada (Freire, 2020, 104).

²⁸ MEMES, Manaus. “Pack de memes, com as melhores gírias e dialetos do Brasil, se identificou com algum?”. 19 abr. 2021. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CbK694VOjyZ/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 27 mai. 2022.

Figura 14 - Meme sobre a Linguagem Amazonense II



Fonte: Manaus Memes²⁹

Já o segundo meme, apesar de utilizar o mesmo cenário e proposta, ressalta um pouco mais a linguagem local em oposição às manifestações linguísticas das demais regiões do Brasil. No caso, temos no norte do país a expressão 'nuntem', não identificada no dicionário de termos e expressões amazonenses, equivalente ao termo 'tá ligado' – embora esta seja uma expressão já manifestada pelos falantes locais devido à globalização e, conseqüentemente, o contato com outras gírias e variações oriundas de regiões mais ao sul do país.

²⁹ Idem.

Figura 15 - Meme sobre a Linguagem Amazonense III



Fonte: Manaus Memes³⁰

O último meme desta sequência é marcado, mais uma vez, pelo destaque a uma expressão local, 'Tá só o pitiú', significando que 'tá fedendo' ou, mais precisamente, com o apoio do dicionário Amazonês: "cheiro de peixe" (Freire, 2020, p. 109). Desta forma, o personagem Bart Simpson, ao simbolizar o amazonense, acaba ressaltando uma variedade linguística que o difere dos demais, que poderiam ser interpretados como habitantes de outras regiões, deixando claro não só as diferenças dialetais, mas também um certo preconceito que existe em muitas partes do país. "Talvez possamos atribuir parte do preconceito linguístico [...] ao vigor da já mencionada crença [...] na existência de uma língua 'essencial', que vive num mundo apenas inteligível, imaterial, fora do alcance de nossos sentidos" (Bagno, 2002, p. 70).

³⁰ Idem.

Figura 16 - Comentários sobre os memes das Figuras 13, 14 e 15



Fonte: Manaus Memes³¹

Os comentários atribuídos aos memes das Figuras 13, 14 e 15 demonstram a língua como um importante índice de identidade (Freire, 2020, p. 9), como pode ser observado nas falas: *'kkkkkk meu o linguajar do Norte é o melhor.'*, *'Me identifiquei em todos'*, *'Todas, inclusive falo todas nuntem kk'*. Já no comentário *'Vai amazonense, confirma algo > É MERMO / VOU MERMO'*, percebe-se que a interação, característica destes espaços virtuais, permitiu ao usuário não só demonstrar a sua identificação com o exposto pelo meme, como também agregar novas informações condizentes ao falar regional.

Por fim, dois comentários exemplificam o preconceito linguístico já destacado nos estudos de Bagno (2002) e, infelizmente, ainda recorrente na contemporaneidade. O primeiro caso – *'Quando eu fui pra outro estado, era igualzin kakakaka'* – apresenta uma pessoa que viveu o julgamento alheio por fazer uso de uma variação linguística comum à região norte do país. No caso seguinte – *'Amazonense vergonha alheia'* – há uma certa aspereza no comentário, demonstrando total falta de identificação e sensibilidade com a cultura local.

³¹ Idem.

Figura 17 – Meme que satiriza o filme ‘Avatar: O caminho da Água’



Fonte: Manaus Memes³²

Desta vez, a construção memética utiliza como plano de fundo um recorte do filme ‘Avatar: O caminho da Água’. A produção multimodal, nesta oportunidade, não faz uma relação intertextual complexa, apenas chama a atenção do leitor para um fato: a quantidade de filhos do casal Jake Sully e Neytiri. Contudo, ao ironizar a situação, a página ‘Manaus memes’ se utiliza de uma linguagem bem particular ao público amazonense: ‘Pense num rapaz pra colocar curumim no mundo é esse no Avatar 2 mermão’. Neste fragmento textual, a palavra ‘curumim’ ganha certa notoriedade, por ser uma palavra de origem indígena – revelando este traço peculiar da linguagem amazonense – que significa “garoto, menino” (Freire, 2020, p. 60).

³² MEMES, Manaus. “**Muito top esse Avatar 2**”. 20 dez. 2022. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CmaAMyeJuUG/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

Figura 18 - Comentários sobre o meme da Figura 17



Fonte: Manaus Memes³³

Alguns comentários realizados sobre o meme da Figura 17 expõem uma situação comum nos interiores do estado do Amazonas, que é a existência de famílias bem numerosas, compostas por muitos filhos – ‘*Me falaram que ele é do Interior do Amazonas*’, ‘*Esse é remoso igual manauara*’, ‘*Diz que ele é do Alto Solimões. Parente do meu pai*’. Outra questão interessante destacada através dos comentários é a lenda do boto, pertencente à região norte do país – ‘*Sibicho é o boto é?*’, ‘*Famigerado BOTO*’. Segundo a lenda, o boto transformava-se em um homem sedutor de mulheres e as engravidava. Assim, fica ainda mais clara a fala de Oliveira (2014, p. 13) ao afirmar que “é a cultura que informa os olhos com os quais o homem vê e compreende o mundo”.

³³ Idem.

Figura 19 – Meme sobre o comportamento amazonense



Fonte: Telezé Manaus³⁴

O meme da Figura 19 foi construído a partir de três informações que se entrelaçam, gerando um novo significado. À esquerda identificamos Eslovênia, uma das confinadas na edição do *Big Brother Brasil 2022*, ‘reality show’ exibido pela Rede Globo. À direita temos a fotografia de uma mulher, possivelmente amazonense, lavando louça. As duas imagens possuem em comum a postura das pessoas em destaque, ambas posicionam um dos pés sobre o Joelho da perna que está fixa ao chão, dando forma humana ao que parece o número ‘4’. A frase situada acima das imagens, ‘Tenho pra mim que tem Amazonense infiltrado Sim no BBB22’, estabelece uma relação condicionada a tal postura, associando-a ao comportamento amazonense. Além disso, a expressão ‘tenho pra mim’, que significa “eu acho” (Freire, 2020, p. 125), ajuda a reforçar este caráter regional caracterizado pelo meme da página ‘Telezé Manaus’.

³⁴ MANAUS, Telezé. “Essa posição nos representa muito”. 20 jan. 2022. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CY9RhULr7z5/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

Figura 20 - Comentários sobre o meme da Figura 19



Fonte: Telezé Manaus³⁵

A maior parte dos comentários sobre o meme da Figura 19 são reações por meio de *emojis* que caracterizam as risadas/gargalhadas dos usuários da rede social. Entretanto, é possível notar mais uma vez a identificação do público que segue a página 'Telezé Manaus', com a informação cultural/regional exposta pelo meme – 'Eu kkk', 'Isso ai é eu viu, Lavando louça'. Ademais, um comentário em particular chama a atenção, ao relacionar o texto e a situação exibida com a cultura nordestina – 'Minino isso é coisa de nordestino tb. Só me lembra o whinderson' – fato que rememora os estudos de Benchimol (2021) sobre a formação cultural da região norte, muito marcada pelos movimentos migratórios responsáveis por inúmeras transformações socioculturais incorporadas ao estado do Amazonas.

³⁵ Idem.

Figura 21 – Meme sobre o dia a dia do Distrito Industrial de Manaus



Fonte: Telezé Manaus³⁶

A produção memética realiza-se nesta oportunidade por meio de uma montagem, isto é, uma edição de imagens bem criativa. Nela, é possível visualizar o jogador de futebol Neymar Jr. caracterizado com um colete e um crachá, comum aos trabalhadores das fábricas do Distrito Industrial de Manaus. Além disso, o craque da seleção brasileira encontra-se em um local onde estão estacionados alguns ônibus, responsáveis pela condução dos trabalhadores, as chamadas “rotas” (Freire, 2020, p. 118). O meme também faz uso da seguinte frase: ‘Eu indo pra rota e vendo a novata que boto pra cima entrando no carro do chefe’. Assim, por meio desta frase, produz-se um pequeno enredo, no qual Neymar, um trabalhador do distrito industrial, paquera ou desafia-se em uma nova conquista amorosa, ação marcada pela expressão regional “boto pra cima” (Freire, 2020, p. 44), porém é frustrado ao ver a garota desejada na companhia do chefe.

³⁶ MANAUS, Telezé. “**Aí não tem combate né**”. 21 jun. 2022. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CfESSoBrDSE/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

Figura 22 - Comentários sobre o meme da Figura 21



Fonte: Telezé Manaus³⁷

Os comentários atrelados ao meme da Figura 21 demonstram uma opinião comum entre os sujeitos, ao afirmarem que esse tipo de situação vivenciada por Neymar no texto multimodal em questão é algo corriqueiro no dia a dia do Distrito Industrial: ‘*É raro mas acontece muito*’, ‘*Baseado em fatos reais*’, ‘*Normal kkk. Sejam bem vindo ao DISTRITO!*’, ‘*Manaus kkkk*’, ‘*Enfim distrito*’. É evidente que, assim como o meme, a maioria dos comentários ironizam o cenário criado em concordância com a realidade já conhecida pelos manauaras: ‘*Aí não tem disputa*’, ‘*Distrito industrial meu ciúme*’. Logo, esta experiência memética ressalta o fato de que “[...] os memes se difundem de pessoa para pessoa, mas moldam e refletem mentalidades sociais gerais” (Shifman, 2014, p. 4).

³⁷ Idem.

Figura 23 – Meme sobre a lesão de Neymar



Fonte: Telezé Manaus³⁸

No meme da Figura 23, encontramos duas imagens que retratam o mesmo episódio, a lesão sofrida por Neymar Jr. no primeiro jogo da seleção brasileira de futebol, contra a seleção da Sérvia, na copa do mundo de 2022, sediada no Catar. A imagem da esquerda retrata a frustração do jogador em não poder servir à seleção nos jogos que se sucederam. Já a imagem da direita evidencia a lesão no tornozelo direito, apresentando-o bem inchado. Acima destas imagens, nos deparamos com uma frase que além de possibilitar a construção memética, ressalta um regionalismo muito presente no norte do país. Pois, a andiroba – “Árvore cuja madeira se extrai óleo [que] possui características anti-inflamatórias” (Freire, 2020, p. 30) – e a banha de cobra são remédios naturais utilizados pelos amazonenses no combate a inflamações, ademais, vale ressaltar que este é um conhecimento medicinal indígena herdado pelo povo local.

³⁸ MANAUS, Telezé. “E alguém que pegue desmentidura”. 25 nov. 2022. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CIZADGkLUqf/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

Figura 24 - Comentários sobre o meme da Figura 23



Fonte: Telezé Manaus³⁹

Os comentários sobre o meme da Figura 23 não só revelam um sentimento de identificação com o exposto pelo texto – ‘*Minha mãe já teria resolvido isso*’, ‘*É achar um amazonense lá*’, ‘*Sim vdd, pajé que disse!..*’ – como também promovem o compartilhamento de memórias e outros conhecimentos medicinais oriundos da cultura indígena, muito presente na região norte do país: ‘*É só levar na casa do seu Chicó que ele puxa, rapidinho*’, ‘*Sim, em vez de fisioterapia, tem que levar o senhor da ‘desmentidura*⁴⁰’, ‘*Um óleo elétrico com sebo de Holanda e uma puxada rapidinho ele fica bom*’, ‘*Faltou a bezendeira daí mermão no mesmo dia tá correndo*’, ‘*Isso que dar não andar com pomada da copaíba*’, ‘*Folha de capeba com cebo de Holanda morno, resolve rapidinho*’, ‘*Garrafada de sara tudo e uma puxada da rezadeira já tava tudo 100%*’. Assim, nota-se claramente neste caso a cultura participativa, já destacada por Shifman (2014), típica das redes sociais e facilmente exemplificada através da interação promovida pelos memes. Outrossim, vale destacar a importância desses

³⁹ Idem.

⁴⁰ O termo “desmentidura” deriva do verbo desmentir, que significa, segundo Freire (2020, p. 65) “Deslocar, luxar, desconjuntar, destroncar”.

espaços virtuais para a sociedade contemporânea, principalmente, no que diz respeito à constituição da subjetividade e à propagação de ideologias, pois, conforme afirma Martins de Souza (2019, p. 191), é o poder dos produtos audiovisuais somados às redes sociais “que remodelam os modos de pensar, agir e sentir de uma sociedade”.

Figura 25 – Meme sobre a convivência em casal

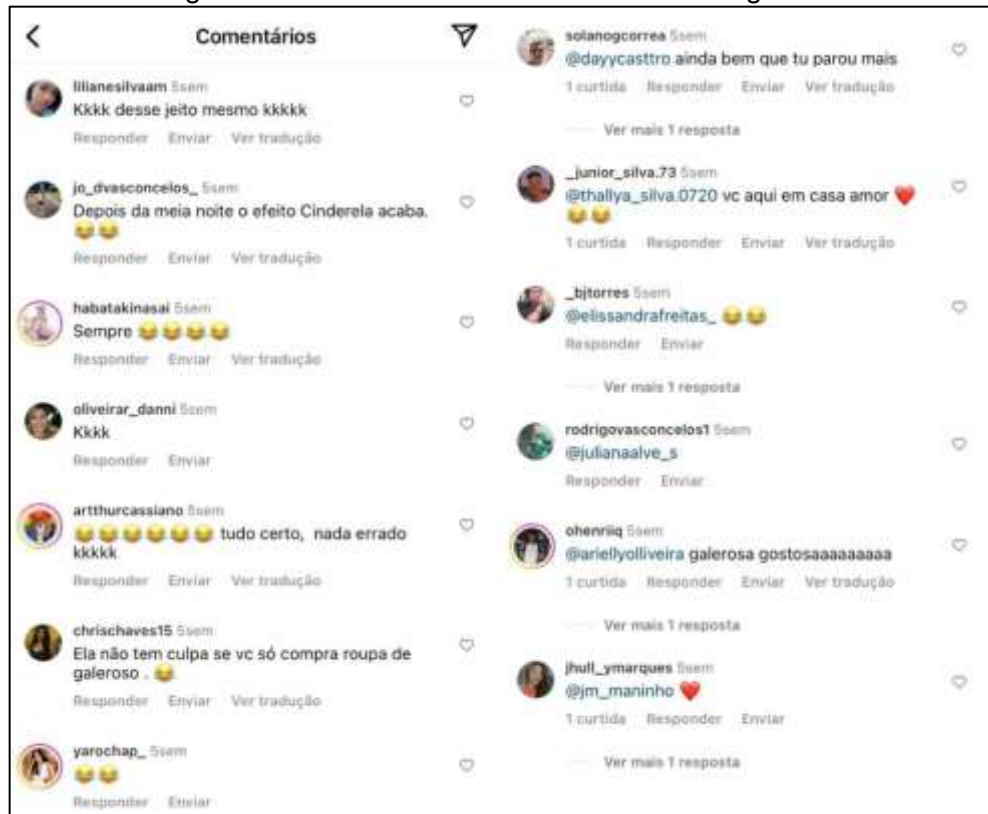


Fonte: Telezé Mano⁴¹

No meme em evidência, mais uma vez, destaca-se uma situação banal do dia a dia sendo externada com humor e regionalidade. Na imagem que compõe a construção do texto, notamos um ambiente interno de uma residência, apresentando ao centro uma mulher vestida com roupas masculinas. A frase identificada no meme auxilia na interpretação, exibindo a narrativa de um casal, cujo parceiro surpreende-se ao acordar ao lado de uma mulher em vestes masculinas, comparando-a a um ‘galeroso’, que significa: “membro de galera” (Freire, 2020, p. 77), isto é, um mau elemento. Assim, o termo usado na comparação dá o tom identitário que regionaliza a construção memética.

⁴¹ MANO, Telezé. “**Quem nunca**”. 06 dez. 2022. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C11RQKTLolL-/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

Figura 26 - Comentários sobre o meme da Figura 25



Fonte: Telezé Mano⁴²

Os comentários, bem como o meme da Figura 25, estão repletos de bom humor, por isso, reações através de *emojis* e onomatopeias de risadas se estendem neste espaço. Ademais, a autoidentificação é outro comportamento comum provocado pelo meme – ‘*kkkk desse jeito mesmo kkkkk*’, ‘*Sempre*’ – fato perceptível também por meio das marcações que se dão entre os casais que se enxergaram na situação ilustrada. Assim, “nesta escrita de si contemporânea, é como se as redes sociais pudessem nos proporcionar a capacidade de voltar a ser criança, em que nos permitimos brincar com nossa própria percepção de nós mesmos e com a percepção dos outros sobre nós” (Scrimim, 2019, p. 74).

⁴² Idem.

Figura 27 – Meme sobre ‘visagem’

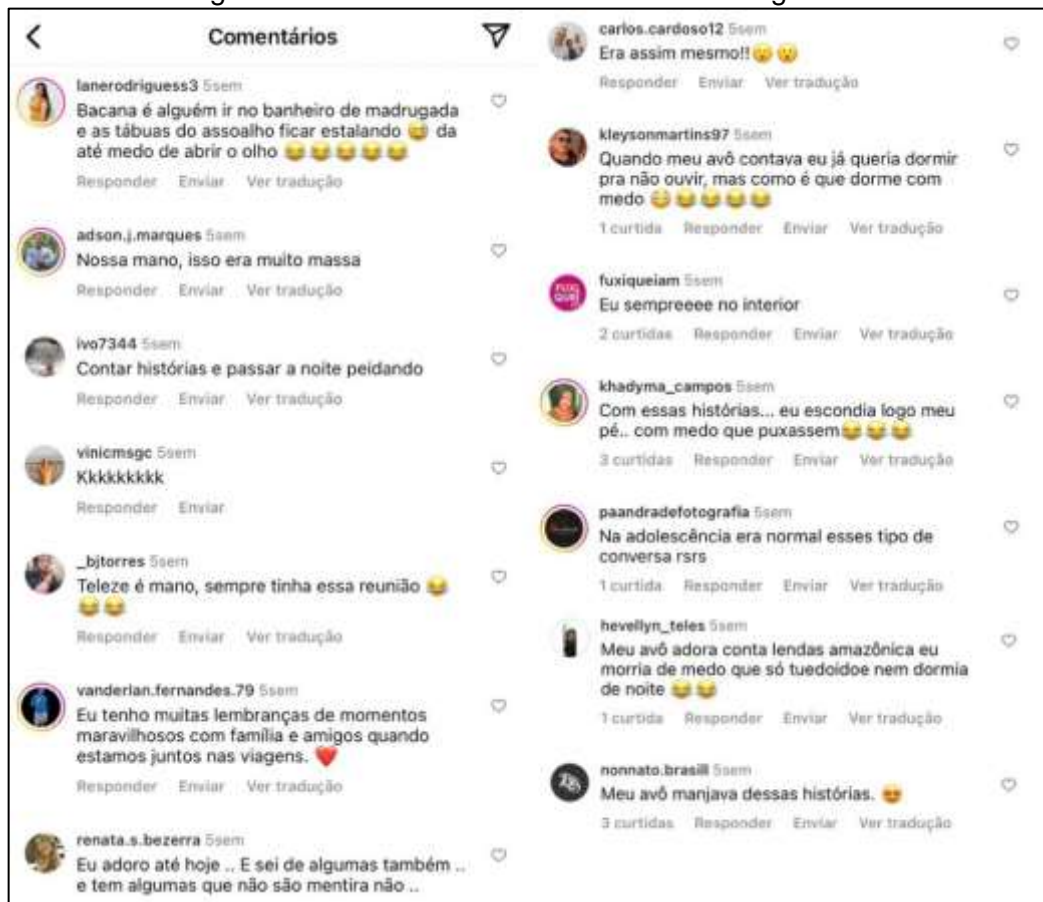


Fonte: Telezé Mano⁴³

O meme em análise desta vez reúne muitas marcas regionais que caracterizam os habitantes do norte do país. Primeiramente, por meio da imagem visualiza-se o interior de uma casa de madeira, típica de uma família do interior do Amazonas. Nela encontram-se um grupo de pessoas reunidas em torno de uma mesa, algumas ocupando cadeiras e outras em redes, que também são elementos simbólicos que compõem a subjetividade dos amazonenses. Atrelado a isto, a frase ‘Quem nunca se juntou de noite pra cont[ar] história de visagem antes de dormir’ reforçando ainda mais uma questão muito particular da cultura amazonense, que é o compartilhamento de narrativas orais que ilustram o dia a dia do caboclo. Tal cenário ganha ainda mais cor com a palavra ‘visagem’, que significa “Alma de outro mundo, assombração, fantasma” (Freire, 2020, p. 132), evidenciando a variedade linguística empregada neste lugar.

⁴³ MANO, Telezé. “Pior q eu me amarro demais Tuedoioé”. 03 dez. 2022. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CltwuriJC0i/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

Figura 28 - Comentários sobre o meme da Figura 27



Fonte: Telezé Mano⁴⁴

Os comentários sobre o meme da Figura 27 não só exibem a identificação com a situação ilustrada, mas também ajudam a dar mais cor e forma ao texto por meio de outras narrativas compartilhadas pelos internautas⁴⁵, oriundas, é claro, da vivência e memória de sujeitos que cresceram e formaram a sua subjetividade na região norte do país: *'Bacana é alguém ir no banheiro de madrugada e as tábuas do assoalho ficar estalando [...] da até medo de abrir o olho'*, *'Eu tenho muitas lembranças de momentos maravilhosos com família e amigos quando estamos juntos nas viagens.'*, *'Quando meu avô contava eu já queria dormir pra não ouvir, mas como é que dorme com medo'*. Desta forma, entende-se que “em toda coisa postada, na face virtual desta escrita d@sujeit@ manifesta-se sua face real, tornando, assim, sua subjetividade evidente. É um desnudar-se onlinemente para os outros” (Scrimim, 2019, p. 73).

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ De acordo com o Dicionário On-line Houaiss: “usuário interativo da rede mundial internet”.

Figura 29 – Meme sobre a aparência dos amazonenses

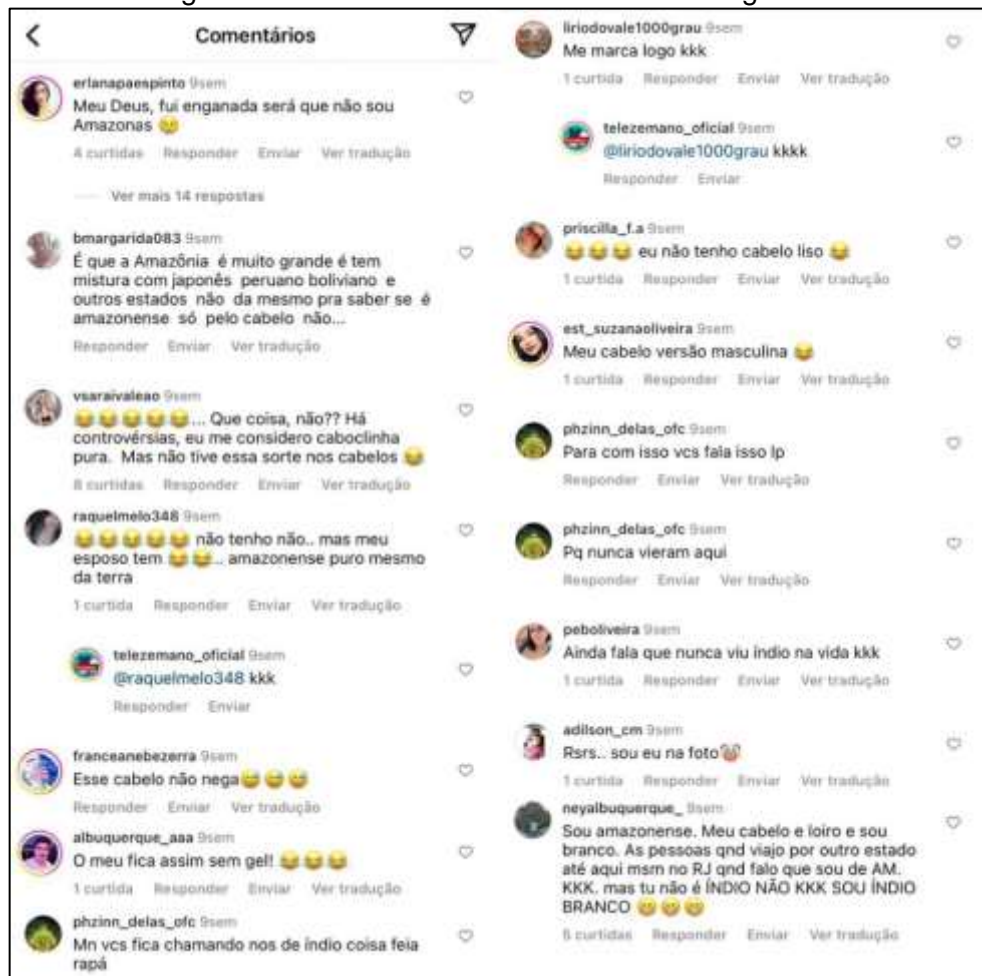


Fonte: Telezé Mano⁴⁶

O meme em destaque, bem como o analisado anteriormente, reúne por meio de sua multimodalidade, aspectos regionais que tipificam o povo amazonense. Assim, a imagem central é, evidentemente, utilizada para ressaltar o cabelo, ou melhor, a herança indígena que se nota em traços que compõem a forma física de boa parte dos amazonenses. Ademais, o meme é composto pela frase 'Égua mano como tu sabe que sou do Amazonas?', que evidencia uma linguagem marcadamente regional, com destaque aos termos "égua", que funciona como uma interjeição que pode representar espanto, admiração etc. (Freire, 2020, p. 68), e 'mano', termo que designa um "tratamento carinhoso entre conhecidos ou não" (Freire, 2020, p. 94).

⁴⁶ MANO, Telezé. "Maninho como tu adivinhou ? Kkkk". 05 nov. 2022. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CklJYfTL9fV/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

Figura 30 - Comentários sobre o meme da Figura 29



Fonte: Telezé Mano⁴⁷

Os comentários produzidos com base no meme da Figura 29 demonstram algumas inquietações provocadas pelo texto. Desse modo, houve quem se identificasse com o exposto – ‘*O meu fica assim sem gel!*’, ‘*Me marca logo kkk*’, ‘*Meu cabelo versão masculina*’ – porém, houve também quem se sentiu ofendido – ‘*Mn vcs fica chamando nos de índio coisa feia rapá*’, ‘*Para com isso vcs fala isso [...] pq nunca vieram aqui*’. Entretanto, alguns comentários simplesmente demonstram que o meme não é capaz de traduzir a realidade de todos os amazonenses e nunca conseguiria, já que a formação do povo destas terras é um verdadeiro complexo étnico-cultural: ‘*Meu Deus, fui enganada será que não sou Amazonas*’, ‘*É que a Amazônia é muito grande é tem mistura com japonês peruano boliviano e outros estados não dá mesmo pra saber se é amazonense só pelo cabelo não...*’, ‘*Sou amazonense. Meu cabelo e loiro e sou branco. As pessoas qnd viajo por outro estado até aqui msm no RJ qnd falo que sou de AM. Kkk mas tu não é ÍNDIO NÃO KKK SOU ÍNDIO BRANCO*’.

⁴⁷ Idem.

Por conseguinte, os estudos de Benchimol (2021) esclarecem e explicam este fenômeno cultural da região norte: “[...] as matrizes culturais do povo amazônico foram sendo formadas por justaposição, sucessão, diferenciação, miscigenação, competição, conflito, adaptação, por diferentes levas e contingentes de diversos povos, línguas, religiões e etnias” (Benchimol, 2021, p. 24).

Figura 31 – Meme sobre o humor amazonense



Fonte: Telezé Mano⁴⁸

O meme em evidência satiriza o DJ brasileiro Alok de um jeitinho muito amazonense. Por isso, para entender esta produção, é importante saber que o DJ esteve no Amazonas para uma de suas típicas apresentações musicais e, na oportunidade, posou para fotos como esta, fazendo a alegria de seus fãs. Contudo, chamou bastante atenção pelo tênis que usava, pelo fato de ser enorme. Neste contexto, é que a frase situada no meme, ‘E o Alok que veio pra Manaus de Balsa’, foi empregada com a finalidade de satirizar, especificamente, o calçado do cantor. A frase composta pela palavra ‘balsa’, que significa “embarcação de aço que serve para fazer a travessia de um lado para outro do rio” (Freire, 2020, p. 39), é um termo regional

⁴⁸ MANO, Telezé. **Tuedoidoé não sei como ele não bateu nos banco de areia mano**. 01 nov. 2022. Instagram. https://www.instagram.com/p/CkbcjAcpDXH/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

que, neste contexto, serve como um elemento comparativo que realça o tamanho do tênis, significando aos falantes do dialeto bom humor e regionalidade.

Figura 32 - Comentários sobre o meme da Figura 31



Fonte: Telezé Mano⁴⁹

Os comentários relacionados ao meme da Figura 31 são igualmente bem-humorados, reforçando o tom satírico e anexando ao episódio outros elementos que compõem a subjetividade do amazonense, produzindo assim novas ‘piadas’ com um plano de fundo regional: ‘*Partiu Tefé ! kkk*’, ‘*Se jogar no rio vira um flutuante novo kkkkkkkkkkkk*’, ‘*Ele pensou que ainda estava na enchente gente*’. Alguns outros comentários chamam a atenção apenas para o valor do calçado do DJ: ‘*Porém essa b[a]lisa dele aí custa uns 2 iphone 14 kkkkk*’, ‘*Vi um vídeo do Ryan SP falando sobre essas peça de grife aí*’, ‘*Esse tênis deve valer uma balsa mesmo*’. Neste sentido, o discurso de Bergson (2018, p. 9) faz-se oportuno: “O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social”, ou seja, o meme ao provocar o riso reforça e realça um grupo de galhofeiros existentes no norte do Brasil.

⁴⁹ Idem.

Figura 33 – Meme sobre um dos mais importantes símbolos do AM

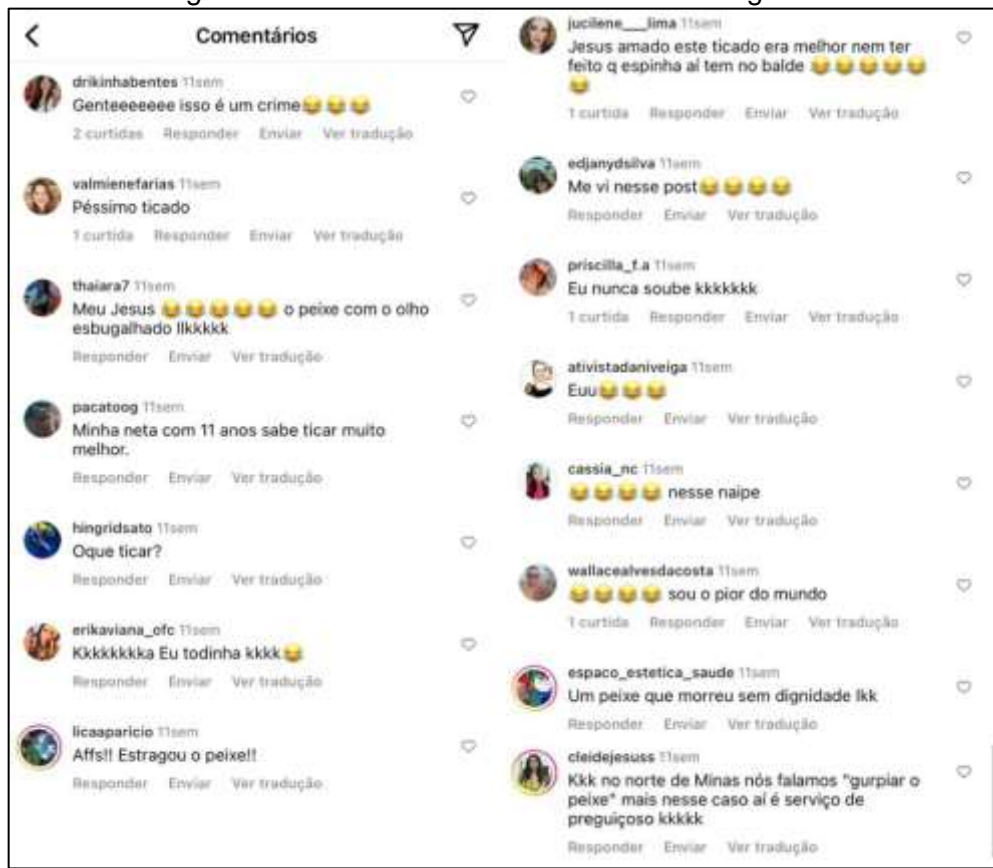


Fonte: Telezé Mano⁵⁰

Desta vez, o meme em destaque ressalta um dos elementos mais significativos da região norte, o peixe. No texto multimodal em análise, observa-se a utilização da imagem de um peixe popular da região norte, o 'pacu'. Alinhado à imagem temos a construção de um diálogo que, provavelmente, retrata a fala de dois amazonenses. Tal conclusão é perceptível ao se analisar a linguagem empregada, já que os termos 'mana(o)' e 'ticar' – que significa, segundo o dicionário de termos e expressões usados no Amazonas, "cortar o peixe para quebrar as espinhas" (Freire, 2020, p. 125) – são típicos do falar da região. Desta maneira, evidencia-se um certo tom de ironia sobre o qual se produz o meme, uma vez que a imagem demonstra um 'ticado malsucedido', criticando, assim, aqueles moradores do norte do país que desempenham esta prática aquém do esperado.

⁵⁰ MANO, Telezé. **Isso pra mim é uma Violenc*a ao peixe kkkkkkkk**. 27 out. 2022. Instagram. https://www.instagram.com/p/CkOTug2rO5g/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

Figura 34 - Comentários sobre o meme da Figura 33



Fonte: Telezé Mano⁵¹

A maioria dos comentários sobre o meme da Figura 33, se apresentam em dois níveis. Primeiro, aqueles que se identificaram com o exposto, ou seja, possuem performance parecida ao ‘ticar’ – ‘*Me vi nesse post*’, ‘*Eu nunca soube kkkkkkk*’, ‘*Euu*’, ‘*nesse naipe*’, ‘*sou o pior do mundo*’. Segundo, aqueles que, a exemplo do meme, criticam o ticado alheio, principalmente quando mal executado – ‘*Genteeeeee isso é um crime*’, ‘*Péssimo ticado*’, ‘*Minha neta com 11 anos sabe ticar muito melhor*’, ‘*Jesus amado este ticado era melhor nem ter feito q espinha aí tem no balde*’. Ademais, em alguns poucos comentários, a expressão regional ‘ticar’ chamou a atenção: ‘*Oque ticar?*’, ‘*kkk no norte de Minas nós falamos ‘gurpiar o peixe’ mais nesse caso aí é serviço de preguiçoso kkkkk*’. Observa-se, portanto, que a comunicação digital “é contagiante na medida em que ela ocorre imediatamente em planos emocionais ou afetivos” (Han, 2018, p. 98), ou seja, o meme, neste caso, funciona como um impulsionador destes sentimentos, causando a autoidentificação e o compartilhamento de algumas memórias.

⁵¹ Idem.

Figura 35 – Meme sobre o AM no olhar de quem não habita a região



Fonte: Telezé Mano⁵²

O meme da Figura 35 é bastante representativo no que diz respeito ao sentimento dos moradores do norte do país em relação ao pensamento ou postura assumida pelos habitantes das demais regiões. Nota-se, portanto, um texto formado por uma imagem bem singular, que ilustra o caboclo amazonense deitado em uma rede localizada em meio a floresta da região. Já a informação textual, que ocupa o espaço superior do meme, é constituída de um breve diálogo entre um amazonense e um habitante de outra região do país, 'Você é de onde? / Eu sou do Amazonas'. Além disso, expõe logo em seguida um pensamento que foge ao diálogo e, por isso, está identificado em negrito⁵³, 'O que o pomba leza imagina logo de imediato'. Diante deste contexto, o meme revela não só um sentimento de insatisfação em relação ao pensamento do outro, que não é amazonense, fato marcado pela expressão 'pomba-lesa' – que significa "lento, lerdo, mole" (Freire, 2020, p. 109) – como também expõe

⁵² MANO, Telezé. **Sim ainda existe pessoas que pensa assim**. 08 ago. 2022. Instagram. https://www.instagram.com/p/ChAHfqmL8xF/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

⁵³ De acordo com o Dicionário On-line Houaiss: "que ou aquele que apresenta traços mais grossos que o normal, us. ger. para dar maior destaque às palavras (diz-se de caráter, fio, vinheta)".

um desejo de não ser identificado com aquilo que faz parte do contexto caboclo, ressaltando, por conseguinte, um discurso cosmopolita.

Figura 36 - Comentários sobre o meme da Figura 35



Fonte: Telezé Mano⁵⁴

Os comentários realizados ao meme da Figura 35 exhibe, mais uma vez, a identificação com a situação narrada pelo texto, assim como o bom humor daqueles que já vivenciaram algo parecido: *'Deste jeito kkkkkk'*, *'desse jeitinho'*. Alguns usuários ignoraram a situação ilustrada e, como um bom amazonense, focaram na comodidade de uma boa rede: *'Não seria mal não'*, *'Pior que eu tô literalmente assim...'*, *'Eu queria na verdade estar assim kkkk'*. Todavia, muitos comentários evidenciaram um certo incômodo por parte dos amazonenses que já viveram, ou não, um episódio semelhante ao exposto: *'Perai que vou levar minha onça pra passear kkkk'*, *'Eu só queria estar desse jeitinho, só de boa numa redinha, tô nem aí pra opinião dos outros'*, *'Legal c já viu onça pelas ruas ??? É a pergunta q mais me fazem bixo ô odio'*, *'Todo dia isso kkkkkk ficam impressionados quando digo que aqui t prédio'*. Assim, tanto o meme quanto os comentários relacionados a ele destacam o fato de que “assimilamos o discurso de que a cultura dos grandes centros urbanos, a cultura da corte, a cultura da imagem eleita como modelo é superior à cultura milenarmente desenvolvida pelos povos amazônicos” (Martins de Souza, 2019, p. 196). Isso explica o incômodo

⁵⁴ Idem.

causado pelo texto à maioria dos usuários, mas, principalmente aos moradores da região metropolitana do Amazonas.

Figura 37 – Meme sobre peculiaridades amazonenses

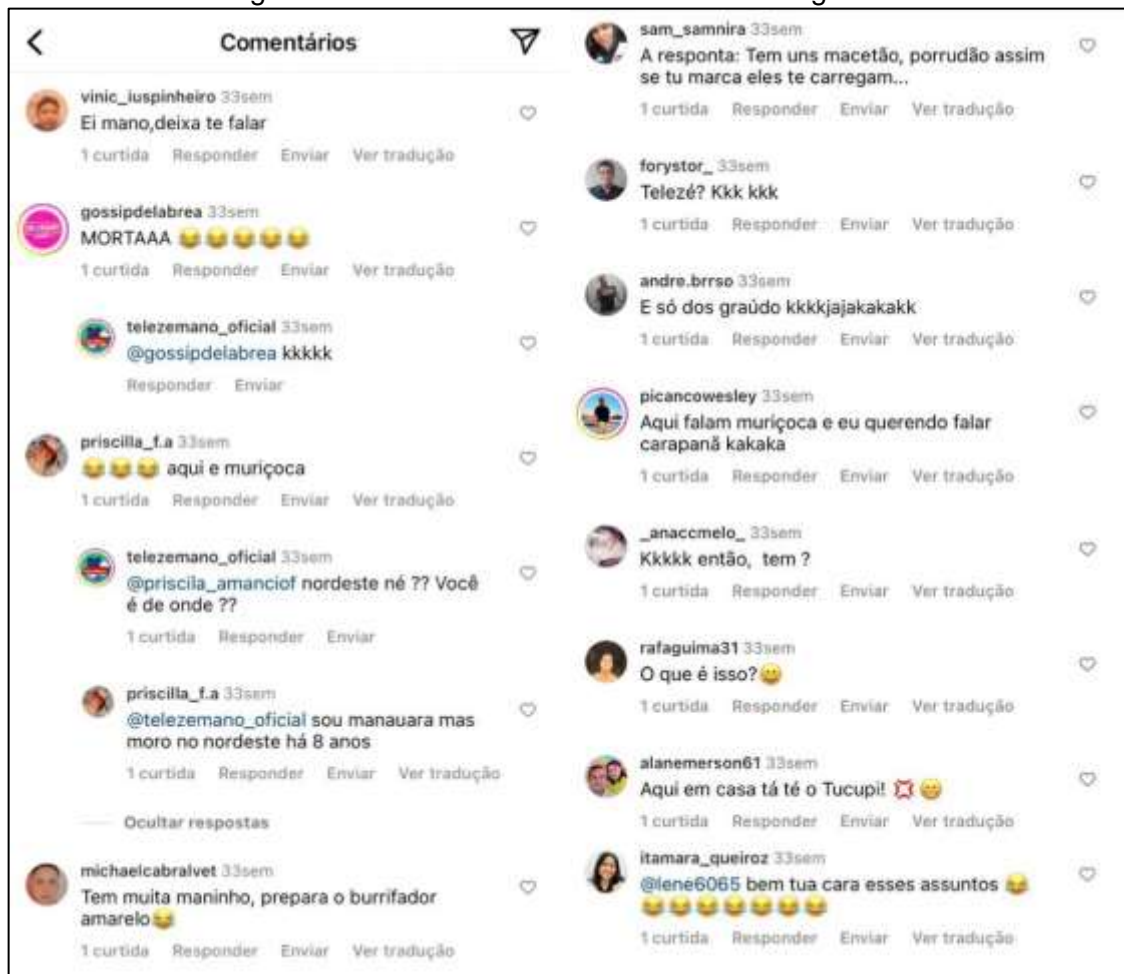


Fonte: Telezé Mano⁵⁵

O meme em questão satiriza o comportamento regional em relação à comunicação estabelecida entre os falantes da variedade local. Para tanto, o meme utiliza a imagem de um homem, aparentemente de descendência indígena, segurando um 'laptop'. A informação textual, identificada na região superior, contextualiza a situação comunicativa, 'Amazonense puxando assunto'. Já o centro da imagem apresenta uma fala que evidencia a variedade amazonense: 'Tem carapanã na tua casa?'. Desta forma, o meme explora, de maneira bem-humorada, as particularidades comportamentais e linguísticas amazonenses, com destaque a palavra 'carapanã' que significa "pernilongo" (Freire, 2020, p. 52) e que é constantemente utilizada pelos falantes da capital ou do interior do estado.

⁵⁵ MANO, Telezé. **Kkkkk assim mermo**. 21 mai. 2022. Instagram. https://www.instagram.com/p/Cd1FdOArTHm/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

Figura 38 - Comentários sobre o meme da Figura 37



Fonte: Telezé Mano⁵⁶

Os comentários sobre o meme da Figura 37 expõem mais uma vez o bom humor dos amazonenses ao contatarem um texto que reflete um pouco da realidade local, assim, a interação e a inserção de novas falas típicas do Amazonas é algo marcante: *'Ei mano, deixa eu te falar'*, *'Tem muita maninho, prepara o burrifador amarelo'*, *'A resp[ost]ta: Tem uns macetão, porrudão assim se tu marca eles te carregam...'*, *'E só dos graúdo kkkkjakakakk'*, *'Aqui em casa tá té o Tucupi!'*. Percebe-se, também, comentários de pessoas que desconheciam o termo carapanã, ou que simplesmente usam uma variante de outra região brasileira: *'aqui é muriçoca'*, *'Aqui falam muriçoca e eu querendo falar carapanã kakaka'*, *'O que é isso?'*. Por conseguinte, o meme e os comentários evidenciam a maneira como a língua é, sem dúvidas, um dos principais elementos que marcam a identidade e subjetividade de um sujeito, no caso de termos como carapanã, mangarataia jururu etc. a indigeneidade

⁵⁶ Idem.

que constrói as raízes culturais desta região e, conseqüentemente, de seu povo, ganha lugar de destaque (Freire, 2020).

Figura 39 – Meme sobre a famosa ‘boca de lobo’



Fonte: Telezé Mano⁵⁷

Mais uma vez o meme em análise aborda o regionalismo local. Contudo utiliza para isso, atrelado à linguagem regional, expressões oriundas das redes sociais digitais da contemporaneidade. Isto posto, para a devida interpretação deste texto multimodal, é necessário compreender o que significa ser identificado como ‘raiz’ ou como ‘nutella’ nos ambientes virtuais. Segundo o Museu de Memes (2018), “a ‘geração raiz’ é o exemplo a ser exaltado, é o jeito certo de ser ou fazer alguma coisa. É a maneira antiga ou tradicional de fazer algo”. Quanto à geração nutella:

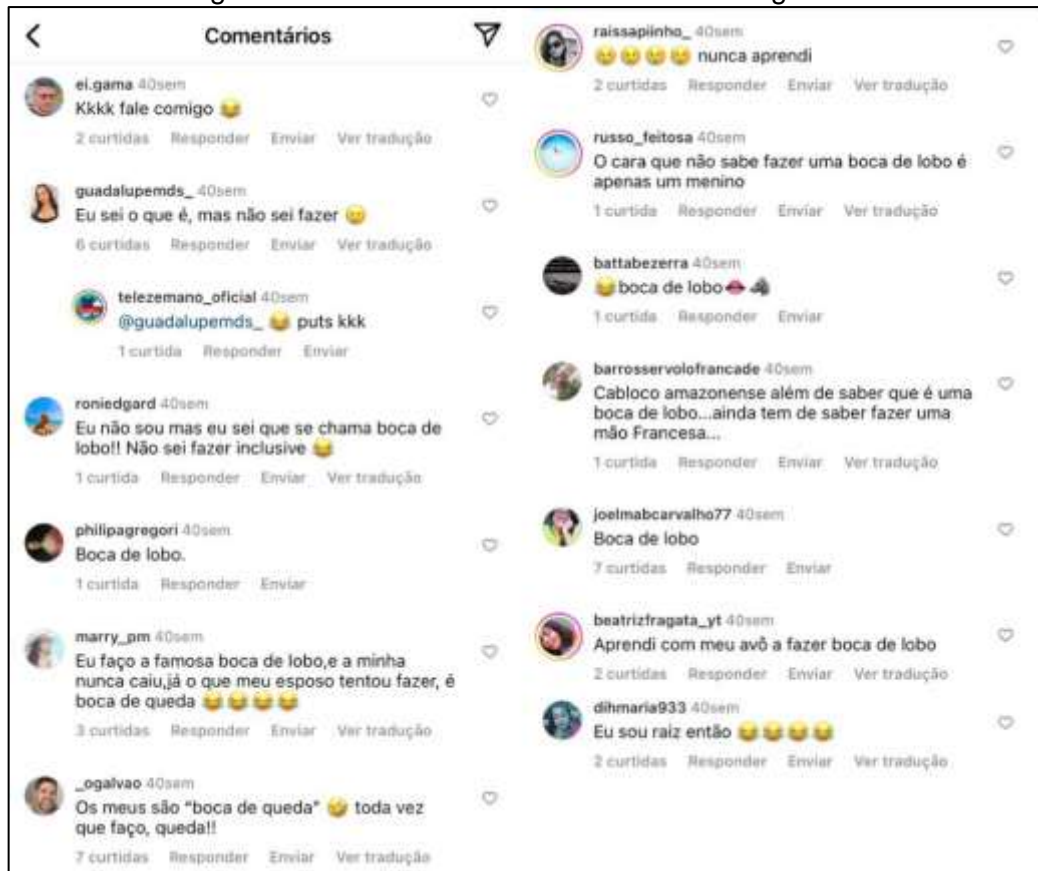
A gíria ‘Nutella’ vem, obviamente, da renomada marca de creme de avelã conhecida em vários países ao redor do mundo, provavelmente, por ser um produto muito popular entre os jovens da classe média/alta. Logo, ‘geração Nutella’ é utilizada para zoar e referir-se às crianças e aos adolescentes que cresceram em meio a tecnologia, à geração moderna/ gourmet; aos ditos ‘frescos’ (Museu de Memes, 2018).

A partir da significação dos termos raiz e nutella, verifica-se na imagem apresentada pelo meme, o nó chamado de ‘boca de lobo’, comumente utilizado para atar a rede e, assim, se estabelece duas categorias de ‘caboco’ – “palavra utilizada

⁵⁷ MANO, Telezé. **Poucos vão acertar**. 02 abr. 2022. Instagram. https://www.instagram.com/p/Cb2lc9WLqIW/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

para designar um sujeito” (Freire, 2020, p. 48) – o ‘raiz’, que sabe reproduzir o nó, e o ‘nutella’, que não tem tal conhecimento.

Figura 40 - Comentários sobre o meme da Figura 39



Fonte: Telezé Mano⁵⁸

É notória a interação dos usuários e seguidores da página 'Telezé Mano', por meio de muitos comentários, ao serem instigados pelo meme da Figura 39. Assim, desejando demonstrar os seus conhecimentos tradicionais e, conseqüentemente, não assumir o status de 'caboco nutella', houve muitas participações que não só demonstraram o orgulho de saber o que é um nó 'boca-de-lobo', como também exploraram outros aspectos inerentes à habilidade, tudo isso com muito bom humor e relatos de vida: 'kkkk fale comigo', 'Boca de lobo', 'Eu faço a famosa boca de lobo, e a minha nunca caiu, já o que meu esposo tentou fazer, é boca de queda', 'O cara que não sabe fazer um boca de lobo é apenas um menino', 'Aprendi com meu avô a fazer boca de lobo'. Desse modo, corrobora-se que "[...] toda narrativa, ao afirmar identidades, contraditoriamente, também convoca alteridades que as constituem, por imitação, por subordinação ou por antagonismos e contrastes" (Martins de Souza, 2019, p. 192).

⁵⁸ Idem.

Figura 41 – Meme sobre o folclore da região norte



Fonte: Telezé Mano⁵⁹

O meme analisado desta vez ressalta o regionalismo amazonense por meio de uma das principais manifestações folclóricas que constitui o imaginário da região. Para tanto, utiliza como elemento central a imagem de um boto e uma das principais personalidades do nosso estado, Isabelle Nogueira, conhecida por ser a cunhã poranga do Boi Garantido⁶⁰. Atrelado a isto, a informação verbal que compõe o meme – ‘Mano o Boto tá cunscaralho pra cima da Isabelle Nogueira’ – contextualiza e dá o tom regional e folclórico enfatizado pelo gênero digital, ou seja, além da linguagem local, com destaque às expressões ‘mano’ e ‘boto’ – “cetáceo dos rios amazônicos” (Freire, 2020, p. 45) – o meme simboliza, por meio do animal identificado na imagem, a lenda do boto-cor-de-rosa que se transforma em homem e seduz mulheres para engravidá-las.

⁵⁹ MANO, Telezé. **O Cara não perde tempo Tuedoidoé kkkkkk**. 03 ago. 2022. Instagram. https://www.instagram.com/p/Cgz5WtCJzDz/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 09 jan. 2023.

⁶⁰ Santos (2022) destaca os Bois Garantido e Caprichoso como elementos centrais em um dos maiores festivais folclóricos do Brasil – o Festival Folclórico de Parintins – cuja origem é nordestina: “O Bumbá meu boi advindo do Maranhão se transfigura ao chegar na Amazônia com os imigrantes nordestinos para a brincadeira de Boi-Bumbá, pois como manifestação cultural tomou outra vertente ao entrar em contato com os indígenas que aqui habitavam, e com os negros trazidos por força da escravidão” (SANTOS, 2022, p. 76)

Figura 42 - Comentários sobre o meme da Figura 41



Fonte: Telezé Mano⁶¹

Os comentários sobre o meme da Figura 41 demonstram o conhecimento cultural e folclórico de parte dos amazonenses, pois é possível apontar algumas referências à lenda, revestidas de gracejos é claro, além de admiração pela cunhã poranga do Boi Garantido: '*Boto é brabo mano. Só namora cabocla bonita*', '*A lenda se concretizando*', '*Ela é magnífica*'. Outra importante situação identificada é a participação da própria personalidade destacada na imagem que compõe o meme, Isabelle Nogueira, participando da brincadeira e ironizando o texto: '*Olha já*', '*Daqui a pouco sai daqui que eu to prenha e vai virar uma grande fofoca*'. Assim, o riso provocado pelo meme, mais uma vez, faz um apelo à subjetividade do amazonense, isto é, o cômico surge a partir de um conjunto de elementos que integram uma significação social (Bergson, 2018).

⁶¹ Idem.

Figura 43 – Meme sobre o lazer amazonense



Fonte: Telezé Mano⁶²

O último meme que compõe o corpus desta pesquisa retrata um espaço muito popular atualmente, por se apresentar como uma excelente alternativa de lazer para o povo da região. Por isso, a imagem que constitui o gênero digital desta vez apresenta um 'flutuante', que, segundo o dicionário Amazonês, trata-se de uma "plataforma construída sobre tronco de árvores" (Freire, 2020, p. 75). No centro, há a presença de um rapaz, envolvido por uma boia, cuja expressão não revela total satisfação ou alegria em estar ali. Assim, a informação verbal – 'Eu na beira do flutuante porque não sei nadar' – dá conta de contextualizar e significar a imagem de forma bem-humorada, evidenciando uma situação que é vivida por alguns moradores do Amazonas que não sabem nadar.

⁶² MANO, Telezé. **Queria nem rir agora kkkkkkkk**. 17 nov. 2022. Instagram. https://www.instagram.com/p/CIESJyxpm_W/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 12 jan. 2023.

Figura 44 - Comentários sobre o meme da Figura 43



Fonte: Telezé Mano⁶³

Os comentários realizados ao meme da Figura 43 realçam um sentimento de identificação com o fato narrado, ou seja, muitos usuários se viram na mesma condição do rapaz exposto no centro da imagem: ‘Eu’, ‘Não tenho raiva de não saber nadar, eu tenho é ódioooooo’, ‘Eu no flutuante de Novo Airão’, ‘Eu mesma [...] tomando banho de cuia’, ‘Todinha! [...] E mais 3 macarrão no meio das pernas. E tensa com medo de bicho na água [...] Telezé eh!’. Outros internautas expuseram o outro lado da história, isto é, a impressão causada pelo meme àqueles que sabem nadar: ‘Sou de Maués ali jogou na água já sai nadando’, ‘Foram muitos anos de sofrimento, mas, aprendi a nadar, e não abandonei o costume!! Kkkkkkk’. Neste sentido, estas interações em forma de comentários exibem o ‘eu’ que existe em cada sujeito, todavia, “[...] essa escrita de si revela um falar de si que nunca é somente de si, visto que a constituição de si se dá, inevitavelmente, a partir da relação com @s outr@s” (Scrimim, 2019, p. 73), portanto, o compartilhamento de memes e/ou comentários em postagens revelam não só uma predileção pelo conteúdo, mas também a subjetividade e a identidade de um grupo.

⁶³ Idem.

2.4 COTEJAMENTO DAS ANÁLISES

Nesta etapa de cotejamento das análises, adotou-se o processo de categorização apresentado nos estudos de Bardin (2016), segundo o qual é definida como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento [...], com os critérios previamente definidos” (Bardin, 2016, p. 117). Dessa forma, seguindo um critério semântico (Bardin, 2016), notou-se os pontos de convergência e divergência entre os memes, resultando na organização de 8 (oito) quadros.

Conseqüentemente, à princípio, constatou-se nos memes que integram o corpus desta pesquisa alguns pontos de concordância: a presença de duas modalidades (verbal e visual); a abordagem aos aspectos da cultura amazonense que intenciona significar a identidade da região; e o público-alvo destas produções, usuários da rede social *Instagram*, que possuem algum vínculo com o Amazonas (naturalidade, moradia etc.) e/ou conhecimento sobre os costumes e peculiaridades locais. Além disso, percebeu-se uma outra característica em comum utilizada estrategicamente em todos os 20 (vinte) memes selecionados, trata-se da presença de termos ou expressões locais, conhecidas como ‘amazonês’, com intuito de significar a região norte por meio da linguagem, como destaca, a seguir, o Quadro 1:

Quadro 1 – A presença da linguagem amazonense nos memes

Meme	Enunciador	Termo/Expressão Local
Figura 7 – Meme que satiriza personagens da novela Pantanal	Manaus Memes	Jaraqui, Telezé
Figura 9 – Meme que ironiza a informação da página ‘exame’	Manaus Memes	Kikão
Figura 11 – Meme produzido com base na série ‘Round 6’	Manaus Memes	Até o tucupi
Figura 13 – Meme sobre a Linguagem Amazonense I	Manaus Memes	É papo pô
Figura 14 - Meme sobre a Linguagem Amazonense II	Manaus Memes	Nuntem
Figura 15 - Meme sobre a Linguagem Amazonense III	Manaus Memes	Tá só o pitiú
Figura 17 – Meme que satiriza o filme ‘Avatar: O caminho da Água’	Manaus Memes	Curumim
Figura 19 – Meme sobre o comportamento amazonense	Telezé Manaus	Tenho pra mim
Figura 21 – Meme sobre o dia a dia do Distrito Industrial de Manaus	Telezé Manaus	Rota, boto pra cima

Figura 23 – Meme sobre a lesão de Neymar	Telezé Manaus	Andiroba, banha de cobra
Figura 25 – Meme sobre a convivência em casal	Telezé Mano	Galeroso
Figura 27 – Meme sobre ‘visagem’	Telezé Mano	Visagem
Figura 29 – Meme sobre a aparência dos amazonenses	Telezé Mano	Égua, mano
Figura 31 – Meme sobre o humor amazonense	Telezé Mano	Balsa
Figura 33 – Meme sobre um dos mais importantes símbolos do AM	Telezé Mano	Mana(o), ticar
Figura 35 – Meme sobre o AM no olhar de quem não habita a região	Telezé Mano	Pomba-lesa
Figura 37 – Meme sobre peculiaridades amazonenses	Telezé Mano	Carapanã
Figura 39 – Meme sobre a famosa ‘boca de lobo’	Telezé Mano	Caboco
Figura 41 – Meme sobre o folclore da região norte	Telezé Mano	Mano, boto
Figura 43 – Meme sobre o lazer amazonense	Telezé Mano	Flutuante

Fonte: Autor (2023)

Os termos utilizados na construção dos memes produzem uma identidade linguística que situa o discurso do sujeito morador do Amazonas e, notoriamente, aproxima o usuário amazonense do conteúdo multimodal apresentado. Entretanto, “[...] a identidade linguística não garante a identidade discursiva” (Freire, 2020, 12) e isso aponta para o fato de que, por trás de cada meme, existem questões ideológicas que garantem a “identificação [ou] contra-identificação” (Freire, 2020, p. 15) dos sujeitos.

Por isso, entender as divergências entre os memes analisados é importante para observar a relação entre a composição memética, o assunto explorado pelo gênero digital e o efeito de sentido atribuído pelos usuários através de comentários tecidos espontaneamente. Dessa maneira, considerando um elo temático ou discursivo, no Quadro 2 observa-se 7 (sete) memes que exploram situações corriqueiras e/ou triviais da vida do morador da região norte do país.

Quadro 2 - Memes situacionais

Meme	Enunciador	Comentário
Figura 9 – Meme que ironiza a informação da página ‘exame’	Manaus Memes	<i>‘Se eu não comer, aí sim que eu perco 36 min de vida, kikão é vida, ainda mais se for 3x10’</i>
Figura 17 – Meme que satiriza o filme ‘Avatar: O caminho da Água’	Manaus Memes	<i>‘Me falaram que ele é do Interior do Amazonas’</i>

Figura 19 – Meme sobre o comportamento amazonense	Telezé Manaus	<i>'Isso ai é eu viu, Lavando louça'</i>
Figura 25 – Meme sobre a convivência em casal	Telezé Mano	<i>'kkkk desse jeito mesmo kkkkk'</i>
Figura 31 – Meme sobre o humor amazonense	Telezé Mano	<i>'Se jogar no rio vira um flutuante novo kkkkkkkkkkkk'</i>
Figura 33 – Meme sobre um dos mais importantes símbolos do AM	Telezé Mano	<i>'Me vi nesse post'; 'Genteeeeee isso é um crime'</i>
Figura 41 – Meme sobre o folclore da região norte	Telezé Mano	<i>'Mano o Boto tá cunscaralho pra cima da Isabelle Nogueira'</i>

Fonte: Autor (2023)

Os memes que compõem este quadro exploram situações comuns do dia a dia do amazonense. Assim, temos nas Figuras 9 e 33 um destaque a alimentação do amazonense, representada, neste caso, pelo kikão e pelo peixe; nas Figuras 17, 19 e 25 nos deparamos com memes que exibem certos comportamentos, tais como: a formação de famílias numerosas comuns no interior do Amazonas, uma determinada postura das pernas ao se lavar uma louça, e o uso de camisas largas (masculinas) pelo público feminino, no interior de seus lares, para ficarem mais à vontade. Já as Figuras 31 e 41 salientam o bom humor amazonense, ressaltado pela comparação de um tênis grande com um flutuante, ou de um boto qualquer com a lenda que integra a cultura local.

Em todos estes casos, vê-se, por meio dos comentários, a autoidentificação, pelo fato dos textos refletirem práticas ou memórias que remontam às lembranças dos usuários. Percebe-se também que a cultura participativa das redes sociais propicia a extensão do sentido proposto pelos memes, o que torna, neste caso, a subjetividade daquele que interage ainda mais explícita. Sobre este comportamento, Scrimim (2019) reforça que “[...] imprimimos nas redes o que pensamos, gostamos, queremos, como agimos, onde estamos, com quem estamos, etc. Informações que nem nós mesmos temos explícitas e descritas sobre nós e que constituem nossa subjetividade” (Scrimim, 2019, p. 27).

Dessa maneira, o discurso de pertencimento é notório a partir dos comentários realizados pelos usuários, destacando o fato de que “[...] a identidade está ligada ao reconhecimento e, inexoravelmente, também ao contexto social que abriga tal processo reflexivo identitário” (Resende Junior, 2010, p. 79).

No quadro seguinte, foram listados os memes que abordam um certo estereótipo vinculado ao morador do norte do país:

Quadro 3 - Memes sobre o estereótipo amazonense

Meme	Enunciador	Comentário
Figura 29 – Meme sobre a aparência dos amazonenses	Telezé Mano	<p><i>‘O meu fica assim sem gel!’;</i></p> <p><i>‘Mn vcs fica chamando nos de índio coisa feia rapá’;</i></p> <p><i>‘É que a Amazônia é muito grande é tem mistura com japonês peruano boliviano e outros estados não dá mesmo pra saber se é amazonense só pelo cabelo não...’</i></p> <p><i>‘Sou amazonense. Meu cabelo e loiro e sou branco. As pessoas qnd viajo por outro estado até aqui msm no RJ qnd falo que sou de AM. Kkk mas tu não é ÍNDIO NÃO KKK SOU ÍNDIO BRANCO’.</i></p>
Figura 37 – Meme sobre peculiaridades amazonenses	Telezé Mano	<p><i>‘Tem muita maninho, prepara o burrifador amarelo’;</i></p> <p><i>‘A respo[s]ta: Tem uns macetão, porrudão assim se tu marca eles te carregam...’.</i></p>

Fonte: Autor (2023)

As Figuras 29 e 37 exibem memes que foram construídos a partir de um discurso estereotipado sobre o amazonense, ou seja, um conjunto de “opiniões que uma pessoa ou um grupo de pessoas formula previamente sobre outra pessoa, grupo, nação, coisa ou situação” (Sena; De Lima, 2012, p. 420). Assim, características físicas e comunicativas associadas aos moradores da região norte são expostas de forma genérica nestas produções meméticas, provocando diferentes reações nos usuários da rede social.

De acordo com Sena e De Lima (2012, p. 432) “[...] quando o discurso estereotipado, seja ele um discurso positivo ou negativo, é proferido, existe a formação, divulgação ou a afirmação de conceitos”. Neste sentido, observa-se por meio dos comentários, dois posicionamentos. O primeiro corresponde aos sujeitos que se reconheceram nos memes – afirmando o estereótipo; e o segundo, que diz respeito àqueles que se sentiram ofendidos e/ou discordantes do estereótipo exibido pelos memes – negando as características estereotipadas. Portanto, nota-se além do discurso de pertencimento – já observado nos comentários do Quadro 2 – a apropriação e disseminação inconsciente do discurso cosmopolita (Freire, 2009), utilizado para negar a ancestralidade indígena e a relação com a vida cabocla. Entretanto, é necessário um adendo, pois esta ‘negação’ ao exposto pelo meme, pode

estar relacionada a um discurso de autoridade, daquele que compreende a diversidade sobre a qual se formula a cultura amazonense (Benchimol, 2021) e, por isso, é discordante dos estereótipos apresentados pelas produções textuais.

O Quadro 4 exibe uma lista com produções meméticas que, apesar do bom humor, denunciam práticas preconceituosas:

Quadro 4 - Memes denunciativos

Meme	Enunciador	Comentário
Figura 13 – Meme sobre a Linguagem Amazonense I	Manaus Memes	<i>‘kkkkkk meu o linguajar do Norte é o melhor.’;</i>
Figura 14 - Meme sobre a Linguagem Amazonense II	Manaus Memes	<i>‘Quando eu fui pra outro estado, era igualzin kakakaka’;</i>
Figura 15 - Meme sobre a Linguagem Amazonense III	Manaus Memes	<i>‘Amazonense vergonha alheia’.</i>
Figura 35 – Meme sobre o AM no olhar de quem não habita a região	Telezé Mano	<i>‘Eu só queria estar desse jeitinho, só de boa numa redinha, tô nem aí pra opinião dos outros’;</i> <i>‘Legal c já viu onça pelas ruas ??? É a pergunta q mais me fazem bixo ô ódio’.</i>

Fonte: Autor (2023)

As Figuras 13, 14, 15 e 35 exibem memes que exemplificam práticas preconceituosas, oriundas de outras regiões do Brasil, relacionadas à cultura amazonense e, desta forma, potencializam a realização de comentários que destacam pelo menos dois discursos: o discurso de pertencimento, facilmente observado nas interações realizadas pelos usuários que tentam defender aquilo que reconhecem como o seu patrimônio histórico e cultural; e o discurso xenofóbico, identificável na fala de sujeitos que tentam diminuir as práticas culturais pertencentes ao norte brasileiro, colocando-a como inferior, assim como o povo que a reproduz.

Os memes listados no Quadro 4, por conseguinte, ajudam a reforçar a identidade através do reconhecimento (Resende Junior, 2010) e a distinguir a contra-identificação (Freire, 2020), como resultado desta mesma experiência leitora proporcionada pelos memes, ressaltando, assim, a diversidade discursiva que é visualizada nestes espaços virtuais.

O próximo quadro exibe uma lista de memes cuja composição está ligada, principalmente, ao contexto ‘urbano’.

Quadro 5 - Memes com ênfase no contexto urbano

Meme	Enunciador	Comentário
Figura 11 – Meme produzido com base na série 'Round 6'	Manaus Memes	'Se a bemoi faz um jogo desse quem ia sair vivo? Kkkkkkkkkkk'
Figura 21 – Meme sobre o dia a dia do Distrito Industrial de Manaus	Telezé Manaus	'Normal kkk. Sejam bem vindo ao DISTRITO!'; 'Manaus kkkk'.

Fonte: Autor (2023)

Os memes listados no Quadro 5 realçam o contexto urbano, ligado principalmente à capital Manaus, revelando esta parcela da subjetividade que integra esse eu-amazonense. Desta forma, as Figuras 11 e 21 são compostas por dois elementos-chave que conduz os leitores/usuários ao plano de fundo da grande metrópole: o consumismo típico da capital, reconhecida como o maior centro comercial da região norte; e o Distrito Industrial de Manaus, símbolo da economia manauara/amazonense.

Neste contexto, o discurso cosmopolita (Freire, 2009) é evidente a partir destes memes, pois ao reforçarem algumas das particularidades da capital amazonense, exibem também o urbano que compõe o universo subjetivo dos habitantes do norte do país. E os comentários, neste caso, apenas ampliam a intenção discursiva já realçada através dos memes.

Já no Quadro 6 encontramos algumas produções meméticas ligadas ao contexto campestre amazonense:

Quadro 6 - Memes com ênfase no contexto campestre

Meme	Enunciador	Comentário
Figura 23 – Meme sobre a lesão de Neymar	Telezé Manaus	'Um óleo elétrico com sebo de Holanda e uma puxada rapidinho ele fica bom'; 'Faltou a bezendeira daí mermão no mesmo dia tá correndo'; 'Isso que dar não andar com pomada da copaiba'.
Figura 27 – Meme sobre 'visagem'	Telezé Mano	'Bacana é alguém ir no banheiro de madrugada e as tábuas do assoalho ficar estalando [...] da até medo de abrir o olho'; 'Quando meu avô contava eu já queria dormir pra não ouvir, mas como é que dorme com medo'.

Figura 43 – Meme sobre o lazer amazonense	Telezé Mano	'Eu no flutuante de Novo Airão'; 'Eu mesma [...] tomando banho de cuiá'.
---	-------------	---

Fonte: Autor (2023)

As Figuras 23, 27 e 43 exibem, cada uma à sua maneira, outra parcela da subjetividade amazonense, desta vez, ligada ao cenário campestre, ou melhor, à vida cabocla, típica do interior do Amazonas. Neste sentido, as produções multimodais utilizam três elementos simbólicos deste universo interiorano: os remédios caseiros (herança indígena), a visagem (histórias de assombração que compõem o imaginário caboclo) e o flutuante (plataformas construídas sobre as águas e que simbolizam o lazer do banhista amazonense).

Vê-se nesses casos a presença do discurso caboclo (Freire, 2009), ou seja, aquele que ressalta e valoriza a vida e os costumes típicos do interior amazonense, neste sentido, os comentários ajudam a reforçar esta subjetividade do homem do norte, por meio do compartilhamento de experiências e memórias cultivadas nesta região interiorana do Amazonas.

No Quadro 7, o penúltimo desta etapa de cotejamento, é possível observar memes que apresentam o contraste entre o contexto urbano e o campestre:

Quadro 7 - Representação do contraste: urbano x campestre

Meme	Enunciador	Comentário
Figura 7 – Meme que satiriza personagens da novela Pantanal	Manaus Memes	'Num gosto'; 'Eu não como nenhum peixe'; 'Jove de hoje estão demais'; 'Eu faria comer bodó'.
Figura 39 – Meme sobre a famosa 'boca de lobo'	Telezé Mano	'Eu faço a famosa boca de lobo, e a minha nunca caiu, já o que meu esposo tentou fazer, é boca de queda'; 'Aprendi com meu avô a fazer boca de lobo'.

Fonte: Autor (2023)

Os memes que compõem o penúltimo quadro são, evidentemente, produções que realçam um contraste comum e visível dentro e fora dos espaços virtuais, isto é, os costumes e hábitos correspondentes ao dia a dia de um habitante da capital amazonense, em contraste com as peculiaridades que constituem a vida do morador do interior do Amazonas.

Observa-se, por conseguinte, tanto na composição multimodal das Figuras 7 e 39, quanto nos comentários realizados pelos usuários da rede social, a presença de dois discursos, de um lado o ‘cosmopolita’ e do outro o ‘caboclo’ (Freire, 2009). Assim, os memes em questão, conduzem os leitores a um posicionamento ideológico inconsciente (Freire, 2021), demonstrando certa inclinação a uma das vertentes discursivas a partir de questões aparentemente triviais, ou seja, aqueles que gostam (caboclo) ou não de bodó (cosmopolita), ou aqueles que sabem (caboclo) ou não dar o nó boca de lobo (cosmopolita).

Enfim, temos o Quadro 8. Nele as produções meméticas, já exibidas em quadros anteriores, realçam, desta vez, um fenômeno, infelizmente, comum: o sentimento de não reconhecimento ou autoidentificação com aquilo que deveria significar a subjetividade de indivíduos da região norte.

Quadro 8 - Negação à Identidade Local

Meme	Enunciador	Comentário
Figuras 13, 14, 15	Manaus Memes	<i>‘Amazonense vergonha alheia’</i>
Figura 29	Telezé Mano	<i>‘Meu Deus, fui enganada será que não sou [do] Amazonas’</i>

Fonte: Autor (2023)

Observa-se, portanto, comentários, que ao serem realizados por usuários que habitam a região norte, reforçam um discurso colonial, ou melhor, do colonizado, no sentido de que “[...] continu[am] submetid[os] à lógica do colonialismo, do neocolonialismo, [...] cuja consequência mais perversa é a sedimentação de uma consciência cultural regida pela lei da heteronomia” (Oliveira, 2014, p. 36), resultando na desapropriação daquela que deveria ser identificada como sua própria cultura ou cultura de origem e, conseqüentemente, valorando outras práticas e manifestações culturais, oriundas de outras regiões e/ou continentes que foram aproximados com o rompimento de fronteiras que existiam antes da globalização e da *internet*.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E RESULTADOS

Após a análise dos memes e de seus respectivos comentários, considerando, portanto, o aspecto textual (estrutural e composicional), o discursivo e o receptivo (impressões subjetivas externadas por cada internauta), foi possível entender a maneira como a identidade cultural amazonense é significada no ciberespaço das redes sociais, ou melhor, as múltiplas identidades do homem do norte. Os estudos de Benchimol (2021) já revelavam a complexidade identitária da região norte, justificada, principalmente, pelos movimentos migratórios, entretanto, os espaços virtuais intensificaram a diversidade cultural característica da região, evidenciando posturas, comportamentos e discursos que compõem diferentes perfis amazonenses: Caboclo Raiz, Caboclo Nutella, Caboclo Fake e Caboclo Multicultural.

3.1 CABOCLO RAIZ

O primeiro perfil a destacar-se, a partir das análises realizadas, é o ‘Caboclo Raiz’. Essa classificação é facilmente observada no corpus selecionado, pois, ao utilizar na composição memética expressões típicas da fala amazonense – como demonstrado no Quadro 1 – o texto revela um apelo cultural, tornando, neste caso, a linguagem uma espécie de elo entre o gênero digital, o falante amazonense e o orgulho latente naqueles que se reconhecem nos termos que constroem parte da subjetividade deste lugar.

Nesse contexto, a identidade linguística do norte do país, estabelece um diálogo com a identidade discursiva assumida por aqueles que, sem se darem conta, utilizam-se do discurso de pertencimento (Resende Junior, 2010), revelando um sentimento de ufanía pelo lugar de origem, tal como notado no exemplo extraído da Figura 16: ‘KKKKKK meu linguajar do Norte é o melhor’.

Além disso, o ‘Caboclo Raiz’, significa-se também por meio do discurso caboclo (Freire, 2009), posto que, os memes que exploram situações comuns ao universo amazonense ligado aos rios, às matas e, principalmente, às peculiaridades da vida cabocla, tendem a promover um sentimento de autoidentificação em parte dos internautas amazonenses que navegam no ciberespaço, contatam esse tipo de meme e que são conhecedores e detentores de habilidades em atividades comuns à vida cabocla.

Nos Quadros 2, 3, 4 e principalmente nos Quadros 6 e 7, é possível comprovar tal assertiva, pois, inconscientemente os comentários realizados por usuários da rede social *Instagram* exibem o discurso caboclo, confirmando a fala de Orlandi (2015, p. 35) sobre esquecimento ideológico, ou seja, momento em que “temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes”.

Dessa maneira, comentários como estes – *‘Me falaram que ele é do Interior do Amazonas’*; *‘A respo[s]ta: Tem uns macetão, porrudão assim se tu marca eles te carregam...’*; *‘Eu só queria estar desse jeitinho, só de boa numa redinha, tô nem aí pra opinião dos outros’*; *‘Faltou a bezendeira daí mermão no mesmo dia tá correndo’*; *‘Bacana é alguém ir no banheiro de madrugada e as tábuas do assoalho ficar estalando [...] da até medo de abrir o olho’*; *‘Eu mesma [...] tomando banho de cuia’*; *‘Eu faria comer bodó’* – não só exibem memórias, conhecimento e apreço pela cultura do interior do Amazonas, como também um discurso que continua vivo nas manifestações linguísticas dos interlocutores locais, fora ou dentro dos espaços virtuais.

3.2 CABOCLO NUTELLA

O ‘Caboclo Nutella’, é o segundo perfil traçado e identificado a partir do corpus selecionado e das análises realizadas. Ele consiste, primeiro, em uma espécie de oposição ao ‘Caboclo Raiz’, portanto, os valores ideológicos são outros, assim como a maneira de se conectar à região norte, em especial ao Amazonas. Além disso, a expressão ‘nutella’ está ligada ao pouco conhecimento e experiência sobre algo, ou a pouca idade do indivíduo, fato que chama a atenção, porque, o *Instagram*, uma das maiores redes sociais do mundo na atualidade, tem como maior público os jovens (De Oliveira, 2021), ou seja, pela lógica, a maioria dos usuários conectados, consumidores destas produções textuais midiáticas são, provavelmente, adolescentes imersos no virtual e, por extensão, inseridos em um mundo tecnológico muito mais próximo das grandes metrópoles.

Assim, em memes cuja temática relaciona-se ao contexto urbano, à grande metrópole Manaus e com o dia a dia de um morador da capital, o ‘Caboclo Nutella’ exhibe-se como personagem central deste espaço. Um exemplo perfeito para esta descrição é o que se apresenta na Figura 21, na qual Neymar é exibido como um trabalhador do Distrito Industrial de Manaus e, desta forma, promove um sentimento

de autoidentificação com uma parcela da população amazonense que mora na capital e trabalha em uma das indústrias espalhadas pela cidade, confirmando, por conseguinte, o fato de que o usuário destes espaços virtuais, comumente narcisista, “[...] encontra no outro, antes de tudo a si mesmo” (Han, 2021, p. 100).

Consequentemente, ligado a estas produções meméticas, que abordam o cenário metropolitano manauara, está o discurso cosmopolita (Freire, 2009), realçado através das falas inclinadas à subjetividade amazonense ligada ao urbano. Neste sentido, nos Quadros 2, 4 e 5 é possível visualizar em alguns comentários esta ligação entre o amazonense e a capital por meio do discurso inconscientemente proferido: ‘Se eu não comer, aí sim que eu perco 36 min de vida, kikão é vida, ainda mais se for 3x10’; ‘Legal c já viu onça pelas ruas ??? É a pergunta q mais me fazem bixo ô ódio’; ‘Se a bemol faz um jogo desse quem ia sair vivo? Kkkkkkkkkkk’; ‘Normal kkk. Sejam bem vindo ao DISTRITO!’.

Ademais, o ‘Caboclo Nutella’ também está associado a pouca ou nenhuma habilidade em atividades classificadas como pertencentes aos hábitos e costumes do morador do norte do país, em especial às atividades oriundas de uma vivência do interior do Amazonas (ticar peixe, dar o nó boca de lobo etc.). No Quadro 7, é possível analisar e constatar em alguns comentários – ‘Eu não como nenhum peixe’; ‘Jove de hoje estão demais’; ‘Eu faço a famosa boca de lobo, e a minha nunca caiu, já o que meu esposo tentou fazer, é boca de queda’ – a maneira como ocorre esta definição de perfil que utiliza um critério básico ‘saber ou não saber’, ‘fazer ou não fazer’, situação que reforça o fato de que “a alteridade [...] é constitutiva da noção de interioridade, de eu, de identidade” (Martins de Souza, 2019, p. 193).

3.3 CABOCLO FAKE⁶⁴

O terceiro perfil é o ‘Caboclo Fake’. Trata-se de usuários das redes sociais e, obviamente, interlocutores que não possuem identificação com os discursos ‘cosmopolita e caboclo’ que constroem a subjetividade amazonense e que possibilitam a existência dos perfis citados anteriormente (Caboclo Raiz e Caboclo Nutella). Assim,

⁶⁴ De acordo com o Dicionário On-line Houaiss: “Fake é um termo usado para denominar contas ou perfis usados na Internet para ocultar a identidade real de um usuário, para proteger-se de spams, ou simplesmente passar o tempo; [...] fake está ligado a Notícia falsa: Notícias falsas são uma forma de imprensa marrom que consiste na distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio, ou ainda online, como nas mídias sociais”.

tem-se na palavra 'caboclo' o único ponto de contato com o eu-amazonense, isto é, o vocábulo representa simbolicamente a naturalidade ou moradia atual do sujeito. Quanto à palavra 'fake' é, neste caso, utilizada no sentido de ocultação de identidade, tal qual nota-se na postura de alguns internautas amazonenses.

No Quadro 8, é possível observar, a partir de alguns comentários, a maneira como ocorre o afastamento dos discursos formadores, que são logo substituídos pelo discurso do colonizador (Martins de Souza, 2019): 'Amazonense vergonha alheia'; 'Meu Deus, fui enganada será que não sou [do] Amazonas'. Vê-se, neste caso, um comportamento que distancia o homem do norte de sua cultura primária, valorizando apenas o que é 'de fora', de outras regiões (nacionais ou internacionais). A estes comportamentos Oliveira (2014, p. 40) realiza duras críticas tais como: "[...] o amazonense vê sua história como a história do outro, olha para si e não se vê e se se vê, vê-se sempre pelo espelho do preconceito".

Em vista disso, a autora faz uma associação deste problema à capital Manaus, ou melhor, a uma parcela dos moradores da metrópole amazonense: "Manaus se olha no espelho do colonizador para se reconhecer na recusa do perfil índio e caboclo que ofusca sua heterônoma identidade" (Oliveira, 2014, p. 44). A pesquisadora ainda acrescenta, "Manaus vive a cultura da recusa, do disfarce de uma existência regida pelo domínio da exterioridade" (Oliveira, 2014, p. 48). Dessa maneira, o perfil identificado no ciberespaço – 'Caboclo Fake' – revela um problema identitário que, além de se manifestar dentro e fora dos espaços virtuais, potencializou-se a partir da criação das redes sociais virtuais.

O filósofo Byung-Chul Han exhibe em suas proposições o virtual como uma espécie de bolha digital que "nos blinda cada vez mais contra o outro" (Han, 2021, p. 104), assim, estendendo o sentido desta assertiva, pode-se dizer que o 'outro', neste caso, não signifique somente as interações pessoais, mas também as interações culturais, aquela que se manifesta primeiro na vida do sujeito, ligada à sua naturalidade/ancestralidade. Desse modo, caso esta bolha torne-se a cada dia mais espessa na vida de parte da população amazonense, confirmar-se-á a tese de que "Culturalmente o amazonense, hoje, é um estranho de si mesmo" (Oliveira, 2014, p. 39).

3.4 CABOCLO MULTICULTURAL

O ‘Caboclo Multicultural’ é o último perfil constatado, caracterizando-se como aquele que reconhece a sua identidade amazonense formada a partir de dois discursos latentes no norte do país (caboclo e cosmopolita), mas que de forma antropofágica absorve outras culturas – hábitos, gírias etc. – por conta do rompimento de fronteiras causado pelo desenvolvimento tecnológico e, mais recentemente, pela criação das redes sociais digitais. Han (2018, p. 10) reforça esta assertiva, afirmando que “Arrastamo-nos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto”.

Desse modo, observa-se na composição memética das Figuras 11, 17, e 23 elementos que exigem do usuário um conhecimento ‘global’ – um filme (*Avatar: O caminho da Água*), uma série (*Round 6*) e um jogador de futebol famoso (Neymar) – ao mesmo tempo que o ‘local’ também é exigido, resultando, assim, em comentários bem-humorados, cheios de memórias e galhofas: ‘*Me falaram que ele é do Interior do Amazonas*’; ‘*Se a bemol faz um jogo desse quem ia sair vivo? Kkkkkkkkkkk*’; ‘*Um óleo elétrico com sebo de Holanda e uma puxada rapidinho ele fica bom*’. Evidencia-se, portanto, a presença do discurso multicultural (Barroso; Bonete; Queiroz, 2017), utilizado com o propósito de significar o pluralismo cultural existente na contemporaneidade, bem como a necessidade de viver em harmonia com esta diversidade que compõe, também, a subjetividade dos sujeitos. Exibindo, assim, a cultura como “[...] uma teia de significados que o homem tece para si, continuamente, e refaz, e repensa e busca novas significações” (Rezende Junior, 2010, p. 75), ou seja, “[...] as representações ganham vida, os significados se modificam e novas visões são incorporadas” (Rezende Junior, 2010, p. 75).

Nesse contexto, o ‘Caboclo Multicultural’ é o perfil que reúne em si características necessárias ao contexto vigente, isto é, apresenta uma preocupação com os acontecimentos globais que integra a sociedade da qual faz parte, mas, também, ver no local a importância de manter contato com as suas raízes. Corroborando, por conseguinte, com Freire (2009, p. 4): “[...] é no âmbito local que a cultura global hegemônica é refuncionalizada através de relações de assimilação e rejeição, constituindo-se na glocalização [...]”.

3.5 O AMAZONENSE, UMA 'PERSONALIDADE MÚLTIPLA'

Compreender a identidade cultural amazonense é, sem dúvida, estar disposto a um mergulho profundo na história que se constrói e se reconstrói todos os dias sobre esta região. Por isso, o virtual, elemento contemporâneo que integra a vida de todos os indivíduos, precisa ser destacado neste cenário, já que age de maneira decisiva sobre as interações humanas e manifestações culturais deste século. Assim, os perfis apresentados anteriormente – Caboclo Raiz, Caboclo Nutella, Caboclo Fake e Caboclo Multicultural – são representações simbólicas do homem do norte que se expressa dentro e fora do ciberespaço. Entretanto, nas redes sociais virtuais, estes sujeitos, ao interagirem através da linguagem, se revelam sem a pretensão de fazê-lo, apresentando e registrando marcas ideológicas e discursivas. Em outras palavras, o sujeito “[...] se submete à língua mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se. E o faz em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado, em que se reflete sua interpelação pela ideologia” (Orlandi, 2005, p. 2).

A região norte, porém, possui certas limitações quanto ao acesso à *internet*, segundo o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor e Derechos Digitales (IDEC, 2022, p. 3) “em partes da região, sequer há provisão de acesso à internet, e quando há, a velocidade de conexão é insuficiente e instável [...]”. Ou seja, apesar do crescente número de domicílios conectados nos últimos 10 anos, de 24% em 2009 para 83% em 2020 (IDEC, 2022), ainda há a necessidade de intervenções políticas para a garantia deste direito. Então, quem acessa e interage neste meio sóciodigital? A resposta é a seguinte: “Enquanto quase todas as residências da Classe A contam com internet (99%, segundo o Cetic.br), apenas a metade dos domicílios D/E (50%) têm algum tipo de acesso à rede mundial de computadores” (IDEC, 2022, p. 5). Assim, entende-se que os perfis traçados nesta pesquisa, sobre o morador do norte do país, não contemplam a sua totalidade, mas parte dela que, mesmo assim, se apresentou múltipla e diversificada na maneira de se expressar e significar a região norte, em especial o Amazonas.

Por isso, pensar na identidade amazonense no século XXI requer um olhar atento às “[...] novas formas de intera[ç]ão social favorecidas pela Internet, [pois estas] obrigam-nos a reconsiderar o significado dos conceitos de comunidade e identidade” (Castells, 1999, p. 281). Nesse contexto, Bauman chama a atenção para o fato de que

“as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (Bauman, 2021, p. 19). Ou seja, desde o nascimento, somos inseridos em um meio social que trata de nos orientar ideologicamente, tal como enfatiza Althusser (1989) ao afirmar que todos são ou estão inseridos “[...] ‘espontânea’ ou ‘naturalmente’, numa ideologia [...]” (Althusser, 1989, p.132). Entretanto, novas experiências e vivências compõem e constroem esse ‘eu’, que pode ou não ser influenciado por outras ideologias. Evidencia-se, desta forma, o processo de significação da identidade amazonense, formulada por mais de um perfil identificável na interação das redes sociais digitais.

Em vista disso, Castells (1999) discute a existência de dois tipos de identidade: uma de caráter individual e outra de caráter coletiva. Isso revela a necessidade de entender-se, primeiro, como indivíduo dotado de características particulares, para depois assumir-se como membro de um grupo. Por essa razão, na contemporaneidade, “[...] teremos de nos confrontar vezes sem conta com a tarefa da ‘autoidentificação’, a qual tem pouca chance de ser concluída com sucesso e de modo plenamente satisfatório” (Bauman, 2021, p. 105). Portanto, as redes sociais digitais realçam essa busca do sujeito amazonense pela autoidentificação, mostrando o seu eu-individual e, conseqüentemente, o seu eu-coletivo. Para isso, eles assumem espontaneamente, discursos e ideologias que ganham força à cada nova interação virtual.

Em suma, é indiscutível como a assertiva de que “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” (Althusser, 1989, p. 131) se comprova neste estudo. Sem parecer, a ideologia impõe aos indivíduos a condição de sujeito ideológico, fato que torna possível esta ‘personalidade múltipla’ evidenciada neste estudo e significada pelos internautas amazonenses nos espaços virtuais.

Ademais, é importante destacar a maneira como a *internet* modificou a vida da humanidade, ou melhor, do amazonense, tornando o virtual não só um campo de manifestações culturais, como também de preservação de identidades (IDEC, 2022). Por fim, diante do questionamento de Bauman (2021, p. 48), “[...] como alcançar a unidade na (apesar da?) diferença e como preservar a diferença na (apesar da?) unidade?”, é necessário assumirmos o seguinte discurso: a “[...] identidade deve ser compreendida a partir da possibilidade dos indivíduos assumirem livremente os seus

modos de vida particulares nesta teia de significados por eles traçados, sem perder, contudo, a vinculação com a sua origem” (Rezende Junior, 2010, p. 77).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar essa pesquisa foi como adentrar numa roda de conversa e ouvir atentamente a um contador de histórias, aquele típico caboclo amazonense, que compartilha por meio da sua fala um pouco das memórias, experiências e manifestações culturais que constituem a sua própria identidade e, por extensão, a de um povo. Entretanto, este diálogo entre narrador e ouvintes ocorre em um contexto bem diferente daquele no qual os moradores amazonenses estão acostumados. Desta vez nada de redes atadas debaixo de árvores ou almoços em família onde o peixe e a farinha não podem faltar, o lugar escolhido foi o ciberespaço das redes sociais virtuais. Nesse sentido, é importante, inicialmente, rememorar a pergunta que norteou o desenvolvimento deste trabalho: De que maneira a produção e disseminação do gênero multimodal ‘meme’, constituído pela variante regional do estado do Amazonas – o amazonês – e por especificidades culturais do homem do norte, significa a identidade amazonense no ciberespaço das redes sociais digitais?.

Para responder ao questionamento base foi necessário desmembrá-lo em três perguntas, que foram respondidas ao longo desta dissertação: 1 - Quais são as características da linguagem e da cultura amazonense na contemporaneidade, em um contexto marcado pelo surgimento das redes sociais digitais?; 2 - Como o gênero digital ‘meme’, ao utilizar o amazonês e peculiaridades da cultura local em sua composição, retrata a identidade do morador do estado do Amazonas?; 3 - De que maneira a identidade amazonense é significada a partir dos discursos e posicionamentos ideológicos que constituem os textos e os sujeitos-leitores?

Desse modo, respondendo ao primeiro questionamento, compreendeu-se, algumas questões sobre a linguagem contemporânea. Essa linguagem é fortemente influenciada pelos espaços virtuais criados pela humanidade com o objetivo de facilitar a comunicação e as relações humanas, rompendo fronteiras, inclusive, culturais. Assim, é nítido o quanto as redes sociais representam para o século XXI um lugar confortável, utilizado como uma tela que, dia após dia, exhibe um autorretrato do seu usuário, ou seja, ‘do que eu gosto e de quem eu gosto’ são perguntas que podem ser facilmente respondidas no contexto contemporâneo, já que o mundo se transformou em uma grande vitrine pessoal. A linguagem, por sua vez, transfigurou-se para dar conta da necessidade de ‘dizer-se’, surgindo novos gêneros, com novas características, capazes de exibir o ‘eu’, criou-se então o ‘meme’.

O gênero em questão, por reunir em si mesmo multimodalidades e multiculturalismos, representa o que se tornou a comunicação nos dias de hoje, pois, neste século, falar ou escrever simplesmente parece não dar conta de transmitir tudo o que se tem a dizer, é necessário um pouco mais, um conjunto de imagens por exemplo, ou a unificação de tudo isso, de todas estas linguagens, de todas estas formas de dizer. O meme preenche esse requisito, disseminando múltiplas informações em uma velocidade absurdamente inconcebível de outra forma, que não nos espaços virtuais. Ser engraçado é também uma de suas qualidades, fato que oportuniza a crítica por trás do riso e o debate por trás do aparentemente trivial.

Além disso, notou-se que, assim como a linguagem, as manifestações culturais se modificaram e ressignificaram, explorando novos aspectos da humanidade. O meme, por exemplo, popularizou traços culturais que há vinte anos só poderiam fazer parte da vivência e memória de um grupo seletivo. Assim, a cultura amazonense vem ganhando certa notoriedade, porque ao apresentar a variante regional do estado do Amazonas – o amazonês – e peculiaridades da cultura do norte do país em forma de meme, reforça e significa a identidade de um povo. Ou seja, evidentemente, a cultura do amazonense sofreu algumas mudanças relacionadas ao impacto causado pela presença do ‘virtual’ na vida dos moradores da região. Dentre estas, a mais destacável é o próprio ato de identificar-se ou reconhecer-se culturalmente com as manifestações e costumes praticados e cultivados no estado do Amazonas.

Para responder ao segundo questionamento destaca-se os conceitos de ‘cultura e identidade’ como elementos-chaves para a compreensão deste trabalho, já que um dos objetivos traçados foi analisar a maneira como o meme, revestido por singularidades pertencentes ao estado do Amazonas, retrata a identidade do amazonense. Nesse contexto, notou-se no corpus de vinte memes a maneira como estes singularizam o norte do Brasil, ou seja, ao fazer uso de imagens que retratam peculiaridades locais, ao lado de registros linguísticos comumente relacionados ao Amazonas, os memes são capazes de despertar memórias que resultam na autoidentificação e estas, por sua vez, são externadas através de comentários ou pelo simples ato de compartilhar o texto em suas contas virtuais, a fim de que outras pessoas com os mesmos interesses e vivências parecidas, sintam-se identificadas.

Observa-se, também, que estes gêneros digitais exploram várias temáticas dentro de um mesmo contexto, neste caso o Amazonas. Por esse motivo, foi possível notar memes que abordavam características do dia a dia do morador da capital e

outros que exibiam especificidades do caboclo do interior, além de questões que denunciam práticas de preconceito linguístico/cultural. Percebeu-se, com isso, diferentes públicos, com diferentes comportamentos, posicionamentos e ideologias, evidenciando discursos que divergem e constroem a identidade cultural do homem do norte.

Por fim, respondendo ao terceiro questionamento, a Análise de Discurso propiciou entender a forma como a identidade cultural amazonense é significada no ciberespaço. Desvendando discursos (do colonizador, caboclo e cosmopolita) que integram não só a composição textual dos memes e os comentários analisados, como também a subjetividade do morador do estado do Amazonas. Assim sendo, o habitante do norte do país encontra-se envolvido em uma teia de discursos que - a depender exatamente da localidade do estado do Amazonas em que nasceu, da condição socioeconômica na qual está inserido e da formação cultural a qual foi submetido – em dado momento, assujeitar-se-á a um destes de forma inconsciente, tonando perceptível nas redes sociais perfis capazes de representar simbolicamente os vários 'EUs' que integram a cultura local - Caboclo Raiz, Caboclo Nutella, Caboclo Fake e Caboclo Multicultural.

Desse modo, a identidade cultural amazonense é expressa neste trabalho como uma 'personalidade múltipla', já que o 'eu-amazonense' significa-se no ciberespaço de muitas formas. No entanto, essas formas podem e devem ser entendidas como as peças de um quebra-cabeça que, somente quando unidas, são capazes de representar o todo. Afinal, o amazonense é o resultado de um processo histórico muito singular que resultou em uma cultura linda, única e diversificada.

Revela-se a partir das respostas obtidas, para os questionamentos que nortearam este trabalho, que os objetivos traçados inicialmente foram alcançados, por meio de revisão da literatura e da realização de processos de leitura, descrição e interpretação de texto, pautados nos procedimentos metodológicos definidos pela AD : Examinar as características da linguagem e da cultura amazonense na contemporaneidade, considerando as mudanças estabelecidas pelo surgimento e uso contínuo das redes sociais digitais; Analisar de que maneira o gênero digital 'meme', ao utilizar o amazonês e particularidades da cultura local em sua estrutura, retrata a identidade do morador do estado do Amazonas; Averiguar o modo como a identidade amazonense é significada a partir dos discursos e posicionamentos ideológicos que constituem os textos e os sujeitos-leitores. Entretanto, observa-se o surgimento de

novos questionamentos resultantes deste processo de escrita científica, tais como: o que se pode fazer em termos de políticas públicas, voltadas principalmente ao contexto educacional, para que a identidade cultural amazonense seja melhor explorada, enfatizada e ensinada nas escolas? O que ainda deve ser realizado para estimular e promover a valorização da identidade cultural amazonense pelos próprios amazonenses?

Como profissional da educação do estado do Amazonas, acredito demais no poder da escola e de seus educadores como agentes de transformação, por isso, a principal mudança que precisa acontecer é a 'ideológica', pois, apesar dos documentos oficiais que orientam as práticas pedagógicas já apontarem para um ensino mais personalizado à região na qual se está lecionando, ainda não há um trabalho abrangente realizado quanto ao aspecto identitário da região, o que se vê são práticas muito pontuais, isoladas em momentos específicos.

Por esse motivo, a criação de uma política pública que orientasse e desse o suporte necessário (livros didáticos voltados às peculiaridades da região norte, com poemas amazonenses valorizando a linguagem e a cultura local etc.) para um trabalho docente centrado na cultura do norte do país, resultaria em uma mudança real de postura dos habitantes desta localidade, dentro e fora do espaço escolar, assumindo enfim os discursos que integram o eu-amazonense. Além disso, deve-se, cada vez mais, fazer uso dos espaços virtuais e das múltiplas plataformas que existem para divulgar e compartilhar aspectos da cultura amazonense, pois, tal prática não só destaca aquilo que é 'nosso', como também promove experiências de autoidentificação e autoconhecimento. Proporcionando o contato com o outro, um 'igual', mas também com aquele que é diferente; criando-se comunidades que entendem a importância do 'local' em meio ao 'global', e reforçando valores.

Essas perguntas e reflexões proporcionam encaminhamentos para novos estudos que precisam ser realizados por aqueles que se importam com a preservação da cultura local. Assim como ficou destacado, nos serviços prestados à sociedade pelos administradores de páginas de memes que exploram as singularidades da cultura desta região, a necessidade de levar às gerações amazonenses atuais e às futuras um pouco dessa subjetividade, pois, ainda que em um contexto informal e através de memes, perpetuar a memória e traços culturais do eu-amazonense é acreditar que mesmo diante de um cenário de mudanças e constante evolução, não se deixará apagar a identidade cultural de um povo.

Ademais, esta dissertação contribui para a ampliação das discussões acadêmicas sobre a identidade cultural amazonense, servindo como base para estudos futuros que expressem interesse em aprofundar o tema. É evidente o valor que este trabalho representa ao contexto educacional, viabilizando práticas pedagógicas a partir do uso do gênero multimodal meme nas aulas de língua portuguesa, além de outras disciplinas que podem e devem se apropriar desta linguagem.

Enfim, chegamos ao final desta 'empreitada', porém, como todo bom amazonense contador de histórias, há sempre novas narrativas para serem compartilhadas em outras oportunidades. Espera-se que esta produção, realizada sob a ótica da Análise de Discurso, possibilite aos interlocutores esclarecimentos sobre os desdobramentos da linguagem e da cultura amazonense no contexto contemporâneo, mas também, a possibilidade de inferir novas significações.

REFERÊNCIAS

- ALKIMIM, T. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALTHUSSER, Louis (1989). **Aparelhos ideológicos do estado**. Rio de Janeiro: Graal.
- ALVES, Ivan Alexandrino. **O gênero multimodal meme**: uma proposta de leitura e construção de sentidos no ensino de língua portuguesa. 2020. 108 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras - PROFLETRAS) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira. 2020.
- AMAZONAS Educativo. – 1ª ed. – Manaus: Editora Formato 2, 2020.
- AMOÊDO, Rafael Seixas de. **Novos palanques na contemporaneidade**: as ágoras digitais. 2021. 213 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus. 2021.
- BAGNO, Marcos. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. Marcos Bagno, Gilles Gagné, Michael Stubbs. – São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROSO, Priscila F.; BONETE, Wilian J.; QUEIROZ, Ronaldo Queiroz de M. **Antropologia e Cultura**. [revisão técnica: Guilherme Marin]. – Porto Alegre: SAGAH, 2017. E-book. ISBN 9788595021853. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595021853/>. Acesso em: 04 out. 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2021a.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2021b.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – formação social e cultural**. 4 ed. / Samuel Benchimol. – Manaus: Editora Valer, 2021.
- BERGSON, Henri. **O riso**: Ensaio sobre a significação do cômico. Título original: Le Rire. Tradução e notas de Maria Adriana Camargo Cappello; Introdução de Débora Cristina Morata Pinto. São Paulo: Edipro, 2018.
- BRAGA, Hudson. **Contradições Persistentes**. Valer Cultural: Vidas ameaçadas, Manaus - AM, ano II, n. 10, p. 28-41, mai. 2014.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

DE OLIVEIRA, Kaynã. **Uso excessivo das redes sociais pode levar a uma realidade ficcional**. JORNAL DA USP. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/uso-excessivo-das-redes-sociais-pode-levar-a-uma-elaboracao-ficcional-da-realidade/>. Acesso em: 07 set. 2023.

FRANCHETTO, Bruna; LEITE, Yonne. **Origens da linguagem**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.

FREIRE, Sérgio. **Amazonês: termos e expressões usados no Amazonas**. – 3. Ed. – Manaus: Valer, 2020.

FREIRE, Sérgio. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. 2ª ed. – Manaus: EDUA, 2021.

FREIRE, Sérgio. **Janus, o caboclo high-tech: discursos fundadores e a cultura em Manaus**. Manaus, 27 de maio, 2009.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2.ª edição. – Manaus: Editora Valer, 2007.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. tradução de Lucas Machado. 1. Ed. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

HOUAISS, A. **Grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2. Acesso em: 22 mai. 2023.

IDEC. **Acesso à Internet na Região Norte do Brasil**. Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor e Derechos Digitales. Mar. 2022. Disponível em: <https://idec.org.br/pesquisas-acesso-internet>. Acesso em: 24 set. 2023.

JÚNIOR, Antônio Carlos Silva; SANTANA, Isabela Marília; MENEZES, Talita Santos. **“ARMARIA, BODE GAIATO!”: UMA PROPOSTA MULTIMODAL NA (RE) CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, v. 10, n. 10, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho Científico**. – 8 ed. – [3. reimp.] São Paulo: Atlas, 2018.

LIMA, Deborah de Magalhães. **A construção histórica do termo caboclo**: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. 1999.

LOHMANN, Renata. **Manda memes**: dinâmicas e trajetos de imagens. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES, Raquel Salgado. **O papel da narrativa na construção da Ideologia Amazônica**. A Linguagem e a Construção Literária, Manaus: Valer, p. 33-54, 2016.

MARTINS DE SOUZA, Luiz Carlos. **Memes e identidades amazônicas**: Narciso acha feio o que é espelho. Policromias-Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, v. 4, n. 2, p. 189-212, dez. 2019.

MUSEU DE MEMES. **Raiz x Nutella**. 2018. Disponível em: https://museudememes.com.br/collection/raiz-x-nutella?_gl=1*1vcevqn*_ga*MTc2ODcwODg5MC4xNzA0OTAxNjA1*_ga_M56MDBY3JM*MTcwNDkwMTYwNC4xLjEuMTcwNDkwMTgxOS4wLjAuMA..&_ga=2.34346529.1213644740.1704901606-1768708890.1704901605. Acesso em: 10 jan. 2024.

NASCIMENTO FIGUEIREDO, Aguinaldo. **História do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2011.

NOMINÉ, Bernardo. **Sobre Identidade e Identificações**: conferências (2014 – 2015). tradução de Eli-sabeth Saporiti ; organização e tradução de Sheila Skitnevsky Finger ; revisão técnica de Sandra Leticia Berta. – São Paulo: Blucher, 2018. E-book. ISBN 9788521213604. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788521213604/>. Acesso em: 04 out. 2022.

NUNES, Rosemeri Coelho. **Mídias aplicadas na educação e AVEA**. – 2 ed. rev. Florianópolis: IFSC, 2013.

OLIVEIRA, Gabriel de Souza. **Memes e semiose na web**: uma perspectiva ecossistêmica dos processos de comunicação na cultura contemporânea. 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

OLIVEIRA, José Alcimar de. **Cultura História e Memória**. 2.^a ed. – Manaus: Editora Valer, 2014.

OLIVEIRA, Renata Ipiranga de. **A Malvada e Dois irmãos**: uma análise discursiva da identidade feminina e da reprodução idealizada da mulher em textos audiovisuais. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

ORLANDI, Eni. **O Sujeito Discursivo Contemporâneo**: um exemplo. CD-Rom 2º SEAD. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2015.

PAIVA, Nágida Maria da Silva. "**BODE GAIATO**": uma proposta para o ensino da variação linguística no livro didático. 2018. 171F. Dissertação(Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras - PROFLETRAS) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018 .

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos** / Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento; Tradução: Eni P. Orlando – 5ª Edição, Campinas – SP: Pontes Editores, 2008.

PEDROSA, Geceilma Oliveira. **Discurso surdo**: uma reversibilidade de efeitos de sentido entre o poder surdo e a resistência. 2020. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2020.

REZENDE JUNIOR, João Pires de. **Discursos do pertencimento**: do infanticídio indígena aos caminhos da identidade. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**: leitura e produção. 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, R. **Pedagogia dos Multiletramentos**. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 11–31, 2012.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, Ana Lucia Cavalcante dos. **Corpo, cultura e poder**: as várias representações da cunhã poranga do festival folclórico de Parintins. 2022. 138 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2022.

SANTOS, Wilquer Quadros dos. **A gramática das construções mêmicas da Internet no português do Brasil**: uma interface da Gramática Sistêmico-Funcional e da Gramática do Design Visual. 2020. 186 f. Tese (Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

SENA, Antonio Eliseu Lemos Leal; DE LIMA, Diógenes Cândido. "Você é muçulmana, você fez isso": a representação do outro no discurso estereotipado. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 15, n. 2, p. 419-438, 2012.

SCRIMIM, Nayara Dias. **A influência das redes sociais na subjetividade d@s sujeit@s contemporâne@s.** – Campinas, SP:[s.n], 2019. Dissertação (Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, 2019.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture.** Massachusetts, EUA: MIT Press, 2014.

SOUZA, Márcio. **A Expressão Amazonense.** Manaus: Editora Valer, 2010.

TELLES, Tenório. **Clube da Madrugada – Presença modernista no Amazonas.** 2.^a ed. – Manaus: Editora Valer, 2019.

THOMPSON, John B., **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VANZAN, Vanessa. **What do you meme?:** humor, comunicação, cognição e relevância. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020. 102 f. Dissertação (Mestrado em linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.